

João Martins Nogueira Junior

UMA HISTÓRIA DOS DIVERTIMENTOS DO SUL MINEIRO:

Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas
do século XX(1891-1930).

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2017

João Martins Nogueira Junior

UMA HISTÓRIA DOS DIVERTIMENTOS DO SUL MINEIRO:

Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX(1891-1930).

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Rafael Fortes .

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2017

João Martins Nogueira Junior

UMA HISTÓRIA DOS DIVERTIMENTOS DO SUL MINEIRO: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX(1891-1930).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos do Lazer.

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Fortes Soares – Orientador (UFRJ)

Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias (UFMG)

Profa. Dra. Patrícia Vargas Lopes Araújo(UFV)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Rafael Fortes, pelas inúmeras contribuições com suas críticas, sugestões, parceria, perspicácia e olhar de alguém com um grande conhecimento, mas também grande em humildade.

Aos meus pais e irmãos, que sempre estiverem presentes nas razões de minhas escolhas e projetos profissionais e pessoais.

Ao professor Silvio Ricardo da Silva, que desde os tempos de minha graduação sempre me incentivou e acreditou em meu potencial e em minhas contribuições para o mundo dentro e fora da academia.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da UFMG, que muito contribuíram em nosso aprimoramento e reflexões a cerca desse fenômeno social e cultural.

Ao professor Cléber, que foi a inspiração inicial deste estudo e muito contribuiu em meu olhar sobre o passado com os pés fincados no presente.

À professora Patrícia Vargas Araújo, pelas referências e informações importantes sobre a história do sul de Minas.

A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Metropolitana A, pelo apoio e viabilidade em minha participação no curso de mestrado.

Aos colegas do mestrado, pelas trocas de saberes e diversões no decorrer de nossas aulas e encontros.

Ao professor Delfim Moreira Figueiredo, pelo apoio e incentivo para que pudesse realizar meus estudos no mestrado.

Ao meu primo e irmão Wendell, pessoa solidária e amigo de todas as horas com quem convivi momentos de alegrias, descobertas e muita cumplicidade.

A todos os meus amigos queridos, de ontem e de hoje, que muito estimularam meus passos acadêmicos e pessoais, incentivando e apoiando a minha trajetória e dividindo angústias, incertezas, alegrias e celebrações.

RESUMO

O presente estudo centra-se em uma pesquisa histórica sobre os principais divertimentos ocorridos no sul de Minas, entre as décadas finais do século XIX e as décadas iniciais do século XX, analisando as representações de tais diversões através dos periódicos das cidades de Campanha, Pouso Alegre e Itajubá. Nesse período, os ideais de modernidade e progresso estavam em voga, influenciando na conjuntura política, econômica e cultural da região. A metodologia aplicada foi a análise documental dos periódicos. Optou-se por realizar um “Estudo da Diversão”, os quais consideram recortes temporais anteriores à modernidade e também no âmbito desta, uma vez que não se substituiu de imediato um antigo formato de diversão por outros que surgiam. O termo “divertimento” foi recorrente nas páginas dos jornais e encontrado referências sobre o mesmo junto aos festejos religiosos, onde características do sagrado e do profano se influenciavam mutuamente. A população também se divertiu com a passagem do circo que atraía curiosos para os espetáculos ali apresentados e também para as companhias teatrais com suas apresentações de comédias e dramas. A região foi ainda, palco de festas nos dias de folia e inauguração da ferrovia na região, propiciando momentos de sociabilidade, diversão e lugar de pertencimento de cada segmento social. A imprensa deu destaque a esses momentos inspirada nos ideais de progresso e civilidade, os quais também influenciaram nos divertimentos que iam de encontro a moral e os bons costumes, como os jogos lícitos e ilícitos, a vadiagem e o meretrício, elementos presentes e constitutivos na diversão das pessoas daquele tempo. Os dados obtidos junto aos periódicos estavam impregnados de sentidos e significados próprios daqueles que escreviam em suas páginas, onde os divertimentos divulgados eram estratégias de controle, mas também permeados por contradições onde o antigo e o novo se influenciavam e fizeram parte do olhar para o futuro, mas com foco nas tradições e valores que persistiam em continuar também na vida divertida de quem habitava a região.

Palavras-chave: História. Imprensa. Divertimentos.

ABSTRACT

This study focuses in a historical research on the main amusements that occurred in the southern region of Minas Gerais-Brazil between the last decade of the nineteenth century and the early decades of the twentieth century (1891-1930), analyzing their representations through the newspapers of the cities of Campanha, Pouso Alegre and Itajubá. At that time, the progress and modernity ideals were in vogue, which influenced the political, economic and cultural circumstances of the region. The methodology applied in this research was a documental analysis on press and a "Study of Amusement" was carried out, which consider temporal excerpt prior to modernity and within its scope, since the new forms of amusement that arose did not immediately replace the prior ones. The term "amusement" was recurrent on newspapers, and its reference was found along religious festivities, where sacred and profane characteristics influenced each other. In addition, population used to amuse by circuses that passed by attracting curious people to their shows and to the theatrical companies with their comedies and dramas' presentations. The region was still the scene of festivities around the carnival days and the railway inauguration, providing moments of sociability, amusement and the sense of belongingness to each social segment. The Press focused these moments, inspired by the ideals of progress and civility, which also influenced the amusements accordingly with morality and good manners, such as licit and illicit games, vagrancy and prostitution, which were constitutive elements in that time people's amusements. Data obtained from newspapers were impregnated with particular meanings from those who wrote in their pages, where the announcement of amusements were control strategies, but also permeated by contradictions where the old and the new were influenced by each other and were part of the outlook for the future, but with a focus on the traditions and values that persisted in continuing also in the recreational life of those who inhabited the region.

Keywords: History. Newspapers. Amusements.

“Sobre o que, em seu território, ela ajunta de tudo, os extremos, delimita, aproxima, propõe transição, une ou mistura: no clima, na flora, na fauna, nos costumes, na geografia, lá se dão encontro(...), as diferentes partes do Brasil. Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas”. (Guimarães Rosa)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - RELIGIOSIDADE E DIVERSÃO.....	18
1.1 Celebrações para a Nossa Senhora: atos e festejos religiosos em torno da fé	19
1.2 As celebrações dos padroeiros e dias santos: o sagrado e o profano presente nos divertimentos das pessoas	30
1.3 Os leilões e as “tombolas”: instrumentos de diversão dentro e fora dos festejos religiosos	45
CAPÍTULO 2 - DIVERTINDO-SE COM AS ARTES DRAMÁTICAS E CIRCENSES	55
2.1. As companhias de arte dramática	56
2.2. O teatro: lugar de dramatizações, divertimentos e reuniões de um povo	73
2.3. As artes circenses: seu sucesso e prestígio junto a população das cidades	80
CAPÍTULO 3 - A DIVERSÃO NÃO PARA: PELAS RUAS, BARES E PRAÇAS.....	88
3.1. Festas pelas ruas das cidades: saudando fatos e pessoas	88
3.1.1. A Inauguração da ferrovia na região	88
3.1.2. A diversão pelos bares, em torno de fatos políticos e autoridades	99
3.2. O Entrudo e o Carnaval	110
CAPÍTULO 4 - DIVERTIMENTOS DO “SUBMUNDO”	121
4.1. O jogo e o caso das loterias	121
4.2. A prostituição e a vadiagem	134
4.3. Divertindo-se, mas de acordo com a moral e os bons costumes	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	154

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS.....	158
------------------------------------	------------

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa histórica sobre os principais divertimentos ocorridos no sul mineiro entre as décadas finais do século XIX e as décadas iniciais do século XX (1891-1930), analisando as representações desses movimentos através da imprensa. Optou-se como fontes os jornais publicados nas cidades que foram foco dessa pesquisa num período em que as populações de muitas cidades brasileiras eram influenciadas, buscavam e viviam uma nova experiência urbana, marcada por ideais de velocidade, dinamismo e inovação. Esse era o caso também da região sul de Minas, mas com características e peculiaridade próprias uma vez que:

Nesse processo acelerado de transformações das estruturas sociais e econômicas da região, é perceptível que as cidades, possivelmente por conta das apostas e projetos de suas elites, caminhavam em ritmo e sentidos diversos (SAES; FILHO, 2012, p. 86-87).

A aproximação e pesquisa junto a essa realidade através dos periódicos busca compreender os divertimentos dentro da dinâmica cultural em que estavam inseridas as pessoas e localidades. O sul de Minas no período aqui focado era marcado por diferentes características resultante de cidades tradicionais no abastecimento, cidades com aptidões turísticas, cidades que se convertiam em economias exportadoras:

Ao mesmo tempo em que as áreas da Mantiqueira e seus contrafortes (como, por exemplo Itajubá, Pouso Alegre, Poços de Caldas, Guaxupé e até Passos), pertencentes a faixa de fronteira com São Paulo, vinculam-se à dinâmica econômica paulistana e ao fluxo comercial com o Porto de Santos, as áreas do planalto sul mineiro (como por exemplo Alfenas, Varginha, Três Corações e Campanha) conservam até meados do século 20 relações estreitas com o Rio de Janeiro. Isso levanta a quantidade de variáveis a serem consideradas em qualquer tentativa de regionalização do chamado “sul de Minas” (SAES; CONSENTINO; GAMBI, 2012, p. 17).

Em cidades como Campanha, Itajubá e Pouso Alegre pode-se vislumbrar no período a citação da presença de teatros, praças, igrejas, hospitais, colégios, ferrovias, bondes, hotéis, calçamento, iluminação pública e outras descrições dessas cidades sul mineiras¹. Entretanto, a região era marcada por uma fragmentação de sua população em

¹ Minas Gerais. Anuário Histórico-Chorographico de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1909.

idades pequenas e medianas, sem um centro irradiador das atividades econômicas. Para Gambi *et al.*:

Mas o que permite considerar o Sul de Minas com essa dinâmica própria e, por isso, pensar em sua regionalização e urbanização, é uma certa homogeneidade no perfil das cidades e a intensidade das transformações econômicas do período[...] Permaneceu um perfil citadino muito próximo: pequenas e medianas cidades, mercados consumidores restritos e, conseqüentemente, atividades econômicas de caráter local (GAMBÍ *et al.* 2012, p.15).

A escolha das cidades aqui focadas, Itajubá, Pouso Alegre e Campanha, foi devido a dificuldade de se pesquisar todas as cidades da região, necessidade de delimitações próprias do estudo e também pela importância das mesmas naquele momento. É importante registrar que essa opção não tem a pretensão de estabelecer relações de similaridades com as demais cidades da região, ou entre as mesmas, mas oferecer um olhar sobre um dado lugar, num dado momento histórico. Essas cidades têm suas origens ligadas com a construção deste território conhecido como Sul de Minas que teve origem com a formação da cidade de Campanha da Princesa, em 1789. E, neste cenário, era Campanha que capitaneava as principais transformações da região, onde antigas freguesias começavam a se emancipar ainda na primeira metade dos Oitocentos: era a formação de cidades como Baependy (1814), Jacuty (1814), Pouso Alegre(1831), Jaguary (1840) e Itajubá (1848)².

Uma região formada por habitantes com características próprias de um lugar em que as relações estavam sendo construídas dentro de um contexto político e econômico e que era influenciado por essa conjuntura. Por isso, cabe ainda salientar, como nos lembra Cunha que:

Região é um termo originalmente complexo e controverso para a geografia, não haveria como não ser também para a história. Uma primeira consideração necessária, não obstante, é a de que não se pode partir para uma apreensão histórica do conceito de região sem se ter por base, essencialmente, o dado humano na produção/percepção (CUNHA, 2004, p.2).

Cabe aqui destacar que o período escolhido neste estudo justifica-se pela efervescência cultural e moderna que o país vivia com o advento da industrialização e

² SAES, Alexandre Machionne; FILHO, Antoniel Avelino. Escravidão e trajetórias das elites locais. Campanha e Pouso Alegre no ocaso da escravidão. In: Cultura Histórica e Patrimônio. v.1, n.1. 2012. UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas). p. 67-68.

influência dos conceitos de modernidade na urbanização e desenvolvimento das cidades. Guardadas as devidas especificidades e peculiaridades, as cidades aqui enfocadas puderam vivenciar uma gama de atividades e políticas municipais que iam de encontro a esse ideal.

Com a Constituição de 1891³, os municípios assumiram maior autonomia financeira sob sua administração. Devido à importância dessa legislação, optou-se nessa pesquisa em estabelecer como recorte inicial o ano de 1891 e o recorte final o ano de 1930⁴, em virtude das mudanças na mesma. Ressalta-se aí a figura dos denominados “Agentes do Executivo Municipal” e as ações empreendidas pelos mesmos no período de 1891 a 1930, que, segundo Araújo (2015), até 1930 a chefia do executivo era conduzida por esses agentes. Assim, a autora lança a hipótese de que:

[...] ocorre um movimento de modernização no interior do Brasil [...], em que a modernização da cidade se expressaria pela busca da incorporação de um ideário civilizatório, de remodelação e de intervenções empreendidas no espaço da cidade, bem como de transformações no campo do comportamento, mas compartilhando e incorporando esses princípios a partir de suas singularidades (ARAÚJO, 2015, p.3).

Podemos buscar compreender os divertimentos nessas regiões dentro desse contexto econômico e político em ebulição e transformação, bem como as influências que esses processos estabeleciam entre si. Nesse sentido, estavam inseridas as cidades aqui enfocadas, Campanha, Itajubá e Pouso alegre, já que as mudanças quantitativas e qualitativas indicam nessas cidades o fortalecimento do mundo urbano, das atividades comerciais citadinas e da necessidade de construção de aparatos políticos que sustentassem os mesmos⁵. Pelo menos sinais disso podiam ser percebidos, guardadas as devidas especificidades destas localidades, onde também estavam inseridos os divertimentos vivenciados pelos seus habitantes. A partir dessas considerações que

³ “As freguesias e paróquias, domínios administrativos da Igreja dominantes no Brasil colonial e monárquico, abrem espaço para a ascensão definitiva dos distritos e municípios: uma cidade com preceitos jurídicos e políticos modernos, controlada por novos grupos sociais, resultante da separação entre Igreja e Estado.” (GAMBI, Thiago Fontelas Rosado *et al.* O processo de urbanização do sul de Minas em transição. In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 15. Diamantina: Cedeplar/UFMG, 2012. p.8).

⁴ “A revolução de 1930 é o principal marco na tentativa de rompimento com a sociedade tradicional, com o latifúndio, a monocultura, a oligarquia, dando nascimento a uma sociedade industrial e urbana.”(MONTEIRO, Norma de Goes. **Imigração e colonização em Minas**. Belo Horizonte: UFMG, 1973, p. 10)

⁵ GAMBI, Thiago Fontelas Rosado *et al.* O processo de urbanização do sul de Minas em transição. In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 15. Diamantina: Cedeplar/UFMG, 2012. p. 13-15.

objetivou-se com este estudo investigar os divertimentos de seus indivíduos através do relato da imprensa da época. Nesse sentido, de acordo com Vilhena(2008, p.19), é importante compreender que o jornal configura-se como um instrumento para tentar compreender uma época, mas tendo em mente a necessidade de questionar o lugar do mesmo como fonte, já que o noticiado por ele não traduz a realidade, mas representações sobre uma realidade que se quer construir, permeada por discursos, marcada por intencionalidades.

A região com seus contrastes, embates políticas, elites, população de escravos libertos, imigrantes, dentre outros, apresentava naquele momento histórico um caldeirão de acontecimentos permeado por peculiaridades e características próprias da gente que compunha sua população. Para Gambi e Megda:

Nesse sentido, o Sul de Minas tornou-se mais um caso específico dentro do “mosaico” mineiro: uma região historicamente dinâmica, tanto por sua função de abastecimento da corte imperial, como em transformação por causa da expansão das lavouras de café na transição para o século XX, mas que não conseguiu se aproximar do ritmo e pujança econômica dos estados vizinhos do Rio de Janeiro e São Paulo (GAMBI; MEGDA, 2012, p.9).

A partir dessa compreensão e através das fontes aqui consultadas e análise documental das mesmas, será verificado como os divertimentos se inseriam nesse contexto e se os mesmos eram também um elemento importante e almejado pelas cidades focos deste estudo. Nesse sentido, cabe aqui esclarecer as cidades e os jornais consultados que subsidiaram o estudo ora apresentado, bem como o local onde foram obtidos os mesmos. O acesso às fontes se deu através da Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, de Belo Horizonte, através de seu banco de dados de jornais digitalizados. De acordo com a abrangência e delimitação proposta por este estudo, foi pesquisado o período de 01/01/1891 a 31/12/1930. A pesquisa foi realizada considerando esse recorte temporal e as cidades aqui focadas, bem como sua disponibilidade junto ao acervo da Hemeroteca, onde foram encontrados os dados aqui apresentados.

Sobre a cidade de Itajubá, foram encontrados os jornais: A Verdade⁶, O Itajubá, A Notícia e Tribuna Mineira.⁷ Com relação à cidade de Pouso Alegre⁸ foram

⁶ Inaugurado em 04 de março de 1886. Ver: O Monitor Sul Mineiro, Campanha, 07 mar. 1895, p.01.

⁷ No caso desses periódicos da cidade de Itajubá, cabe salientar que apesar do número reduzido de edições encontradas no acervo da Hemeroteca, as notícias contidas nas páginas dos mesmos referindo-se

encontrados os seguintes periódicos: Pátria, Pouso-alegrense, Cidade de Pouso Alegre, O Sul Mineiro, O Trabalho, Gazeta de Pouso Alegre, Semana Religiosa e Livro do Povo. Na cidade de Campanha foram encontrados os periódicos: A Campanha, Minas do Sul, Colombo e Monitor Sul Mineiro⁹, cujo acervo possuía um grande número de edições desse periódico.

Os periódicos também citavam outras localidades além daquelas aqui focadas, permitindo conhecer alguns de seus divertimentos e vida cotidiana das mesmas, enriquecendo o panorama sobre os divertimentos da região. Além disso, como esclarece Campos:

No entanto, mais que isso, pela leitura de jornais antigos conseguimos nos aproximar de projeções coletivas sobre um tempo de então, sobre atores e espaços dados em relação de anterioridade- “uma anterioridade presentificada no ato e pelo ato da pesquisa”. Por meio da observação feita de uma crônica social, de um poema publicado num canto de pagina, de um artigo científico, de uma propaganda ou de um editorial, colhemos segmentos de cultura que ancoram dilemas e desejos humanos (CAMPOS, 2012, p. 65).

Cabe ressaltar que todos esses periódicos possuíam uma padronização parecida, com um total de quatro páginas, sendo as primeiras dedicadas aos editoriais e as últimas para os anúncios. As citações sobre os divertimentos apareciam de forma variada nas páginas desses periódicos. De toda forma, a presença dos jornais na vida dessas localidades transparecia o desejo das mesmas de acompanhar os avanços próprios do período, ou seja, nesse contexto de modernização, vivido no Brasil em fins do século XIX e início do século XX. Podemos observar uma nova visão do espaço urbano através da literatura de muitos escritores brasileiros, sintonizados com as ideias vindas da Europa e com os processos de modernização implantados no Brasil¹⁰.

Ao direcionarmos aqui para os divertimentos, verificamos que os mesmos também movimentam a cultura, a economia e a vida política em diversas localidades do nosso país, influenciando os costumes e sendo também influenciados pelos

aos divertimentos foram ricas e variadas, sendo possível encontrar dados importantes e suficientes em vistas dos objetivos aqui perseguidos.

⁸ Pouso Alegre foi a segunda localidade de Minas Gerais (logo depois de Outro Preto), que teve tipografia, para ali levada pelo padre José Bento, na qual primeiro se imprimiu (antes mesmo do Rio de Janeiro), em 1824, o projeto de Constituição do Império, por isso chamada Constituição de Pouso Alegre. Ver: Monitor Sul Mineiro, Campanha, 07 fev. 1895, p.01-02.

⁹ Fundado no ano de 1871. Ver: O Monitor Sul Mineiro, Campanha, 07 fev. 1895, p.3.

¹⁰ NASCIMENTO, Luciana Marinho do. **A cidade de papel**. Rio Branco: Edufac, 2011. 178 p.

acontecimentos e fatos cotidianos. A população das cidades vivenciam inúmeras práticas de divertimentos e também os (re)criam ao longo do tempo. O que hoje chamamos de “lazer” constituiu-se para alguns estudiosos¹¹, com a industrialização capitalista, como um fenômeno sócio-cultural-histórico, surgido na segunda metade do século XIX com as reivindicações dos trabalhadores europeus e que também pode ser entendido no projeto de consolidação da cidade moderna.

Nessa conjuntura as práticas de lazer podem ser compreendidas como atividades culturais vivenciadas no tempo livre, do não-trabalho. Entretanto, no caso do estudo aqui apresentado, optamos por realizar um “Estudo da Diversão”, os quais, de acordo com Melo (2011)¹², permitem considerar recortes temporais anteriores à modernidade e, mesmo no âmbito dessa, considerar com atenção que não foi de uma hora para outra que se substituiu o antigo formato da diversão pelo outro que surgia. Entretanto, como este autor deixa claro:

Não se trata de abandonar as discussões sobre o lazer, mas sim definitivamente considerar que esse é um possível arranjo da diversão, não o único, talvez nem mesmo na modernidade. Obviamente que, como qualquer objeto, a compreensão das peculiaridades e intencionalidade de ato de divertir-se deve estar profundamente relacionado com os sentidos e significados do seu tempo, da estrutura de sentimentos com a qual, como qualquer elemento da cultura, tenciona (simultaneamente se ajustando e contestando) (MELO, 2011, p.74).

Tal aspecto pôde ser notado ao debruçar-me nas fontes e interagir com as mesmas, sendo que as citações encontradas nos jornais utilizava-se dos termos “divertir-se”, “diversão” e até “entretenimento” ao citarem esse fenômeno cultural. Desse modo, podemos constatar que o lazer, os divertimentos, o divertir-se, são fenômenos presentes no cotidiano das cidades, de ontem e de hoje. Mas de quais cidades estamos falando? Das capitais e grandes metrópoles? O que dizer dos municípios do país distantes desses centros urbanos?

Além desses questionamentos, acrescentamos outros que também permearam este estudo e o período por ele focado: como será que cidades às vezes distantes do que se supõe o centro propagador de um ideário de progresso conheceram

¹¹ RODRIGUES (2006); MELO (2010).

¹² MELO, Vitor Andrade. O Lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: YSAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da.(orgs). **Estudos do lazer**: um panorama. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 74.

e/ou criaram a sua maneira uma sociabilidade ligada aos divertimentos? Quais eram esses divertimentos e como os mesmos eram vivenciados na região? Essas também foram questões levantadas e que buscaremos responde-las através dos dados encontrados e analisados junto às cidades pesquisadas.

O interesse histórico sobre os divertimentos permitiu levantar esses e outros questionamentos que buscam analisar historicamente o advento dos mesmos ao longo do tempo, permitindo elaborar uma história cultural de algumas regiões muitas vezes menosprezadas e colocadas de lado, em detrimento da efervescência cultural dos grandes centros urbanos. O que se percebe é que só bem pouco tempo começam a surgir estudos preocupados e focados em revelar a dinâmica dos divertimentos ao longo do tempo na vida das pessoas nessas localidades. Melo (2010, p. 12), reforça esse argumento ao nos dizer que “são poucos os estudos, tanto originários do campo da História quanto dos estudos do Lazer, diretamente relacionados à história do lazer no Brasil”.

A partir dos dados encontrados, sua relevância e constância apontadas nesses relatos é que foram elaborados os capítulos desse estudo. No primeiro capítulo, intitulado “Religiosidade e diversão”, analisamos a importância das festividades religiosas na vida e no cotidiano das cidades e seus habitantes, como as celebrações para a Nossa Senhora, padroeiros e dias santos, onde a celebração da fé e os divertimentos estavam presentes, além de alguns instrumentos próprios de diversão dessas manifestações. Já no segundo capítulo, chamado de “Divertindo-se com as artes dramáticas e circenses”, destacamos como o teatro, as peças ali representadas e as companhias levavam a diversão através da arte de interpretar. Trato também de como foi a passagem do circo pela região, com seu público e peculiaridades. Em seguida, no terceiro capítulo, chamado de “A Diversão não para: pelas ruas, bares e praças”, será dado destaque a alguns divertimentos muito presentes na vida das pessoas em alguns desses espaços. Ainda neste capítulo veremos como a população celebrava a inauguração de ferrovias, estabelecimentos comerciais e a passagem de autoridades por suas localidades, festejando esses momentos na presença de muita música. Veremos ainda como o entrudo e o carnaval coabitavam um mesmo tempo e lugar, disputando a atenção dos foliões. No quarto capítulo fazemos um apanhado geral de alguns divertimentos muito apreciados na época, seja por seu alcance, curiosidade ou mesmo caráter de subversão, que mobilizavam as pessoas pelas ruas, praças e bares à procura

desses divertimentos, digamos, menos recomendados ou impróprios. Denominado de “Divertimentos do submundo”, neste capítulo serão citados o caso dos jogos e das loterias, da vadiagem e do meretrício, elementos que também compuseram a vida divertida das pessoas que então habitavam a região sul de Minas.

Com este estudo espera-se dar uma contribuição sobre a compreensão do papel e da importância da vida divertida de uma gente num momento no qual a região passava por um processo de transformações em sua conjuntura política, econômica e cultural, na transição do século XIX para o século XX, especificamente nas cidades de Campanha, Itajubá, Pouso Alegre e região, onde a diversão teve seu lugar e significados próprios.

CAPÍTULO 1

RELIGIOSIDADE E DIVERSÃO

A religiosidade e suas inúmeras manifestações são elementos constitutivos de nossa cultura, dividindo espaço e significado junto às modificações políticas, econômicas e sociais ocorridas durante os séculos de nossa história. As influências trazidas pelos colonizadores europeus moldaram boa parte de nossa religiosidade, agregadas às influências de matrizes africanas e dos índios que já habitavam esta terra há tempos, ocasionando em práticas particulares ao catolicismo colonial brasileiro (SOUZA JUNIOR, 2015).

Associadas a um caráter festivo e de reunião de pessoas em torno da fé, as festas religiosas eram muito presentes também na vida cotidiana da população que vivia no sul de Minas entre as décadas finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, muitas delas sobrevivendo até hoje na cultura das cidades desta e de outras regiões do estado e do país. Espaço de sociabilidades e possuidora de caráter diversificado quanto às atividades presentes nesses momentos, tais festividades, como salienta Jukevics (2005), geravam grande mobilização:

As cidades e as vilas, em seu conjunto, se tornavam um palco de sociabilidades numa época em que grandes distâncias separavam a população e os transportes eram pouco abundantes. Somado a isto, face aos poucos recursos de uma parcela considerável da população, as festas eram, possivelmente, as únicas oportunidades de descanso, prazeres e alegria, confraternização e divertimento, além de fornecerem importantes elementos acerca do fenômeno de circularidade cultural [...] (JUKEVICS, 2005, p.75).

A história da colonização de grande parte do território nacional e, no caso da região aqui focada, fortemente influenciada por uma cultura europeia e católica, se perpetuou com maior ou menor intensidade durante os anos seguintes a colonização. O século XIX recebeu de herança o que ficou conhecido por “religiosidade colonial” ou “catolicismo barroco”, sendo essas práticas católicas marcadas pelas espetaculares manifestações externas de fé, presentes nas pomposas missas, celebradas por dezenas de padres e acompanhadas por corais e orquestras, nas procissões cheias de alegorias e nas festas, onde centenas de pessoas, das mais variadas condições, se alegravam com a música, dança, mascarados e fogos de artifícios (ABREU, 1999).

O calendário dos festejos religiosos se estendia durante todo o ano e os jornais da época davam espaço considerável sobre o assunto em suas páginas, divulgando e tecendo seus comentários e impressões sobre tais festividades e seu impacto junto a população. Serão aqui destacadas aquelas festividades religiosas comumente citadas nos tais jornais, buscando descrevê-las e compreender seu significado enquanto um divertimento próprio das pessoas que vivenciavam tais festejos. Desse modo, apresentaremos as celebrações para a Nossa Senhora, os divertimentos e atos religiosos em torno da fé que reunia sempre muitas pessoas. Há registros também desses momentos propiciados por ocasião das comemorações dos padroeiros das localidades e dias santos, além de também destacarmos os leilões e as “tombolas” que costumavam também estarem presentes durante os inúmeros festejos religiosos que aconteciam naquele tempo. Tais eventos eram responsáveis por levar alguns instantes de alegria e diversão à população que então habitava o sul de Minas (ABREU, 1999).

1.1 Celebrações para a Nossa Senhora: atos e festejos religiosos em torno da fé¹³

Nas Minas Gerais, a religiosidade parece ter sido sempre um traço marcante de sua cultura e sociabilidade e as festas, por exemplo, enquanto um ritual público, permitia tanto reforçar os laços de solidariedade quanto refletir os valores sociais que pautavam o ordenamento social (ARAÚJO, 2012). Em Itajubá, Pouso Alegre, Campanha e localidades vizinhas, as celebrações em torno da fé em Nossa Senhora constituíram um importante local de encontro, sociabilidades e possivelmente também tensões, porque não dizer.

Entre esses festejos, as celebrações de maio, “mês de Maria”, continuavam persistindo como uma tradição e comemoração própria dessas localidades. Na cidade de Itajubá uma nota comenta que, sob a direção do vigário e com o concurso de fieis, haverá a solenidade da festa do Mês de Maria, “com a mesma pompa” dos anos anteriores, iniciando-se no dia 01 de maio¹⁴, continuando diariamente a partir das 6 horas da tarde essa solenidade em honra a “Virgem Mãe de Deus”¹⁵. Nota-se um

¹³ A partir desse capítulo, as notas referentes aos periódicos serão apresentadas conforme o vocabulário da época.

¹⁴ A Verdade, Itajubá, 18 abr. 1896, p.03.

¹⁵ A Verdade, Itajubá, 02 mai. 1896, p.03.

festejo já presente na localidade, com frequência e adesão de fiéis em torno do mesmo e o destaque dado sobre a beleza da celebração na cidade. O mesmo ocorre quando essa celebração acontecia na localidade vizinha de “Pirangussú”, citando que os atos em torno do Mês de Maria vem “sendo bastante concorridos” contando com missa, procissão e onde “funcionou a corporação musical União Democrática (de Itajubá)”¹⁶.

Vemos certo alcance e realização dessa celebração como parte do cotidiano cultural e, porque não, também divertido, das pessoas das localidades aqui focadas e aquelas próximas a ela. Essas celebrações, características de atos de devoção e fé, aconteciam com bastante “concorrência” na época, termo muito utilizado pelos jornais ao comentarem o grande número de pessoas presentes. Um exemplo disso pode ser visto também na cidade de Campanha, onde se ressalta o alcance, características e pessoas envolvidas nos festejos do Mês de Maria na cidade, com celebrações que ocorreram na Igreja Matriz, ressaltando a solicitação dos padres da cidade para a participação dos devotos nesse evento, onde poderiam ajudar com “dinheiro, cera, flores, prendas, ofertas próprias desta celebração”, e entregá-las aos padres responsáveis. De acordo com o periódico, “dirigida por tão distintos e piedosos sacerdotes, a festividade do Mês de Maria no corrente ano deve se tornar digna do concurso de todos os fiéis”¹⁷. Cabe aqui esclarecer que o periódico citado e seus proprietários tinham formação e crença de cunho católico, como é sutilmente demonstrado nessa nota e nas seguintes. Tal periódico se colocava como um defensor dos ideais religiosos católicos, seja no tom de suas matérias ao divulgarem os festejos religiosos e o clero responsável ou, ainda, como pode ser visto na nota a seguir, em um de seus editoriais:

Felizmente dirigimo-nos a um povo crente e fiel, como é o povo mineiro e por certo prendem-se a este fato muitos desses característicos nobres e honrados que tornam especialmente distintos os habitantes desta parte do Brasil. Na verdade é especialmente por meio da religião que o homem aprende a ser justo, honesto e patriota, dedicado a família, cumpridor de seus deveres e afinal obediente a Deus. Fora da doutrina cristã, onde encontrar os elementos para aprender a ser assim e a bem dirigir-se na sociedade? Estas considerações nos vieram ao espírito quando lembrávamos as poéticas e comovedoras solenidades do Mês de Maria[...] (MONITOR SUL MINEIRO, 1895, p. 10).

¹⁶ A Verdade, Itajubá, 29 set. 1894, p.02.

¹⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 abr. 1894, p.03.

Nota-se um interesse por parte desse periódico na divulgação dos eventos e festejos católicos, uma vez que os seus proprietários os consideravam importantes na formação moral e religiosa de seus leitores. Divulgar os festejos e seu alcance junto às pessoas naquela época parecia ser fundamental na manutenção de certas tradições relacionadas ao catolicismo, dentre elas, as festas em torno do Mês de Maria. Um ano antes, este periódico reforça tal caráter ao divulgar o mesmo evento, que tem sido celebrado com regularidade e ordem “[...] promovida pelas Exmas. Sras. D. Mércia Brandão, D. Fernandina Alves e Revms. Srs. padre Aurélio e Benvenuto, da Companhia de Jesus”. Elogiam os paderes na maneira como conduzem as celebrações e também outras senhoras, “que tem concorrido, para dar mais brilho a solenidade”, que em tudo está sendo feita “com zelo e decência”¹⁸. Além de enaltecer o evento, o periódico também elogia as pessoas envolvidas, demonstrando um grande número de responsáveis na organização de celebrações desse tipo¹⁹.

Era recorrente o fato dos periódicos ressaltarem a realização dessa celebração com muita concorrência e ordem, além de elogios aos seus organizadores na condução das mesmas, como novamente é frisado o último dia da celebração dessa festividade na cidade de Campanha, com seus rituais e símbolos, procissões e participação popular:

A procissão do dia 31 que teve enorme concorrência foi em tudo diversa da que temos visto em nossa terra. Abria o piedoso préstito um riquíssimo estandarte de nobreza de cor branca, primorosamente bordado a ouro, empunhado por gentis meninas que se revezavam, e cercadas de outras, algumas das quais seguravam nos dourados cordões que pediam do estandarte[...] notando-se que todas elas, em número de muitas dezenas, iam vestidas de branco e com fitas azuis, como único enfeite, o que lhes dava aparência angelical[...] Ao lado, mas atrás dos grupos de virgens que iam na frente da procissão estavam as irmandades de N. Senhora do Rosário, de N. Senhora da Boa Morte e do Santíssimo Sacramento. Não é fácil e não tentamos descrever essa belíssima procissão, que além da banda de música tinha quatro coros[...] A vasta e grandiosa matriz da Campanha com dificuldade conteve entre suas paredes a enorme concorrência de fieis que ali foram dar testemunhos de suas crenças, mostrando mais uma vez que a fé religiosa não desertou do coração do nosso povo[...] A procissão, bela, sedutora, verdadeiramente esplêndida, afirmava a fé do povo da Campanha, mostrando que não era dirigidos a descrente os piedosos conselhos dos ilustres e venerandos pregadores do mês mariano, nos trinta dias que antecederam a brilhante festividade de 31 de maio que certamente marcará o início de uma nova fase da vida religiosa de nosso povo²⁰.

¹⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 mai. 1894, p.01.

¹⁹ Ibidem, 1984, p.01.

²⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 03 jun. 1894, p.03.

Com esta nota, o periódico dá uma boa descrição dos acontecimentos e rituais em torno do mês de Maria, destacando também a presença de algumas irmandades. Estas eram colaboradoras dos trabalhos e eventos realizados pela igreja naquele tempo, participando dos festejos religiosos, mas sobre certo controle do clero. Aparecem aí ainda figura das crianças de branco, em alusão aos símbolos de pureza e virtude, que os jornais faziam questão de destacar como forma de lembrar os símbolos e significado da festividade. Vale notar a presença de bandas de música e uma quantidade grande de pessoas participando do evento, o que permite notar o envolvimento da população da cidade em torno desse festejo, que interferia na sua rotina e de seus cidadãos, levando-os a compartilharem algum momento de diversão, curiosidade e, claro, manifestação de fé. De acordo com Souza:

Em todos os lugares onde o catolicismo exerceu alguma influência, o mês de maio é reservado às coroações de Nossa Senhora. Não por acaso, as celebrações desse mês se ligam aos casamentos e às crianças, angelicalmente trajadas com asas, flores e arranjos que lembrem a origem divina do humano. Casar no mês de maio significa bênçãos à nova família e incorporar as crianças ao coroamento de Nossa Senhora expressa a crença na virtude infantil e no poder renovador (regenerador) das novas gerações (SOUZA, 2009, p.107-108).

Como pôde ser visto, os símbolos e elementos desse festejo estavam presentes nesta cidade, demonstrando o caráter religioso e católico daquela gente. Muitas pessoas participavam da organização e das celebrações, dentre elas professoras de escolas da cidade. Este periódico destacava a contribuição dessas professoras na organização e brilho dos festejos, uma vez que também “foram elas que souberam congregar esse grupo distinto de distintas cantoras nas missas das manhãs e nas solenidades das noites[...]”²¹. Assim, reafirma-se o quanto tal periódico fazia questão de enaltecer alguns símbolos próprios da festividade e o papel das mulheres nesses símbolos, como “diretoras” e “operárias” e o talento delas para que o evento alcançasse o brilho e a pompa almejados. Além disso, essas notas referentes à cidade de Campanha, demonstram que havia um número considerável de pessoas envolvidas na organização (festeiros, sacerdotes, irmandades) e na participação das solenidades, como o caso já citado de participação popular e concorrência de fiéis. Destaca-se aí a figura dos festeiros, normalmente pessoas que desempenhavam tal papel com certa

²¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 03 jun. 1894, p.03.

regularidade nesses festejos e nos demais que ainda serão citados aqui. Isso se repete em outros momentos da cidade quando o mesmo jornal, buscando resgatar a importância desse festejo, reforça novamente a relevância atribuída à religião católica e seus cultos, uma vez que para ele “O Sentimento religioso, quando veemente e sincero, constitui seguramente uma das maiores venturas de que possa o povo gozar[...] Aos chefes de família cabe com muita especialidade o sagrado dever de velar pela educação religiosa de seus filhos[...]”²². O jornal sugere que essas tradições e valores deveriam ser também buscados pelas pessoas em relação as festas atribuídas a Nossa Senhora, quando reforça que:

As solenidades religiosas, como dessas que nos ocupamos, tornam mais viva e ardente a fé dos crentes [...], que se realizou com os mais puros intuitos e com mais viva crença do que nesta terra, onde em todos os tempos a religião católica teve merecida e geral veneração.²³

Buscava-se assim manter vivos e presentes esses rituais em torno da fé, realizando e divulgando esses festejos que contavam sempre com organização e participação de muitas pessoas.. Este jornal, formado também por representantes políticos da cidade²⁴, cita algumas das pessoas que compunham essa “concorrência” por ocasião desses festejos, como as irmandades, os festeiros e indivíduos que participavam das procissões e demais solenidades.

Verifica-se não apenas o valor atribuído pelo periódico aos símbolos da religião católica como também buscando desempenhar um papel pedagógico, ao conclamar as famílias que participem e valorizem tais festejos em torno das comemorações do mês de Maria e da fé católica, sendo importante para a educação dos seus filhos. Percebemos esse forte caráter pedagógico no sentido de doutrinar as pessoas através de tais festejos e dos divertimentos por eles propiciados, como a nota deixa transparecer, além de levar a todos um sentimento de orgulho em estarem realizando tais festejos com “pompa” e participação, mesmo com a participação daqueles “descrentes”. Isso nos permite dizer que havia uma participação de pessoas de várias

²² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 29 mai. 1895, p.01.

²³ Ibidem, 1895, p.01.

²⁴Um dos seus proprietários na época foi Saturnino da Veiga, citado, por exemplo, na sessão “Noticiários” de um periódico, comentando sobre as eleições destaca: “Das eleições realizadas a 7 do corrente temos as seguintes noticias: Freguesia desta cidade: - Para senadores: Dr. Camilo Maria Ferreira Fonseca... 215; Coronel José Bento Nogueira..215; Dr. Saturnino da Veiga...1; Dr. Mathias M. de Vilhena...1; Para agente executivo municipal: Tenente coronel Ernesto Carneiro Santiago...215[...]”. Monitor Sul Mineiro, Campanha, 16 nov. 1895, p.03.

culturas e credos, sejam envolvidos nos atos religiosos em si ou, ainda, nos cortejos e festejos pelas ruas da cidade.

Algumas das pessoas que acompanhavam e participavam desses festejos, ligadas ou não à fé católica, eram pessoas que habitavam a cidade e tinham a oportunidade de também participar e assistir esses festejos que aconteciam periodicamente. Sabe-se que havia na região uma população também composta de escravos libertos e de vadios que são citados em outros momentos pelos jornais, além dos imigrantes que, por exemplo, tiveram uma política de incentivo para se fixarem no Brasil neste período²⁵, mas que não estão identificados nas notas citadas.

Em outras ocasiões nos festejos do mês de Maria, na cidade de Campanha, vemos mais pistas e descrições de alguns indivíduos, quando estes faziam parte do evento e da organização dos mesmos, ao comentarem a participação dos sacerdotes da Companhia de Jesus da cidade e:

A extraordinária concorrência de fieis que compareceram a todos os atos desta simpática solenidade, a admirável ordem que sempre reinou nos mesmos e o crescido número de fieis que receberam a sagrada comunhão[...] Não tentaremos descrever o aspecto brilhante e festivo que particularmente apresentava a procissão- onde viam-se muitas dezenas de moças e meninas²⁶.

Mais uma vez o periódico deixa claro a presença numerosa de fieis nos atos religiosos e o comportamento destes, de forma ordeira e como esperada. Ao fazer isso e elogiar os esforços do clero na organização das solenidades, o jornal reforça novamente seu tom católico e moralizador necessários, segundo o mesmo, a um povo civilizado. Vemos que nessas solenidades, atos e momentos de diversão propiciados pelo mesmo, buscava-se atingir também esse objetivo, entretanto se havia uma grande aglomeração de pessoas de várias classes e origens sociais, muito facilmente haveria também a ocorrência de tensões e atitudes que fugiam do esperado pelo clero ou organizadores de tais eventos. Tais aspectos poderão ser percebidos em outros momentos, mas nos

²⁵ “Dando execução a lei no. 32 de 18 de julho de 1892, o governo do benemérito Dr. Affonso Penna dividiu o Estado de Minas em diversos distritos, regulamentou a imigração de modo o mais favorável possível aos lavradores e o que era ontem um tema de propaganda pela imprensa, hoje é uma feliz realidade que vai se consumando pelos esforços dos prepostos do mesmo governador[...] Também os novos costumes que trazem, o contingente de suas aptidões adquiridas a força de necessidade nas oficinas e estreitas lavouras da Europa, valor de suas raças que em nosso clima não se degenerará: tudo isso será de grande vantagem, não só pelo lado étnico, como também pelo lado econômico ao Estado de Minas[...]”. A Verdade, Itajubá, 29 set. 1894, p. 01.

²⁶ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 jun. 1895, p.03.

demonstra o caráter parcial e superficial do periódico ao não comentar em suas páginas esse tipo de situação.

Esse valor atribuído ao festejo em torno do Mês de Maria também é citado por cidadãos que costumavam escrever nos periódicos, demonstrando a devoção na figura da “Mãe de Deus” e atribuindo seu significado na vida dos fieis. Para alguns, ela retratava a “concepção poética”, a “pureza imaculada”, além do “alento divino para ser Rainha, Mãe e Corredentora da humanidade”²⁷. Logo, vemos referências importantes sobre a figura e valor simbólico atribuído à “Mãe de Deus”, justificando todo um passado herdado e imbuído das tradições judaicas cristãs, que tão fortemente influenciaram nossa tradição católica e que nos esclarece a importância atribuída aos momentos de se festejar essa importante data do calendário católico, tão vivo também naquele tempo. Além disso, vemos citada a figura do clero, que na época respondia pelas festividades religiosas juntamente com o apoio dos festeiros. Nesta nota destaca-se ainda a imponência e centralidade na Igreja da cidade, não apenas em termos geográficos, mas também em termos simbólicos, que possuía uma grande instalação e atraía fieis da cidade durante as missas e eventos realizados em seu interior e em seu entorno.

Dava-se destaque também quando essa celebração ocorria em localidades vizinhas, como em “Águas Virtuosas”, ao ser citada a comissão dos festejos e como organizaram o evento, havendo missas, procissões e ressaltando a decoração do templo. Lembra “com satisfação os bonitos arcos, o asseio e preparo de todas as frentes das casas por onde transitou a procissão, e tudo devido a boa vontade dos proprietários”. Além disso, registra “os sentimentos de ordem e fina educação deste bom povo”, destacando na nota os festeiros responsáveis²⁸. Nota-se aqui o envolvimento de parcela da população desta localidade na participação e organização do festejo, na ornamentação de suas casas e durante as procissões características desse festejo. Cabe ressaltar ainda a consideração do periódico quanto ao comportamento ordeiro das pessoas, onde assistimos uma localidade também envolvida de forma significativa nos festejos em torno do mês de Maria, demonstrando seu alcance em localidades vizinhas daquelas aqui focadas.

²⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 mai. 1894, p.03.

²⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 jun. 1896, p.02.

Ressaltou-se muito o sucesso desses festejos na localidade, com a realização de até “30 dias de festas coroadas de brilhantes solenidades”, destacando, além da ornamentação dentro e fora do templo o “repique dos sinos e espoucar de foguetes; e [...] quando a noite vinha, de novo soavam os sinos e os fogos de novo estrugiam”, havendo ainda leilões de prendas, alegrado pela filarmônica local, que ocorriam “sem a distinção de classe ou condição”²⁹. Vemos a grandiosidade do evento quando também eram realizados em outras localidades e pistas de algumas atividades e formas de celebração desse ato litúrgico, como fogos de artifícios, casas e ruas enfeitadas, bandas de música e leilões. Elementos de diversão que vão além dos atos simbólicos e próprios da fé, que juntamente com as procissões e celebrações religiosas, figuravam uma teia de atividades festivas e divertidas, que pareciam contar com a presença de muito populares, de distintas classes sociais, como a nota deixa transparecer. Assim, as festas religiosas, segundo Jurkevics (2005), como fenômeno cultural, têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva. Essa estudiosa, ao tratar das festas religiosas, esclarece ainda que:

Assim se configuram as festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade, para a maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas. As práticas católicas eram marcadas por efusivas manifestações de fé visíveis nas missas com corais, nas procissões – caminho do devoto à Casa do Pai – repletas de alegorias e nas festas com músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício (JURKEVICS, 2005, p. 74).

A partir das notas até aqui citadas, sugere-se que essas festividades religiosas se constituíam também em momentos de diversão que se configuravam muito vivos na vida das pessoas de algumas das localidades. Ao percebermos pelas notas citadas dos periódicos até aqui, vemos uma parcela da população envolvida nos momentos de celebrar e também na ornamentação de suas casas e ruas. Ao celebrarem e participarem desse festejo religioso, o envolvimento da população permitia que a mesma renovasse sua fé e credo nos símbolos católicos, mas, em contrapartida, isso parecia possibilitar sociabilidades que extrapolavam os atos de fé, uma vez que havia

²⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 jun. 1896, p. 02.

uma circulação pelas ruas e praças das cidades de pessoas de diferentes classes, que muito provavelmente estabeleciam algum tipo de sociabilidade.

Desse modo, pode se notar que a festa não possui um único sentido e uma só direção, mas tem caráter multifacetado e singular ao mesmo tempo, visando muito mais que garantir a unidade de uma sociedade ou uma forma pela qual determinados segmentos se utilizam para atingir seus objetivos. Possui uma multiplicidade de usos, de sentidos e intenções e é também um momento diferenciado, de um espaço e de um tempo diferentes do cotidiano, constituindo-se também num tempo de criação, no qual as pessoas que dela participam constroem significados para seu viver e agir em sociedade (ARAÚJO, 2012).

Especificamente sobre os festejos pelo mês de Maria, percebe-se um número expressivo de participantes, algumas vezes citados como de “diferentes classes”, mas que se reuniam em torno de um mesmo entretenimento. Aqui fica demonstrada a importância de alguns recursos e meios para atrair fiéis para as festividades, mantê-los ligados aos cultos e dar continuidade a essas tradicionais festas religiosas. E, de acordo com a localização e realidade de cada localidade, a apropriação e participação eram feitas de forma variada, mas sempre buscando a adesão das pessoas, algo recorrente nas páginas dos jornais aqui citados.

Outra festividade que também aparece citada nos jornais da cidade de Campanha eram aquelas para a Nossa Senhora da Boa Morte. Celebrada desde os primórdios do movimento abolicionista, preserva ainda hoje seus traços característicos, marcados pelo sofrimento dos escravos e agradecimento pela libertação dos cativos, estando presentes tanto elementos do catolicismo quanto de culto afro, típico exemplo do fenômeno de circularidade cultural, em que os elementos culturais transitam num mesmo contexto, mesclando-se continuamente (JURKEVICS, 2005).

O periódico cita que esta “popularíssima” festa se realizará, “com toda pompa e decência como de costume”, este ano, com as novenas, missa cantada, e procissão da “Senhora Morta e da Ressurreição”, e um “bonito fogo de artifício”. Também fala da realização de leilões em benefício da festa, cujos festeiros solicitam a ajuda dos fiéis nesse sentido, além de comentarem que serão os juízes, irmãos e irmãs “da mesa administrativa”³⁰.

³⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 jul. 1894, p. 03.

Esta celebração com influências claras do catolicismo, também foi apropriada pelos escravos libertos, os quais podiam participar da organização da festividade, mesmo que carregada de ritos e ordem, próprias das celebrações religiosas já existentes. Apesar de não deixar claro que esses irmãos e irmãs e a mesa administrativa seriam membros de alguma irmandade, vemos pistas nesse sentido, uma vez que essas pessoas se organizavam, eram denominadas, e também participavam da organização desse festejo. Isso porque os festejos eram organizados nessa localidade pelas irmandades que pertenciam aos pardos, realizada na igreja matriz, havendo um belo altar de Nossa Senhora da Boa Morte, com a realização de novenas, procissão do enterro de Nossa Senhora, no dia 14 de agosto, e procissão por sua Assunção no dia seguinte³¹. A nota citada deixa isso transparecer até certo ponto, mas de forma sutil e sem preocupação aqui de dar nomes as irmandades.

O periódico de Campanha continua citando a realização dessa festividade realizada na igreja matriz da cidade, com apoio de populares e solenidades de costume³², sendo que, ao termino dos atos religiosos “queimou-se no largo da Matriz um vistoso e bonito fogo de artifício, que agradou geralmente”³³. Vemos novamente a participação direta do clero e rituais próprios daqueles de cunho católico, contando com uma participação popular considerável e elementos que ocorriam em outras festividades religiosas, como procissão, missa e queima de fogos. Como a literatura sugere a festividade de Nossa Senhora da Boa Morte contava com a participação e devoção de escravos libertos e sabe-se que essa festividade também possuía uma irmandade com seu nome³⁴, das quais faziam parte as pessoas que assistiam e participavam dos festejos. Logo, vez ou outra, as irmandades aparecem citadas por ocasião desses festejos, assumindo o seu lugar nos mesmos.

Isso também ocorria com as festividades de Nossa Senhora do Rosário, tendo inicialmente desempenhado um papel na conversão dos negros escravos ao catolicismo e na socialização do africano e de seus descendentes durante os séculos

³¹ Para saber mais ver: ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Vivências urbanas: Festas e vida cotidiana na Vila de Campanha da Princesa – Minas Gerais (Século XIX). In. **Saeculum** – Revista de História, n.27, João Pessoa, jul./dez. 2012. p. 70.

³² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 ago. 1894, p.02.

³³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 ago. 1894, p. 02.

³⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 03 jun. 1894, p.03.

XVIII e XIX em Minas Gerais³⁵. Sobre essa festividade foi encontrada apenas uma citação no jornal da cidade de Campanha, dificultando-nos conhecer melhor como essa festividade se desenrolava e era vivenciada pela população. A nota se resume a dizer que a festividade em honra a Nossa Senhora do Rosário “tem sido feita em sua capela”.³⁶ Araújo (2012, p.70), ao pesquisar esse festejo na cidade de Campanha, comenta que de todas as festas a mais alegre era a “festa dos negros”, ou seja, a festa de Nossa Senhora do Rosário e era a festa mais luxuosa, mais alegre e divertida, porque era expressão da própria alegria dos negros. A omissão ou não citação desse festejo pelos periódicos da cidade ou de outras localidades podem estar relacionados no pouco interesse de divulgar um festejo significativo para uma parcela da população então muito discriminada e marginalizada.

Percebe-se que os divertimentos oriundos dos festejos religiosos citados apresentavam um caráter festivo, participativo e também *sui generis*. Dizemos isso porque tais eventos culturais e de cunho religioso, mas também divertido, tinham aspectos próprios dos lugares e das pessoas que deles participavam e eram responsáveis pela sua organização, estabelecendo sua própria marca e identidade. Além disso, nota-se que a citação dos mesmos nos periódicos acontecia de acordo com os interesses e crenças de seus proprietários e voltado para aqueles que eram os leitores e que tinham acesso às suas páginas. Isso perpassa a ideia do jornal também como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sociabilidades, maneiras e costumes, ou seja, como importante estratégia educativa³⁷. Como salientamos, perpassa essa ideia, mas a mesma parecia ser algo mais almejado do que realmente efetivado, como poderemos observar também mais adiante.

As celebrações religiosas e atos de demonstrações de fé a Nossa Senhora foram exemplos de tradições que persistiam em continuar, em vista dos novos costumes e modismos trazidos pelos ideais de modernidade e progresso. Essas celebrações serviam de contra ponto a esses ideais, lutando por continuar e se afirmar como importantes para a população da época, seja através dos “festeiros”, da Igreja e seus

³⁵ BORGES, Célia Maia. **A Festa do Rosário**: a alegoria barroca e a reconstrução das diferenças. p.1224. Disponível em: <<http://www.upo.asdepawebdhumaareasarte3cbdocumentos097f.pdf>>. Acesso em 09 out. 2016.

³⁶ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 08 out. 1893, p.03.

³⁷ CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro dos velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), p. 55-56, jan./abr. 2012.

padres, da participação de algumas irmandades ou mesmo através da imprensa. Os divertimentos e festas que faziam parte dessas celebrações desempenhavam ainda um papel na manutenção das pessoas em torno das celebrações por ocasião dos festejos e fortalecimento da fé católica, como também se constituíam em oportunidades de diversão e encontros entre seus fiéis ou entre outras pessoas que a procuravam também por curiosidade e distração.

1.2. As celebrações dos padroeiros e dias santos: o sagrado e o profano presente nos divertimentos das pessoas.

Além dos festejos em torno de Nossa Senhora, outras celebrações eram motivo para as pessoas da época manifestarem sua devoção, se encontrarem e se divertirem na presença de outros pares, vivenciando assim esses festejos nesse período de transição entre os séculos XIX e XX.

Enquanto elemento integrante da vida cultural dos habitantes da região havia também as comemorações em torno da Semana Santa, até hoje tão fortemente presente nas cidades do sul mineiro e, porque não dizer, nos rincões do território brasileiro. Essa tradição cultural e religiosa na cidade de Campanha acontecia com teatralização e músicas barrocas, onde ainda hoje a Paixão de Cristo é encenada pela Igreja com participação da população, cantores e músicos campanhenses, atraindo pesquisadores e turistas. Estando sua identidade também ligada ao legado do ouro, irmana-se com as demais cidades antigas de Minas³⁸.

Naquele tempo nesta cidade divulgava-se a programação dessa festividade com os nomes dos “guardas de honra” escalados para o evento, além do apelo dos organizadores aos proprietários das casas onde transitava a procissão, que os mesmos limpassem suas “testadas”.³⁹ Esse era um costume muito comum na época, uma vez que as procissões desses eventos circulavam pelas ruas dessas localidades e a população era conclamada a contribuir na ornamentação de suas casas, além de limparem suas ruas, passeios e frente de suas casas. Como sugere o trecho da nota, vemos uma população envolvida no festejo e conclamada a contribuir para o alcance e sucesso do mesmo, não

³⁸ SOUZA, Vera Lúcia do Lago. **A Athenas do Sul de Minas: Entre a Memória e a História da Educação e Práticas: práticas e representações das elites de Campanha- 1860/1930.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2006. p. 44.

³⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 mar. 1894, p.03.

bastando assim apenas que assistissem aos atos religiosos e festivos, mas que participassem de alguma maneira, estabelecendo-se assim mais concretamente seu envolvimento e valores em torno dos atos de fé.

Jurkevics (2005), ao citar as “celebrações da Semana Santa”, lembra que suas procissões tinham uma finalidade instrutiva, de ensinar à população os sofrimentos de Jesus e de Maria e a história da Salvação. Essa autora descreve que eram quatro as procissões desses festejos: a procissão de Cinzas, a procissão do Encontro, a procissão do fogaréu, na quinta-feira Santa e a procissão do Enterro, realizada ao cair da sexta-feira, que relembra o enterro do Cristo.

Tal descrição da semana santa feita pela autora era um ritual próprio da igreja católica já há bastante tempo e um memorialista da cidade de Campanha, Rezende (1987, p.188-190), expressa um pouco disso em seu livro de memórias do final do século XIX, ao destacar que: “[...] de todas as festas católicas, ou de pelo menos de todas aquelas que eu tenha visto, nenhuma há que se possa comparar em majestade a uma semana santa.” Os atos descritos pelo escritor sobre a semana santa realizada, com toda a pompa, em muito se assemelha ao dito por Jurkevics (2005), ressaltando ainda que: “[...]ou por ser na realidade comovente ou por sua execução vivamente dramática ou teatral, tanto me impressionou[...]”(REZENDE, 1987, p.188).

Na cidade de Pouso Alegre, a realização desses festejos contava também com uma programação extensa, começando com o “Domingo de Ramos”, com missas e procissões e uma vasta programação com esses ritos durante os dias seguintes da semana, que se encerravam no “Domingo da Ressurreição”, com bênção solene do Santíssimo Sacramento⁴⁰. Todo esse ritual se repetia e seguia a programação da igreja, com os ritos e símbolos próprios da festividade, movimentando a vida social e religiosa daquela gente por uma semana. O caráter pedagógico desse festejo pode também ser verificado em cidades como Campanha, como “sempre comovedoras e cheios de interesse para os espíritos verdadeiramente crentes”, havendo todo um empenho em “levar-las a realidade com a possível pompa e esplendor e é de crer que não falte aos que as promovem todo o auxílio e apoio por parte dos fieis”.⁴¹

Os jornais interessavam-se na divulgação dos festejos em torno da Semana Santa dando detalhes de que eram “realizados com muita decência e ordem os atos religiosos”,

⁴⁰ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 26 mar. 1927, p.3.

⁴¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 fev. 1896, p.1.

além de destacar que o mesmo atraía “excepcional e notável concorrência de fieis deste e dos municípios vizinhos”. Ressaltava-se que era “digno de nota o fato por todos testemunhado da perfeita manutenção da ordem pública durante toda a semana e em meio de enorme concurso de povo”, não havendo “a mais simples desordem e isso abona muito a índole pacífica do nosso povo inteligente e civilizado.”⁴² Pode-se perceber a importância atribuída na participação efetiva da população e sua adesão de forma ordeira, havendo um grande número de participantes e a preocupação de que o evento fosse realizado com “pompa”, reafirmando aqui o desejo de que tais participantes permanecessem fieis aos atos religiosos próprios dessa festividade e todos os símbolos que o mesmo trazia consigo. Talvez aqui se possa argumentar se tal evento, com tão grande número de participantes, rituais e dias festivos, ocorria ou não da forma ordeira como se pretendia. Os dados fornecidos pelas notas citadas não fornecem informações suficientes nesse sentido, entretanto, podemos imaginar que, na festa em si, a hierarquia é ocultada à medida que nela interpenetram diferentes atores sociais e múltiplas atividades, onde a pobreza e a riqueza se confundem nesse clima de romaria, devoção e diversão, onde os seus organizadores não possuem total controle sobre o seu desenrolar (ADÃO, 2001).

Diante disso cabe refletir, no caso da região aqui focada, se nesses festejos a população participava de forma esperada ou não, de acordo com o desejo do clero ou mesmo das elites da época. O desenrolar desses eventos e o comportamento das populações das cidades, que viam nessas celebrações um momento também de diversão e alegria, são revelados sutilmente a partir das notas dos jornais aqui citados. Em Itajubá, há uma descrição da programação da Semana Santa numa localidade vizinha, com a realização de missas, procissões e missas cantadas, com os mesmos elementos e rituais citados anteriormente e próprios dessa celebração, cuja organização estava a cargo de uma “comissão executiva dos festejos”.⁴³ Aqui mais uma vez aparece a figura dos festeiros, como demonstrado anteriormente, responsáveis por alguns desses festejos religiosos, contribuindo nesses eventos e divertimentos das populações dessas localidades.

Em períodos de tempo mais a frente, as festividades da Semana Santa continuavam com a mesma organização, atraindo fiéis, curiosos e uma população

⁴² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 abr. 1896, p.02.

⁴³ A Verdade, Itajubá, 21 mar. 1896, p.04.

também a procura de divertimento e alegria. Na cidade de Campanha, continuava a programação própria do festejo, destacando as procissões, via sacra, missas com cantigas⁴⁴. Repete-se aqui a mesma programação própria da festividade, mesmo passado algum período após os citados anteriormente, reforçando seu caráter de continuidade de ritos e crenças próprias dos festejos, que continuavam a acontecer nos primeiros anos do século XX.

Nesse período, também em Pouso Alegre divulgava-se a programação da Semana Santa na cidade com realização de missas e procissões, citando ainda a participação das irmandades:

Na terça-feira santa, na procissão de N. Senhora das Dores, que sairá da Catedral, devem tomar parte as Pia União das Filhas de Maria, a Arquiconfraria do I. Coração de Maria, a Confraria do Menino Jesus e as crianças do catecismo da Catedral. Na procissão de Passos tomarão parte a Irmandade do Santíssimo, a Liga Católica, o Apostolado da Adoração, a Corte de S. José, a União S. Filomena, a União S. Efigênia, a Irmandade de S. Benedito e de N. S. do Rosário, colégios e crianças do catecismo do Santuário . Os associados das diversas irmandades que tomarem parte nas procissões devem levar uma vela de cera, apresentando-se com seus distintivos e trajados com toda a modéstia. As moças e as meninas devem usar vestido branco e outras senhoras vestido preto. Não se admitem vestidos decotados e sem mangas⁴⁵.

Vemos a participação das irmandades religiosas na organização e participação desses festejos, entretanto, com uma tentativa clara de estabelecerem certos limites e orientações para a participação das mesmas. Como em outras ocasiões, o clero, mesmo aceitando a participação das irmandades, sempre buscava manter um certo controle sobre a atuação das mesmas e sobre os festejos religiosos e isso não poderia ser diferente também quando da realização da semana santa. Este caráter de normatização e controle pode ser verificado não apenas nessa ocasião, pois de acordo com esse periódico de Pouso Alegre, pertencente à diocese da cidade, havia muitas irmandades na cidade envolvidas com os festejos e celebrações religiosas. Citava-se como deviam se portar essas irmandades e como se desenvolviam suas reuniões, lembrando que na “Conferência S. Vicente” haviam reuniões separadamente para “os homens da roça” e para “os “homens da cidade”, citando ainda dias e horários e outras irmandades⁴⁶.

⁴⁴ Colombo, Campanha, 22 mar. 1920, p.02.

⁴⁵ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 26 mar. 1927, p.03.

⁴⁶ Ibidem, 1927, p.03.

Percebe-se que havia uma regularidade dessas reuniões e organizações, onde as irmandades tinham um espaço e momento para suas reuniões, mas com o devido controle, hierarquia e orientação do clero. Logo, este parecia ser um procedimento comum, onde as irmandades, festeiros e pessoas de outras localidades também participavam da vida religiosa da cidade não apenas como expectadores, mas contribuindo também na organização dos eventos relacionados com os festejos religiosos. Segundo Jurkevics:

Nessas ocasiões, era comum a participação não apenas dos moradores locais, como também dos arredores que, compondo as diversas irmandades e ordens terceiras, organizavam os eventos, sobretudo para celebrar os seus santos protetores. As festas organizadas pelas confrarias mesclavam as missas, os sermões, os te-deuns, as novenas e procissões com danças, coretos, fogos de artifício, barracas de comidas e bebidas. Ao clero, normalmente escasso, cabia a celebração dos sacramentos (JURKEVICS, 2005, p. 75).

Vemos as irmandades também vinculadas a esses festejos e apesar do rigoroso controle do clero, elas conseguiam participar dos festejos de alguma forma. Assim, com o envolvimento de uma variedade de sujeitos próprios de um evento como a semana santa, com uma variedade de ritos e dias de festejos, supõe-se que a rotina das cidades eram modificadas por ocasião dos diversos rituais, como procissões e as missas nas igrejas. O envolvimento de uma parcela significativa da população em torno desses rituais era mais do que esperado, gerando sociabilidades em torno dos fatos e ritos, onde eles participavam de forma direta ou indireta, mas onde estavam ali presentes pessoas com suas diferenças e crenças, disputando o mesmo espaço.

Seguindo nessa direção, outra festividade religiosa ainda muito presente na época e, porque não dizer, ainda hoje, eram as celebrações em torno do Divino Espírito Santo⁴⁷. A historiadora Marta Abreu, que pesquisou a história do “Império do Divino” na cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XIX, sobre este, ressalta que:

As festas do Divino, por exemplo, criavam um local de encontro e comunicação entre variados segmentos sociais e gêneros musicais. As

⁴⁷ Neste festejo é comemorado o episódio bíblico da descida do céu do Espírito Santo em formas de línguas de fogo sob os apóstolos de Jesus, sendo representada iconograficamente por uma figura de uma pomba. Com data móvel que segue o calendário cristão, ela é celebrada no dia de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa. Para saber mais ver: SOUZA JUNIOR, Ronaldo Flaviano de. **Práticas de lazer em festas religiosas**: um Estudo da Festa do Divino de Diamantina, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer)- Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015. p.81.

peças que as frequentavam, apesar de suas diferenças e possíveis conflitos, tinham a oportunidade de compartilhar e intercambiar risos, movimentos, ritmos e danças variadas (ABREU, 1999, p.160).

Nas cidades aqui pesquisadas também encontramos citações sobre essa festividade, como em Itajubá, onde a “Festa do Divino” era realizada “Com toda a pompa, brilhantismo e esplendor do culto católico”, na “Matriz” da cidade, constando de “um Tríduo solene, missa cantada e procissão”. Além dos signos litúrgicos, havia “bateria”, “gyrandolas” e “levantamento de mastro” e também era um evento organizado por festeiros da cidade, “cujo bom gosto é assaz conhecido”⁴⁸, tendo a festividade acontecido “com o devido esplendor”⁴⁹.

Pode-se notar uma festividade carregada de símbolos religiosos, mas também de demais atividades que pareciam fazer parte do evento realizado na cidade. Temos aí a presença de baterias, que sugere a presença de bandas de músicas; girandolas ou girândolas, que significam rodas de foguetes que vão ao ar de uma só vez⁵⁰; além dos símbolos religiosos próprios da festividade. Vemos ainda a presença dos festeiros organizando as atividades e dias dos eventos em torno da festividade do Divino Espírito Santo. Tais pessoas e aparatos envolvidos na festividade revela uma grande preocupação em ser um evento de alcance e significado para as pessoas da cidade e, mais ainda, ver presente nas mesmas os símbolos religiosos da fé católica. Entretanto, indo mais além, pode-se dizer que as pessoas envolvidas na festividade, sejam elas os organizadores ou expectadores, pareciam experimentar um momento de encontros e possíveis trocas de fé, contentamento, diversão e conagração em torno dos atos litúrgicos e festivos.

Esta mesma pompa em torno dos festejos do “Divino Espírito Santo” pôde ser vista também na cidade de Campanha ressaltando que, além de missa cantada, a procissão “além do percurso ordinário, passou por parte da rua Quintino Bocaiuva que estava vistosamente ornada e iluminada”. Há registros dos ritos próprios desse festejo, sendo todos os atos “muito concorridos” e “Terminadas as solenidades religiosas foi queimado um bonito fogo de artifício”⁵¹. Vemos aqui elementos muito parecidos com

⁴⁸ A Verdade, Itajubá, 19 out. 1895, p. 04.

⁴⁹ A verdade, Itajubá, 02 nov. 1895, p. 04.

⁵⁰ Dicionário Aurélio online. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/girandola>>. Acesso em 19 jan.2017.

⁵¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 jun. 1895, p.02.

aqueles citados na cidade de Itajubá, como os referentes aos aspectos litúrgicos, missa e procissão, bem como a utilização de instrumentos pirotécnicos durante a realização do evento. Nota-se o trajeto da procissão, passando pelas ruas da cidade, todas elas ornamentadas e enfeitadas, onde se percebe um envolvimento significativo da população, devido não só ao som dos fogos que deveriam ser vistos por muitas pessoas, mas ainda o fato de algumas pessoas poderem assistir de suas próprias casas quando da passagem da procissão por suas ruas. Se a pessoas não podiam ir aos festejos e vivenciar os símbolos próprios dos mesmos e a distração por eles permitidos, o evento chegava até as portas das suas casas, propiciando a eles certa distração e entretenimento.

Essa festividade na cidade de Campanha foi também citada em outras ocasiões, mais uma vez com seus símbolos próprios, o envolvimento dos festeiros, além da passagem da procissão pelas ruas da cidade, sendo as vezes alteradas e que também “em toda sua extensão ofereciam um belo aspecto por estarem com gosto enfeitadas e com muita profusão iluminadas”⁵². A preocupação em tornar este um evento de visibilidade e grande concurso de fiéis parecia ser presente por parte dos jornais e também do clero. No caso dos jornais, pode-se supor que além de atrair leitores e adeptos para as suas publicações, havia um interesse de também divulgar os eventos religiosos, uma vez que seus proprietários, como já foi demonstrado, deixavam claramente transparecer sua crença na igreja católica. Por parte do clero, havia interesse em manter vivo na população os símbolos e ritos da fé católica e, conseqüente, manter os seus fiéis e seguidores. Souza (2009) ajuda-nos a compreender um pouco mais esse festejo quando dar sua impressão sobre o mesmo:

Maio é também o mês de Pentecostes, que relembra ritualisticamente a cada ano, 50 dias após a páscoa, a descida do Espírito Santo sobre os discípulos de Cristo. A isso se liga uma das festas religiosas mais tradicionais no Brasil, desde os tempos da Colônia, a Festa do Divino, que encerra o ciclo da Ressurreição. Trata-se de uma festa móvel, que pode ser comemorada tanto no dia de Pentecostes quanto em outra ocasião [...] (SOUZA, 2009, p.108).

Em contrapartida, os divertimentos propiciados por ocasião desses eventos sugerem oportunidade também de manifestações espontâneas da população virem a tona, gerando sociabilidades, participação e, porque não dizer, também momentos de alegria e prazer. Em Pouso Alegre vemos a possibilidade disto ocorrer em virtude

⁵² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 jun. 1896, p.02.

também da programação dos festejos em torno do Divino Espírito Santo em localidades vizinhas. Na localidade de “Ouros”, por exemplo, cita-se que realizou-se a “imponente festa do D. E. Santo”, havendo missas, leilões e procissões, além da presença dos “festeiros do Divino” e nomeados aqueles para o ano seguinte⁵³. Percebe-se que esses eventos eram presentes também em localidades vizinhas, permitindo participação de um número maior de pessoas em torno desses festejos religiosos e dos divertimentos por eles propiciados.

As festividades em torno do Divino Espírito Santo revelam algumas peculiaridades, como o fato dos eventos ocorrerem em datas diferentes nas cidades focos desse estudo. Além disso, percebe-se um caráter forte e diversificado quanto a participação popular e uma programação que apesar dos rituais de fé, havia também a presença de música e shows pirotécnicos. Tais características encontradas nos eventos em comemoração ao Divino Espírito Santo, são um pouco similares com o que Jurkevics (2005) descreve sobre a “Folia do Divino”:

[...] era palco de práticas religiosas recheadas de profanidade, como bailes, bebidas alcoólicas e foguetórios [...] No final da tarde, o clero retoma o controle da Festa, quando a procissão sai da Igreja, com a participação de grande número de devotos. Nesse sentido, o profano é dominado novamente pelo sagrado, isto é, a manifestação fé passa pelo controle institucional que a legitima (JURKEVICS, 2005, p.83).

Com relação às notas aqui citadas, as mesmas não explicitavam a bebida ou danças, por exemplo, sendo que podemos supor algumas razões disso. Uma delas talvez seria o fato dos periódicos buscarem enaltecer mais o aspecto litúrgico e em torno da fé optando, assim, por não expor situações e momentos mais explícitos quanto a alegria e os divertimentos propiciados por esses festejos, principalmente aqueles onde havia a presença da bebida e tumultos possíveis de ocorrer em decorrência disso, o que poderia ofuscar o brilho da festa.

Além dessas festas religiosas, aquelas em torno dos padroeiros eram também presentes na história cultural e divertida do sul mineiro, muito disputadas pelo clero, irmandades e população em geral. Dentre elas havia a festa de São Sebastião, muito comemorada nas cidades de Campanha, Pouso Alegre e até em localidades vizinhas, apresentando uma variedade de eventos e celebrações em consonância com as

⁵³ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 02 abr. 1927, p.02.

festividades religiosas citadas até aqui. Em Campanha, cita a realização da mesma com missa cantada, procissão e sermão, realizada em sua respectiva capela⁵⁴, nos revelando assim, que o santo possuía uma capela própria para os atos religiosos. Essa festividade era também “realizada a esforços da já benemérita mesa administrativa da santa casa de misericórdia da Campanha” e com grande concorrência.⁵⁵ Aqui se repete mais uma festividade com as características já citadas, como a realização de procissão, permitindo que, mesmo àqueles que não eram fieis ao santo, conhecessem os organizadores e devotos do mesmo e participassem a sua maneira do festejo.

Sobre a Santa Casa de Misericórdia da cidade de Campanha e sua participação na organização dos festejos de “S. Sebastião”, a mesma também se utilizava dos jornais para agradecer ao povo da cidade pela obtenção de recursos para as obras de restauração da entidade⁵⁶, além de divulgar um ano depois que a mesma obteve uma receita(1:972\$040) em virtude da festa⁵⁷. Nota-se a realização de um evento com um objetivo de também arrecadação de donativos e dinheiro em benefício de uma instituição, o que nos permite supor que durante a festividade houveram atividades com essa característica, como, por exemplo, a realização de leilões, algo muito comum nesses eventos.

Percebe-se um caráter diversificado quanto aos fins, meios e sentidos que essas festas representavam ao disputarem a atenção e a “concorrência” de um grande número de participantes. Isso se repetiu ainda nos anos seguintes e em localidades vizinhas, como na “Freguesia de Santa Catarina. Sul de Minas”, onde também aconteceu a “festa do Glorioso Mártir S. Sebastião, sendo o festeiro o prestante cidadão Tertuliano José de Paiva Júnior”, constando de novenas, missa cantada, procissão e sermão”. Comenta ainda que foram” muito concorridos os leilões, durante as novenas e no dia da festa”, bem como a participação de pessoas (*homens, mulheres e crianças*) que vinham a pé de longas distâncias, para prestigiarem peças teatrais e também bandas de músicas e suas “lindas peças musicais”, subindo ao ar grande número de foguetes. Lembra ainda que “Um povo religioso, assim procede, e faz inveja a todos que admiram e observam a verdade da expressão externa que indica o afeto da alma”⁵⁸.

⁵⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 30 jun. 1893, p.03.

⁵⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 jan. 1895, p.02.

⁵⁶ Ibidem, 1895, p.02.

⁵⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 31 jul. 1896, p.02.

⁵⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 24 nov. 1901, p.02.

Pode-se notar o caráter diverso que esses festejos possuíam e se configuravam dependendo do lugar e significado dos mesmos para determinada população. Insere-se aí um evento em localidades muitas vezes distantes de centros urbanos mais conhecidos, mas que tinham desejo e interesse em eventos dessa natureza, contando com elementos que permitiam a diversão e o estabelecimento de laços e redes de sociabilidades: bandas de músicas, fogos de artifícios, leilões, apresentações teatrais, além dos ritos e das procissões comuns nesses atos religiosos. A nota faz questão ainda de elogiar a postura religiosa do povo da localidade, dando destaque ainda para a presença de homens, mulheres e crianças.

Esses momentos de festejar aconteciam com a organização da Igreja e seus festeiros, mas sempre acrescidas de um número significativo de pessoas, que viam nesses eventos um momento não apenas de expressarem sua fé e devoção ao santo, mas uma oportunidade de quebra da rotina diária. Nota-se que esses dias de festejos não eram dias comuns e constituía-se oportunidade não só de celebração religiosa, mas também de encontros, diversão e possíveis tensões uma vez que havia a circulação de pessoas que se interessavam a sua maneira por esses momentos.

Em Pouso Alegre a realização da Festa de S. Sebastião também foi citada pelos periódicos e ocorriam “na maior ordem e revestiu-se de muita pompa”, com novenas “concorridíssimas”, as procissões, leilões animados, havendo ainda a presença de música do coral local. Lembra que em virtude de “S. Sebastião”, também ser o padroeiro do Bispado, a festa “esteve a altura das fervorosas homenagens que o povo de Pouso Alegre sabe tributar ao grande santo[...]”⁵⁹. Mais uma vez aparecem elementos que congregam os atos de fé, representados pelas novenas e procissões, e os momentos de diversão, representado pelos leilões e corais de músicas. Esses elementos do sagrado e do profano, muito característico dos festejos já citados aqui, aparecem com regularidade, caracterizando uma festividade com características plurais e diversificadas, onde se rompe com a rotina do trabalho e da vida cotidiana, para envolver a população com os festejos religiosos, permeado por esses elementos. Assim, como nos lembra Souza:

Enquanto do lado da religião oficial, a celebração da missa e a realização da procissão se constituem como os principais instrumentos de regulação, do lado do povo é exatamente a quebra das regras o que demarca a diferença

⁵⁹ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 22 jan. 1927, p.02.

entre a festa e o cotidiano do trabalho. Por isso, a festa é ritual, porque é sua realização repetitiva que permite reverenciar a memória do santo, por exemplo. Ela é celebração, porque é a exaltação coletiva dos sentimentos de liberdade das amarras da vida cotidiana (SOUZA, 2010, p.101).

Em Pouso Alegre cabe destacar ainda a presença das irmandades, muito presentes em alguns festejos religiosos e que também são citadas nos periódicos, como a formação de uma delas, denominada de “União de S. Ephigênia”, que teve em sua instalação a “admissão de 60 e tantas moças de cor na referida associação”⁶⁰. Essas irmandades atuavam e participavam nos eventos religiosos promovidos pela igreja da cidade e também contribuía com a disseminação da fé católica, mas agregando elementos de sua própria cultura, dentro das possibilidades e oportunidades dadas pelo clero. Tal situação, transparecia um certo convívio entre esses dois elementos da vida social da cidade, irmandades e clero, com suas tensões e devidas hierarquias, claro. Entretanto, como nos alerta Araújo:

Quanto às festas religiosas, não obstante serem percebidas por grupos mais intelectualizados das elites urbanas como expressão do catolicismo e da tradição portuguesa, também se tornaram objeto de vigilância, especialmente as patrocinadas pelas irmandades, devendo estas também pedir licença, que se manifestaria em função da civilização, da ordem e moral pública, permitindo ou não a realização da festa (ARAÚJO, 2005, p. 76).

A religiosidade, suas inúmeras manifestações de fé e entretenimento, buscava também se moldar as mudanças políticas, econômicas e culturais do período, tentando se afirmarem enquanto identidade de um povo. As mudanças pautadas nos ideais de progresso, modernidade e o que era civilizado, aconteciam paralelamente aos festejos religiosos, onde o clero preocupava-se em manter os mesmos presentes na cultura e vida das pessoas daquele tempo.

Outro exemplo nesse sentido era o festejo em torno do padroeiro da cidade de Campanha, Santo Antônio. Seu clero e elite, formada em sua maioria por devotos católicos, esforçavam-se para que tal evento também ocorresse de acordo os valores característicos de uma sociedade civilizada. Citava a realização do festejo ocorrido “Com a máxima pompa” e realizado pelos festeiros responsáveis, que eram elogiados não apenas pela ordem dos atos, mas também “pelo feliz êxito da simpática festividade

⁶⁰ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 22 jan. p.03.

que encontrou decidido apoio da parte da nossa culta população católica”⁶¹. Tais palavras iam de encontro ao desejo de demonstrar um povo católico e civilizado, que estava presente nos rituais e festejos em prol do santo, buscando talvez com isso, manter seus fieis, conquistar outros e transmitir a ideia de uma festividade com certa ordem. Além disso, na ocasião também havia a realização de leilões que ocorriam “durante os treze dias da festa”, havendo ainda no encerramento da festa, “missa cantada, procissão e um pequeno fogo de artifício”. A população era solicitada a também participar contribuindo com “delicados brindes para a festa” do padroeiro, e por isso, “[...] pedem aos fieis desta cidade o seu valioso concurso para ser com toda a pompa realizada a referida festividade”⁶².

Mais uma vez, é recorrente a presença dos festeiros na organização desses eventos, os quais eram eleitos a cada ano para o desempenho da função. O periódico ressalta a importância de se apoiar a iniciativa dos mesmos e da igreja, uma vez que são aliados nesse projeto de manutenção das tradições e festejos católicos. Longe de serem meros coadjuvantes, os mesmos desempenhavam um papel crucial na sobrevivência desses eventos culturais que se perpetuam até dos dias de hoje. A realização de treze dias de festejos, com leilões, missas cantadas e procissões, nos faz supor que tal evento movimentou a cidade de forma significativa naqueles dias e possivelmente em outros períodos, uma vez que se tratava do padroeiro da cidade. Nos jornais aqui pesquisados não houve mais detalhes do transcorrer desse festejo e as atividades que divertiram as pessoas nesses dias de festa, sendo citada a programação geral do evento e não os acontecimentos que se sucederam no transcorrer desses dias de festa e diversão.

Já em Itajubá, também era recorrente a citação desses festejos e a participação dos festeiros na organização dos mesmos. Ao citarem que se festejou na vizinha freguesia de “S. José do Alegre”, “o Orago patriarca S. José”, lembra que ocorreu “com a maior pompa possível todos os atos”, com presença de uma banda de música de Itajubá e aproveitam para elogiar os festeiros que organizaram o evento e citar aqueles que “foram designados festeiros para o ano seguinte”, que “recebeu os cumprimentos da corporação musical e do povo a quem obsequiou.”⁶³ Aqui, confirma-se o que já foi dito sobre os festeiros, os quais eram eleitos a cada ano, provavelmente por membros do clero das localidades. Além disso, é interessante notar que devido a

⁶¹ Colombo, Campanha, 19 jun. 1920, p. 01.

⁶² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 21 mai. 1893, p.03.

⁶³ A Verdade, Itajubá, 21 mar. 1896, p.03.

proximidade entre essas localidades, as pessoas se envolviam e participavam de tais eventos religiosos e festivos das cidades próximas, seja com a presença de fieis ou mesmo, como no caso aqui, da presença de uma banda de música da cidade de Itajubá animando a festa nesta localidade. Percebe-se que os eventos festivos e religiosos envolviam habitantes e cidades vizinhas, ao contribuir com a vida divertida das pessoas desses locais, tirando-os de sua rotina diária, permitindo um envolvimento maior das mesmas em torno de tais eventos.

Em Campanha, ao citarem a “Festa de Santa Cruz”, os responsáveis por ela divulgam sua programação e que “espera-se, pois, que as famílias campanhenses concorrerão a fim de mais brilhante e atraente tornar-se a poética festa de Santa Cruz no pitoresco subúrbio denominado Campo do Fubá”⁶⁴. Destaca-se aqui a realização de um festejo distante da região central da cidade, revelando que as pessoas dessas localidades tinham um momento de comemoração mais próximo de suas casas, permitindo uma maior participação e adesão dos mesmos por conta da realização desse festejo religioso. Demonstra também o interesse da igreja em manter vivos seus ritos e símbolos junto a uma variedade de pessoas, que também habitavam localidades distantes da região central da cidade.

Como vimos, nessa cidade era recorrente a citação de outros festejos religiosos deixando claro na maioria das vezes que “os atos religiosos tiveram grande concorrência e a festa em perfeita ordem”, reforçando ainda o caráter social e assistencialista de algumas delas ao citarem, por exemplo, o resultado da “subscrição feita adquiriu-se uma imagem de S. Vicente de Paulo”, concedido ainda “auxílio extraordinário as 18 famílias socorridas pela sociedade”⁶⁵. Vemos uma preocupação também em atenderem a população carente com os recursos obtidos durante a realização desses eventos. A associação citada aparenta ser uma entidade beneficente da cidade e como tal atendia a população carente da cidade. Além da presença de ritos próprios desses festejos, podemos supor que nesse evento estaria presente a elite da cidade, que contribuía com os donativos ofertados no evento e também faziam parte dos corais das igrejas, elementos importantes em seu projeto de catequese e doutrinação.

As festas citadas que celebravam a manifestação da fé com seus rituais e instrumentos levavam muitas pessoas a saírem de suas casas em busca de bênçãos

⁶⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 13 abr. 1893, p.03.

⁶⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 jul. 1894, p.03.

religiosas, fuga da rotina de suas obrigações diárias e também era oportunidade de diversão. Isso nos demonstra como uma população conviveu com esses elementos com suas singularidades, desejos e divertimentos próprios, em um dado tempo e lugar, mas que construiu assim, um *modo vivendis* a partir de muitas mãos e de muitas maneiras. Desse modo,

De uma forma ou de outra, religião, festa e lazer são mecanismos sociais e simbólicos que colocam o homem diante de si mesmo, e o faz numa atitude de um profundo defrontar-se com o outro, seja este outro um homem, uma tradição, a história, ou algo transcendente. Além do interesse por questões religiosas, diversas são as motivações que levam as pessoas a participarem da festa [...] (SOUZA JUNIOR, 2015, p.133).

O que se pôde verificar foi que religião, festejos e os divertimentos ali presentes propiciaram para a vida desses indivíduos oportunidades de estabelecerem sociabilidades diversas, reverem e reafirmarem credos e cultos, e acima de tudo, permitiu para os mesmos experimentarem momentos com significado e singularidades próprias daquele tempo. A religiosidade e a diversão caminhavam num mesmo passo gerando influências e remodelando a vida cotidiana das pessoas que viviam nessas localidades e se divertiam nas festas religiosas, de forte caráter católico, em virtude de um período específico, data ou mesmo os inúmeros padroeiros que eram a razão de ser desses festejos.

Esses eventos tinham caráter festivo, mas também contraditório e *sui generis*, uma vez que tais eventos culturais tinham aspectos próprios dos lugares e das pessoas que deles participavam e eram responsáveis pela sua organização, assumiam as características dos interesses de uma elite econômica e política, do clero, mas também tinha a participação significativa de uma parcela da população que se envolvia na organização dos festejos, como as irmandades e os festeiros. Desse modo, conforme nos lembra Araújo (2012) cabe salientar que:

Muitas foram as festas ocorridas no Brasil. A vida cultural brasileira foi, desde a Colônia, bastante movimentada e as comemorações festivas marcaram sensivelmente o contato entre as pessoas. As festas organizavam o calendário social e permitiam que o distanciamento que envolvia as pessoas fosse rompido. Isso não significava, especialmente nas festas públicas e religiosas, que a hierarquia e o lugar social que cada um ocupava fossem desconsiderados. As comemorações festivas eram momentos propícios para que os laços comunitários, a sociabilidade e a solidariedade se

manifestassem, assim como era também uma época privilegiada para a difusão de ideias com claro apelo político (ARAÚJO, 2012, p. 72-73).

O que se nota é que nesse período os festejos religiosos foram parte da vida das pessoas que habitavam a região sul mineira, adaptando-se aquela realidade e lugar, onde se observa uma quantidade significativa de dias santos e feriados religiosos, que até hoje influenciam o tempo e a vida social das pessoas em nosso país e que desde a colônia veem influenciando os tempos sociais, do trabalho e, claro, na possibilidade das pessoas usufruírem de seu tempo livre ou do não trabalho para se divertirem ou saírem da rotina diária. Souza (2009) reforça essa ideia e nos diz ainda que:

O que se percebe, portanto, é que, a despeito do vertiginoso processo de globalização, dos processos de secularização da cultura e desencantamento do mundo, o que supõe inevitáveis efeitos modernizadores sobre o modo de organização da vida e dos saberes locais, os tempos da vida social são fortemente demarcados pelo calendário religioso e as festas de santo são sua principal expressão. Ainda que boa parte da população que desfruta delas não tenha qualquer filiação religiosa ou não se filie ao catolicismo, as festas religiosas se caracterizam por reunir a comunidade local em torno da celebração do santo da devoção e, com ela, vasta gama de visitante (SOUZA, 2009, p.110).

Outro fator importante foi que se percebeu, na maioria das vezes, que os periódicos aqui citados não detalhavam como se transcorriam esses dias santos e festejos religiosos, uma vez que muitos deles duravam dias, onde havia a presença da música, dos fogos e de apresentações teatrais. Onde se encontravam a dança, a bebida e como se davam ou eram tratados os conflitos? As festas organizadas, por exemplo, pelas irmandades em homenagens aos santos padroeiros ou outros de devoção, costumavam envolver as práticas sagradas com as profanas nas comemorações dentro da igreja ou fora dela, para desagrado de muitas autoridades civis e religiosas, uma vez que além das missas, procissões e novenas havia as danças, coretos, fogos de artifícios e barracas de comida e bebida (Abreu, 1999). Entretanto, tais aspectos pouco surgiram nos periódicos aqui pesquisados.

Notou-se que os jornais fontes dessa pesquisa tinham o interesse de informar sobre tais comemorações religiosas e difundi-las junto a população, o que nos permite compreendê-lo enquanto parte de um processo social, cultural e político que era influenciado e influenciavam a vida cotidiana das pessoas. No entanto, com o cuidado de deixar de lado, na maioria das vezes, as tensões e conflitos, comuns em eventos dessa

natureza, onde a aglomeração de pessoas pode gerar inúmeras maneiras de usufruir o espaço e os divertimentos que se sucederam. Sociabilidades próprias de indivíduos que tinham nesses festejos religiosos a oportunidade de estabelecerem laços, repartirem credos, suas tristezas e alegrias.

De acordo com Adão (2001), para a Igreja, os momentos de devoção e diversão eram oportunidades para o reforçamento da fé e para a unidade de seu trabalho e ainda, eram momentos estabelecadores de relações sociais e de convivência. Logo, as festividades religiosas aqui citadas cumpriram bem seu papel de manutenção da fé e crença de um povo, se tornando também espaço de trocas variadas nos papéis desempenhados pelos atores sociais da região aqui focada, onde os mesmos puderam também se divertir por ocasião desses eventos, divertimentos esses que se configuraram vivos e presentes na vida das pessoas que habitavam a região. Tais festividades assumiram ainda um caráter antagônico em comparação com os ideais de progresso então em voga, uma vez que se buscava manter viva na vida daquela gente sua fé nos símbolos tradicionais da igreja católica, que também buscava ao seu modo se adequar a nova conjuntura sem que para isso se sacrificasse tais festejos e sua tradição.

1.3 Os leilões e as “tombolas”: instrumentos de diversão dentro e fora dos festejos religiosos

De acordo com os dados obtidos junto a imprensa da época, era recorrente a realização de algumas atividades junto as comemorações, procissões, missas e novenas, com o intuito de arrecadar dinheiro e donativos e atrair as pessoas, mantendo as mesmas fieis aos festejos e tradições religiosos. Seus organizadores utilizavam de algumas estratégias, que acabaram por se tornar parte desses eventos em torno da fé e da história dos mesmos, como os leilões, dentre outras atividades, criadas e surgidas em virtude das realizações dos festejos religiosos naquele tempo e que em muitos lugares estão presentes até hoje,

Esses aspectos culturais em torno desses festejos nos mostra como características do sagrado e do profano conviviam num mesmo espaço e se tornaram parte das comemorações nos dias santos. Souza Junior nos esclarece, portanto, que:

[...] para o homem religioso o tempo pode ser dividido entre o que é sagrado e profano. O tempo sagrado fornece ao mesmo algo transcendental, o contato

com questões divinas, ao passo que o tempo profano pode ser entendido como o tempo cotidiano, onde ocorrerem coisas que são privadas de significados religiosos (SOUZA JUNIOR, 2015, p.30).

Esse comentário do autor nos ajuda compreender o lugar desses divertimentos dentro deste contexto, seu significado e valor para as pessoas que participavam desses eventos. Era recorrente a citação de realização de leilões na ocasião dos festejos, como forma de arrecadação de dinheiro para a festa e instrumento de entretenimento. Em Pouso Alegre, por exemplo, em decorrência da celebração para “Nossa Senhora de Lourdes”, na localidade de “Maria da Fé”, comenta-se que “a boa vontade despendida por todos os servidores de tão festiva data, contribuíram grandemente para o exuberante brilhantismo dos festejos”, ressaltando que após a missa, “houve rico leilão de custosas prendas, prendendo a curiosidade pública durante muito tempo” e após essas diversões e sua finalização, “saindo vencedor em todas as provas o distinto moço João Carneiro da Silva [...]”⁶⁶.

Pode-se verificar com esse festejo o número de pessoas presentes na organização, adesão e a diversão que tais festejos propiciaram. Os leilões eram um dos momentos de destaques nessas ocasiões e muito concorridos pelos participantes, sejam pelo interesse nas prendas ou no caráter animado de quem os conduzia. A presença desse instrumento de diversão parecia atrair muitas pessoas às festividades religiosas, um motivo pelo qual esses leilões são muito citados na ocasião de sua realização. Na festividade citada fica claro que houve leilões de “custosas prendas”, o que nos faz supor que as mesmas tinham um valor significativo e que em sua maioria eram doadas pelos próprios fies, revelando assim uma elite católica que subsidiava e apoiava a realização desses eventos. Havia ainda a presença de muitas pessoas assistindo ou mesmo concorrendo às prendas que eram leiloadas, sendo um momento particular de diversão e torcida para ver quem sairia vencedor dos “lances”, como no caso do leilão citado, divulgando-se que um cidadão saiu vitorioso por ocasião do mesmo ali realizado.

Um jornal de Campanha, ao citar a realização de um leilão numa comemoração religiosa na localidade de “Água Virtuosas”, nos dá um exemplo de como eles eram realizados e como se dava a participação dos populares:

⁶⁶ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 19 fev. 1927, p.03.

Então era de ver-se o garbo e habilidade com que M. Ch. Dupin, alcançando *chicamente* entre o polegar e os médios da sinistra o pomo da discórdia- a prenda- e na dextra a bengala para a pancada convencional do lance vencedor, acenava aos vários grupos combatentes requestando provocando-os com uma pilheria de gosto, um dito de espírito, uma ironia inocente, uma interjeição estimulante, até que o último lance proclamado três ou quatro vezes pausadamente intervaladamente era afinal proferido em tom decisivo e rápido e pontuado com a pancada de estilo, ferida ao mesmo tempo em que, a meia voz e rapidamente, enunciava o nome do triunfador. Um general em chefe o nosso Ch. Dupin acendendo primeiro o tiroteio entre os postos avançados, e daí a pouco dirigindo com incrível serenidade a ação empenhada em vivíssimo fogo pela frente, pelos flancos, por todos os lados até que, vazia a mesa de prendas e circundado de seu estado- maior de formosas moças, que guarneciam as arquibancadas de redor, lançava um olhar de contentamento a vencedores e vencidos, de animação para novos combates, e retirava-se contente consigo mesmo. Ele nas batalhas de quintas e domingos e sua digna uxóra Exma. D. Guilhermina, esmolando todas as noites a porta da igreja com constância e paciência só piedosas, foram heróis a quem a comissão muitíssimo deve do esplendor e brilho que sempre ostentou sua encantadora festa[...]⁶⁷.

Aqui podemos visualizar como se desenrolavam os leilões, com um animado locutor encarregado de estimular a participação e os lances e como se dava a participação das pessoas. Podemos supor que tal característica quanto a sua condução e desenvolvimento, os leilões pareciam assim ocorrer nas localidades aqui pesquisadas, levando os presentes a oportunidade de diversão e socialização por ocasião de sua participação como coadjuvantes ou protagonistas dos lances. Assistimos com isso, uma oportunidade de diversão e curiosidade por parte das pessoas presentes e a importância desse momento da festa para o êxito das festividades, como já descrito anteriormente. Além disso, pela nota citada vislumbramos uma estrutura onde as pessoas que acompanhavam aos lances eram em grande número, dispostas em arquibancadas assistindo as “batalhas” entre aqueles que disputavam os lances. Assistimos um evento por ocasião de uma festividade religiosa, levando os participantes vivenciarem momentos de alegria, euforia, sociabilidade e o que parecia, também muita diversão.

A “Festa de N. Senhora da Conceição”, padroeira da paróquia de “Estiva”, que estava programada para ser realizada nessa localidade, também apresenta uma programação extensa e, como de costume, os festeiros responsáveis, onde os leilões assumem importante papel. A citação ao mesmo era recorrente, previsto para ocorrerem após as missas, havendo ainda a queima de fogos executados por “pirotécnicos” da

⁶⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 jun. 1896, p.2.

cidade de Pouso Alegre, destacando-se que ainda haveria um “grande leilão de gados”.⁶⁸ Vemos a importância atribuída aos leilões por ocasião desse festejo, uma vez que o mesmo estava previsto para ocorrer em todos os dias das comemorações, revelando ainda que seriam leiloados “gados”. Isso nos dá uma ideia de quem poderia participar dos lances, uma vez que tal prenda deveria ter alto custo. Demonstra novamente que haviam aqueles que assistiam ao evento e se entusiasmava e divertia-se com os lances, e aqueles que participavam ativamente dos mesmos, o que leva-nos a supor que os primeiros poderiam ser a população mais carente e, os donos dos lances a elite econômica que possuía recursos para participar das ofertas. Apesar do periódico não deixar muito claro, percebe-se um evento com o intuito de não apenas celebrar uma figura religiosa, mas também obter recursos em torno da festividade. Além disso, assistimos a realização de um festejo onde instrumentos religiosos(sagrado) dividiam a atenção e o espaço com outros atrativos, como os leilões(profano).

Em Itajubá, por sua vez há uma citação do balancete da “Festa de S. Benedito”, listando a realização de cinco leilões, onde se arrecadou uma soma grande de dinheiro⁶⁹. Vemos aqui a regularidade dos leilões durante os festejos religiosos e seu significado junto àqueles que deles participavam e organizavam. Talvez possamos também dizer que nessa festa, estaria representada, ainda que sob tensão, uma outra ordem, mais tolerante e menos controladora dos impulsos e dos comportamentos, em que sagrado e profano imbricavam-se, permeados por um território de difícil demarcação do liame entre o espaço da igreja e o espaço da praça (ADÃO, 2001).

Nesta mesma cidade também há a citação da realização de leilões por ocasião das comemorações do Divino Espírito Santo, os quais aconteceram em quase todos os dias da celebração na cidade, sendo que era esperado pelo festeiro:

O maior concurso dos fieis e o generoso apoio do povo desta cidade e município para maior brilhantismo da solenidade. Roga e pede, em nome do Divino Espírito Santo, as exms. famílias, não só prendas e objetos para a exposição e leilão como também anjos e virgens para a procissão[...]⁷⁰.

Aqui vemos a participação da população contribuindo não apenas com sua presença nos leilões, mas também para que os mesmos pudessem ocorrer.

⁶⁸ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 12 de mar. 1927, p.03.

⁶⁹ A Verdade, Itajubá, 08 ago. 1918, p. 04.

⁷⁰ A Verdade, Itajubá, 19 out. 1895, p.04.

Na localidade de “Águas Virtuosas” por ocasião de mês de Maria, anos antes, havia também a citação sobre a realização de leilões durante esse festejo que durou em torno de 30 dias nesta localidade, ressaltando a variedade de pessoas participantes e a sua participação nos “lances”. Ressalta-se que os leilões ocorriam a noite após os atos litúrgicos, com a presença de uma “filarmônica local”, sendo “digna de menção a afluência que tinha esse certâmen de óbolos, ao qual corria sem distinção de classe ou condição todas as pessoas deste lugar trazendo, além da delicada oferta, a franqueza animada dos lances [...]”⁷¹ Como nas localidades já citadas, vemos aqui também que os leilões tinham sua importância e significado para pessoas de classes distintas que assistiam e que davam os lances, e no caso da nota, querendo transparecer o caráter democrático do evento. Destaca-se aí tanto os brindes que foram doados para o evento, como também que os lances foram bem satisfatórios para a arrecadação da festa. Mais uma vez pode-se ver que ao término dos atos litúrgicos, símbolos da fé no santo e na igreja, seguiam-se os leilões, o momento da diversão fora da igreja, mas em virtude da fé e dia do santo. Desse modo percebemos, como nos lembra Souza:

Ainda que haja a forte presença da Igreja, com seus rituais de afirmação da catolicidade e sua intenção de regular a festa popular – a festa, o devoto e o santo – há o povo que faz a festa a seu modo, quase independentemente dos instrumentos de poder impostos de fora. Mesmo que a instituição exerça seu poder, demarcando os espaços do sagrado e re-significando a festa a seu favor, há sempre espaço para os divertimentos populares[...] ou para eventos que tanto podem ser a arrecadação de recursos para o financiamento da festa (o leilão, o giro, as prendas) ou abertura da festa ao mercado em pequena escala[...] (SOUZA, 2009, p.110) .

Os leilões, mesmo sendo realizados em virtude de algum festejo religioso, acabavam por adquirir sentido e caráter próprio, ao atrair também aqueles que buscavam neles muito mais que exercer sua religiosidade, mas também por diversão.

Além de sua presença em dias de festas, os leilões tornavam-se também um evento particular ao serem realizados para arrecadar fundos para alguma festa religiosa ou aquisição de objetos, como, por exemplo, a organização de um leilão a fim de comprar uma “Imagem de Santa Ignez”⁷² numa das localidades da região. Havia toda uma organização prévia do evento para que o mesmo atraísse as pessoas e alcançasse os objetivos propostos com a arrecadação do dinheiro e donativos. Desse modo, pode-se

⁷¹ Monitor Sul Mineiro, 18 jun. 1896, p.02.

⁷² Semana Religiosa, Pouso Alegre, 05 fev. 1927, p.03.

dizer que esses eventos organizados pelo clero e seus colaboradores, também contribuíam para que esses festejos continuassem a fazer parte da vida cultural, religiosa e divertida das pessoas daquele tempo.

Essa convivência e características desses eventos nos faz pensar sobre o impacto dos mesmos na vida dessas pessoas e seu significado naquele tempo nas sociabilidades das mesmas. Tais eventos faziam parte da história cultural e divertida dessas localidades, merecendo nosso olhar e compreensão da relevância dos mesmos para as pessoas que habitavam o sul de Minas no período. Os leilões, enquanto instrumento com uma variedade de fins, constituía ainda num importante momento de diversão e sociabilidade, criando sensações e expectativas variadas de quem deles participavam. Em Pouso Alegre, por exemplo, os leilões foram muito citados e demonstram fazer parte do cotidiano dos festejos religiosos e para arrecadar recursos. Mesmo em dias de chuva, quando os mesmos eram adiados, era esperado “[...] a mesma animação e concorrência dos outros leilões”⁷³.

Nos periódicos de Pouso Alegre há ainda citações sobre os leilões realizados em localidades vizinhas, demonstrando o apelo popular causado por este entretenimento, como na localidade de “Borda da Mata” ao comentar que “Para a aquisição dos prêmios e atrativos para o catecismo a Exma. Sra. D. Emília Duarte, presidente da Irmandade S. C. de Jesus”, auxiliada por outras ajudantes, “promoveram um leilão que como produto de algumas subscrições alcançou o total líquido de 805\$000. Não faltaram, pois variados e lindos prêmios para incentivarem o interesse infantil [...]”⁷⁴. Cita também a realização de um outro leilão na mesma localidade, em louvor a “S. Sebastião” e “cujo produto se destinou a auxiliar as despesas do concerto da Matriz que agora está sendo efetuada”⁷⁵.

Além de mais uma vez notarmos a participação das irmandades na organização dos festejos, percebemos a quantia que se arrecadava com os leilões e, conseqüentemente, cabe-nos supor que havia um número significativo de pessoas participando do evento, além de verificarmos o uso dos leilões também para a arrecadação de dinheiro para as obras das igrejas. Verifica-se assim que os leilões foram muito presentes na ocasião dos festejos religiosos, com objetivos variados como arrecadar dinheiro para alguma obra ou ação beneficente, manter as pessoas fiéis e

⁷³ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 21 jan. 1927, p.03.

⁷⁴ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 29 jan. 1927, p.02.

⁷⁵ Ibidem. 1927, p.02.

presentes nos eventos e festas religiosas e instrumento de diversão e reunião de pessoas, fieis ou não, que tinham na ocasião a oportunidade de estabelecerem laços e sociabilidades diversas, as quais aqui não foram detalhadas na notas dos periódicos.

As pessoas participavam dos leilões enquanto ouvintes ou participando dos lances, que ao nosso entender eram praticados por aqueles que tinham certa condição de adquirir as prendas leiloadas. Como se pode notar, leiloavam-se muitos objetos, doados ou confeccionados pelos fieis, além de outros de maior valor, como gado citado por um periódico da cidade de Pouso alegre, caracterizando e diferenciando-se assim o público que podia participar dos lances e efetivamente obtê-los, daqueles que se contentavam em assistir aos lances e se divertir com os mesmos. A duração dos leilões não é explicitada pelos periódicos aqui pesquisados, mas sabe-se que os mesmos ocorriam após os ritos religiosos próprios de cada festejo e que eram conduzidos por alguém que apresentava os brindes e solicitava os lances. O mesmo deveria ser um individuo que mantivesse o interesse e atenção do público para o evento e para maior obtenção possível nos valores das prendas. Assim, as pessoas daquele tempo se divertiam em torno desse que era um instrumento diversificado em seus usos e objetivos, mas muito próximo e aliado enquanto instrumento presente e próprio nos festejos religiosos nas cidades aqui citadas.

Outra atividade que aparece em alguns periódicos aqui pesquisados, eram a realização de “tômbolas”⁷⁶ durante alguns eventos também com o intuito de arrecadar recursos para alguma obra ou evento, mas sem dar muito detalhes como a atividade se processava. Em Campanha vemos um grande destaque e número de pessoas envolvidas na realização de uma tómbola no ano de 1893 e os comentários dão a entender que a realização da mesma costumava acontecer no “Teatro S. Cândido” da cidade, ressaltando a repercussão quanto ao número de envolvidos na organização daquela tómbola. Cita a realização desse evento em benefício das obras do teatro e que na ocasião seriam encenadas peças pelos membros do “Club Dramático da Escola Normal”⁷⁷, divulgando os nomes das senhoras que ajudaram com os brindes para a

⁷⁶ De acordo com o dicionário Michaelis, tómbola é uma espécie de loteria usada nas quermesses ou sociedades, para fins beneficentes, com prêmios apenas em objetos. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=tombola>>. Acesso em 05 nov.2016.

⁷⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 30 jul. 1893, p. 03.

realização daquela tombola⁷⁸. Além disso, costumava-se divulgar a realização das mesmas nas páginas dedicadas aos anúncios, explicitando sobre sua realização no “Teatro S. Cândido”, os horários e outras atrações⁷⁹.

Verifica-se aí que o momento de realização das tombolas eram enriquecidos com outras atividades e apresentações, permitindo momentos de diversão e alguma sociabilidade, como se pode notar com a nota acima. Isso se verificou na repercussão causada pelo evento e publicada posteriormente pelo jornal da cidade, o qual destaca que apesar do mal tempo, foi belíssima e bastante concorrida a festa realizada no teatro, em benefício das obras no mesmo. Elogia as senhoras que, “[...]mais de uma vez tem auxiliado poderosamente com seus mimos trabalhos a restauração daquela casa de distrações do povo campanhense,- desta vez, mais que nunca, merecem elas as mais justas homenagens da gratidão de nossos conterrâneos pelo muito que fizeram”⁸⁰.

Com a nota acima, nota-se que as prendas eram confeccionadas e/ou doadas pelos membros da sociedade local, no caso aqui das senhoras da cidade. O evento contou com uma frequência significativa, demonstrando o interesse de parte da população na participação do mesmo, ressaltando ainda que mais de duzentos brindes foram oferecidos pelas mesmas à “Tombola” e que “[...]diante de tão esplêndida coleção de verdadeiras teteias, entre as quais figuravam custosos e belos trabalhos de agulhas de nossas patrícias, todos vacilavam na escolha, como si esta pudesse influir na sorte a que estavam sujeitos[...]”. Além disso, fazia-se questão de ressaltar “a louvável boa vontade com que o belo sexo de nossa terra auxilia sempre em tudo o que se refere ao progresso e adiantamento da Campanha”⁸¹.

Além de um número significativo de pessoas presentes e contribuindo na realização do evento, o jornal aqui deixa claro o valor dado pelo mesmo quando os cidadãos se envolvem nesses eventos importantes, segundo ele, para o progresso da cidade. A realização de tal evento no teatro da cidade era motivo de muito orgulho por parte de seus habitantes, ou mesmo a sua elite, o que significava também ser uma população que se intitulava de civilizada e também consumidora desses instrumentos de diversão e cultura.

⁷⁸ Ibidem. 1893, p.03.

⁷⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 13 ago. 1893, p.03.

⁸⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 ago. 1893, p.02.

⁸¹ Ibidem, 1893, p.02.

O destaque por ocasião da realização da tombola na cidade de Campanha, não parou por aí, uma vez que ainda se ressaltou que o promotor da festa deve estar satisfeito com o resultado da mesma, “[...] mormente tem sido tão grande a aceitação que teve a ‘tombola’, que não sobrou-lhe um só dos cartões que tinha e de que a última hora ainda havia grande procura.”, comentando que foi uma noite agradável e que, “[...] certamente será lembrada por quantos ali se achavam e que assim concorriam para mais um melhoramento de nossa terra”⁸². Desse modo, podemos supor que a tombola assemelha-se a definição que citamos anteriormente, ao relatar aqui a existência de cartões durante a realização da mesma. Nesse sentido, pode-se descrever a mesma com um significado similar de uma loteria, onde se sorteavam brindes de acordo com o número anunciado, sendo o ganhador o dono da cartela com o número citado. O que parece é que esses cartões eram comprados pelos participantes que tinham interesse e condições de adquiri-los, o que nos leva a supor que a participação nesse tipo de divertimento exigia dispêndio de certa quantia de dinheiro, sugerindo que havia uma participação restrita da população, ou seja, aquela que possuísse condições financeiras de usufruir desse divertimento.

Entretanto, surgiam algumas dificuldades por parte dos organizadores deste evento quanto há alguns inadimplentes, ou seja, os cidadãos que não haviam ainda pago os bilhetes da tombola realizada naqueles dias. Os organizadores divulgaram uma nota, uma vez que:

Desejando prestar contas das despesas feitas até agora com os reparos deste teatro e dependendo disso exclusivamente do recebimento das quantias com que os cavalheiros que compraram bilhete para a tombola do dia 15 do corrente, auxiliarão aqueles reparos, pede o abaixo assinado aos mesmos a fineza de saldarem seus débitos “⁸³.

Aqui a nota deixa transparecer que as pessoas poderiam também adquirir os bilhetes sem pagá-los a vista, mas gerava alguns transtornos como o citado acima, indicando algumas tensões e dificuldades dos seus organizadores na organização de tal evento. Entretanto, um ano mais tarde, o organizador da tombola em prol das reformas do teatro da cidade, ao divulgar uma nota com o balancete das receitas e despesas feitas nesta reforma, relaciona a quantia arrecadada com o evento bem como o nome das

⁸² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 ago. 1893, p.02.

⁸³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 23 ago. 1893, p.03.

pessoas que compraram os bilhetes⁸⁴. Além do valor arrecadado(851\$000), a nota traz os nomes dos participantes revelando um numero bem significativo dos mesmos por ocasião do evento.

O destaque aqui dado a tombola foi devido a singularidade deste divertimento que era valorizada por uma parcela da população presentes em torno dos eventos em que a mesma é citada pelos periódicos, demonstrando um lugar da “*tombola*” na vida cultural de parte da população de algumas cidades. Outro exemplo disso, pode ser visto numa nota de um jornal de Pouso Alegre intitulada “927”, ao comentar sobre a realização de uma tombola, dizendo que “927” foi o número sorteado da tombola promovida meses atrás, pela “Legião S. Sebastião” desta cidade, dando direito ao prêmio um “Ford”⁸⁵. Como o prêmio aqui citado refere-se a um automóvel, percebe-se um certo apelo que esse divertimento tinha também junto a população desta cidade naquele tempo, bem como o nível de organização e apoio que tal divertimento possuía junto também a elite da época. A presença de automóveis já era uma realidade na cidade nesse mesmo ano⁸⁶ ou em outras cidades como Itajubá, onde há a citação destes veículos no ano de 1918⁸⁷. Entretanto, muito provavelmente quem tinha condições de possuir o mesmo era a elite dessas cidades, o que nos faz supor que um membro da elite religiosa da cidade poderia ter doado um automóvel para ser sorteado na tombola.

A tombola, enquanto um instrumento de arrecadação de dinheiro para obras ou recursos financeiros para alguma entidade ou pessoas e momento também de encontros e diversão, também teve seu lugar na vida de parcela dos habitantes de algumas localidades aqui citadas e junto com os leilões, possibilitava a reunião de pessoas, de classes similares ou não, em torno de um divertimento que traziam às mesmas, momentos de alegrias, curiosidades e sociabilidades. Elementos esses que tivemos a oportunidade aqui de aprofundar um pouco, mas demonstra também que muito deve e pode ser pesquisado em virtude do alcance e interesse que esses divertimentos tinham na vida cultural, às vezes limitada, mas também divertida daquela gente naquele tempo.

⁸⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 mai. 1894, p.03

⁸⁵ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 22 jan. 1927, p.02.

⁸⁶ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 12 mar. 1927, p.03.

⁸⁷ A Verdade, Itajubá, 08 ago. 1918, p.04.

CAPÍTULO 2

DIVERTINDO-SE COM AS ARTES DRAMÁTICAS E CIRCENSES

“Incontestavelmente- o teatro é uma das maiores instituições até hoje criadas: é a escola dos nossos costumes, é o corretivo da sociedade. O indivíduo que o frequenta, que o estuda ou mesmo que nele representa, há de por força ser um bom cidadão, probo e honesto, em cujo coração transborda quase sempre a caridade e a virtude. É o palco que muitas vezes mostra-nos o orgulho abatido, o crime social repellido e os seus autores expiando-o”⁸⁸.

O teatro, o circo e as representações artísticas da interpretação de história e pessoas também estiveram presente na vida cultural das cidades da região sul de Minas, levando as pessoas aos teatros, praças e tendas a assistirem e se divertirem com tais manifestações culturais.

A historiadora Regina Horta Duarte, que estudou os espetáculos de teatro e circo em Minas Gerais no século XIX, comenta que:

A frequência das notícias e anúncios em jornais apresenta-se como mais um fator para a avaliação da ressonância desses espetáculos. A chegada das companhias, o teor de suas apresentações, o sucesso ou fracasso entre o público e a crítica e os detalhes das noites de diversão ocupavam uma parte significativa das páginas dos periódicos da época. Mais do que um mero documento a mostrar as reações, os jornais se apresentam como um dos momentos dos espetáculos⁸⁹.

Como a nota do jornal da cidade de Campanha que abre esse capítulo, o teatro era muito valorizado e importante na vida cultural das cidades naquele tempo e, possuir o mesmo e contar com a presença de uma companhia de renome em sua cidade, era motivo de orgulho por parte das elites e algo muito incentivado e citado nas páginas dos periódicos. As companhias circenses também geravam muita curiosidade e levavam multidões para assistirem seus números acrobáticos e artistas diversos. Neste capítulo trataremos das companhias de artes dramáticas que existiam nas localidades que foram fontes desse estudo e o teatro enquanto um espaço de espetáculo e reuniões diversas.

⁸⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 19 abr. 1896, p.01-02.

⁸⁹ DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses**: espetáculo de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Orientador Alcir Lenharo, 1993.Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Unicamp. Campinas-SP. 1993. p. 7.

Citaremos também como as companhias circenses se apresentavam e faziam parte da vida divertida das pessoas que habitavam a região no período aqui focado.

2.1 As companhias de arte dramática

A arte de interpretar e entreter as pessoas já vem de longa data, sendo também parte da nossa história cultural. No período colonial, a atividade teatral era associada à Igreja Católica, aos festejos religiosos e, depois, às Casas da Ópera, sendo que, ao longo do século XVIII, o teatro foi se desenvolvendo aos poucos, primeiro em Salvador, a sede do Vice-Reinado, depois no Rio de Janeiro e, por fim, em capitânicas ricas em ouro e pedras preciosas, como Minas Gerais e Mato Grosso. Nas festas religiosas, comédias espanholas eram representadas dentro ou fora das igrejas e terminava com danças improvisadas de padres, freiras, monges e fiéis⁹⁰. Aliado a essas características históricas, entre as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX, o teatro e os espetáculos encenados nele, já era algo presente na vida divertida das cidades e localidades do sul de Minas, de forma mais ou menos regular, dependendo da existência ou não de um teatro nas mesmas.

Como a nota que abre este capítulo, alguns periódicos viam o teatro como a “escola dos costumes” e “corretivo da sociedade”, sendo que o indivíduo que o vivencia de alguma forma seria ao certo um “bom cidadão”⁹¹. Esse espírito e objetivo almejado com o teatro e as peças ali encenadas foi objeto de desejo e retratado em alguns momentos pelos periódicos que aqui serão citados, como o caso da cidade de Campanha.

As companhias de artes dramáticas eram muito citadas na vida cultural e artística de algumas localidades, demonstrando uma variedade de pessoas envolvidas e o alcance de suas performances teatrais. O jornal Gazeta de Pouso Alegre em uma nota extensa intitulada “Crônica de Amadores” comenta sobre a exibição de peças dramáticas na cidade e um histórico das mesmas lembrando que “Desde 1874 que em Pouso Alegre vem sendo exibidas peças dramáticas, comédias e revistas e cujas apresentações revelam os atores inteligência e, sobretudo notada aptidão para a carreira

⁹⁰ MARZANO, Andrea. A magia dos palcos: o teatro no Rio de Janeiro do século XIX. In. MARZANO, Andrea. MELO, Victor Andrade de(orgs). **Vida divertida**: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 97-98.

⁹¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 19 abr. 1896, p.1-2.

teatral.” Comenta ainda que Bernardo da Veiga na primeira edição do “Almanack Sul Mineiro” já falava da existência:

[...] na antiga Mandú, de uma associação dramática pouso alegre fundada e mantida por diversos moços de talento que frequentes vezes promovia representações teatrais, nas quais mais se sentia a falta de um teatro do que a capacidade dos atores, alguns dos quais mostravam talento e aptidão para o palco.[...]Da sociedade teatral União e Progresso, de 74 até o Grêmio Dramático e Literário João Beraldo, dos nossos dias, salta patente o quanto as gerações que sucedem procuram alimentar o amor pelas belas artes e pelo palco⁹².

Percebe-se com esta nota, que desde o ano de 1874 já se tem notícia de uma companhia dramática na cidade de Pouso Alegre, apesar de naquele período ainda não se ter um teatro adequado como a nota deixa transparecer. A mesma dá a entender que a cidade e seus habitantes já há algum tempo tinham um interesse pela arte de interpretar e os momentos de diversão por eles propiciados. Ao se pesquisar sobre referências a essa vocação da cidade pelas artes dramáticas, foi possível encontrar jornais do período que corroboram o que a nota acima cita. Um jornal da cidade em nota intitulada de “Companhia dramática” ao comentar sobre a apresentação de uma peça em dezembro de 1881 da companhia de “Couto Rocha”, diz que a mesma “deu o melhor desempenho que podia”, tendo o drama apresentado agrado ao público presente. A nota faz ainda uma crítica sobre o desempenho dos atores, que provocou na plateia sinceros aplausos⁹³. Assistimos assim a presença desse divertimento já há algum tempo na cidade, demonstrando haver um público interessado e pessoas da localidade envolvidas com a arte de interpretar.

Voltando ao período aqui focado, em Pouso Alegre, vemos a citação da existência de um teatro nem 1897, chamado de “Theatro Municipal” citando que “as horas de costume, há espetáculo neste teatro, em benefício da corporação musical ‘União dos Artistas’”. Comenta ainda que “pelo programa que recebemos, o espetáculo de hoje será variadíssimo, pois além da representação de um drama e de uma comédia, a corporação musical tocará excelentes e bem escolhidas peças[...]”⁹⁴ Verifica-se que havia uma programação diversificada naquele teatro, como apresentações de bandas de música, além das peças de drama e comédia, e uma vez em cartaz na cidade, os jornais

⁹² Gazeta de Pouso Alegre, 13 fev. 1920, p.02.

⁹³ Livro do Povo, Pouso Alegre, 12 dez. 1881, p. 02.

⁹⁴ Pátria, Pouso Alegre, 04 jul.1897, p.03.

costumavam divulgar em suas páginas o elenco e peças a serem levadas a cena, cumprindo seu papel enquanto veículo de propaganda e também de formação de um público para tal divertimento.

De acordo com Duarte (1993), não deixavam de alardear o nome das pessoas importantes para as quais se haviam apresentado e os elogios que delas teriam recebido. As mulheres bonitas tornavam-se os comentários das rodas masculinas e as peças e o desempenho dos artistas ocupava parcela significativa dos pequenos jornais locais, alimentando os comentários dos assistentes e os debates entre diferentes opiniões. No caso dos periódicos aqui pesquisados, como nas notas citadas anteriormente, os jornais ao divulgarem em suas páginas as peças encenadas, também faziam suas críticas as mesmas, bem como ao desempenho dos atores em cena.

Muitos desses artistas vinham de companhias de outras cidades, mas também eram formados por pessoas das próprias localidades, havendo aqueles que pareciam sobreviver em parte com o ofício de ator. A imprensa já tecia sua crítica a performance dos mesmos e o sucesso da peça, que tinham caráter variado, alternando-se entre dramas e comédias. Isso pode ser visto na cidade de Itajubá, ao citar a “Companhia Dramática do sr. Santos Lima”, comenta que a mesma apresentou “um excelente espetáculo com esplêndido drama- ‘Remorso vivo’.” e que “ O desempenho foi correto quanto se pode desejar e até superior a expectativa, tendo-se em vista as mutações de cenas em um teatro de proporções acanhadas como é o nosso para peças de trabalhosa execução como é esta.” Ressalta que a “A concorrência foi regular e o trabalho artístico devidamente apreciado.” e além de apresentar a crítica ao espetáculo, lembra que um deles foi em “benefício a distinta atriz d. Maria dos Santos, com o belo drama ‘Maria Joanna’ em que lhe cabe o papel de protagonista e o desempenha magistralmente.”⁹⁵ Tecer comentários sobre os atores era algo recorrente, quando lembra ainda que “Os demais atores e atrizes, como sempre, pelo bom desempenho de seus papéis, muito concorreram para o realce do espetáculo”. Destaca-se ainda a presença do público, ressaltando que “a casa esteve cheia, correspondendo o público, deste modo, ao apelo da beneficiada, que, assim como os mais, foi devidamente aplaudida[...]”. Há ainda referências sobre a passagem de outras companhias, quando ressalta que “já dissemos e o repetimos: esta companhia é a melhor que tem vindo a esta cidade”. Além disso, havia uma extensa programação, quando destacam mais

⁹⁵ A Verdade, Itajubá, 21 mar. 1896, p.03.

apresentações, ao dizerem que “para hoje temos: O poder do ouro; Para amanhã: A pupila do capitão Mór, opereta em três atos; Para 4^a. feira: O voluntário da honra e a Maldição d’um pai e a comédia As almas do outro mundo, a pedido”⁹⁶.

Percebe-se a existência nesta cidade não apenas de um teatro, mas também de uma cultura já bem voltada para o mesmo e o interesse causado junto à população da época. Mesmo citando uma presença regular e logo adiante afirmar que “a casa esteve cheia” de pessoas, demonstra que as pessoas ali presentes se manifestaram com aplausos e interesse pelas performances. Além disso, já se notava que a plateia interferia na dinâmica das apresentações, quando a nota cita que houveram peças exibidas a pedido do público. Cabe aqui destacar ainda que era um procedimento comum reverter parte ou todo lucro com a quantia arrecada com os espetáculos a um dos artistas das companhias, como nos demonstra Duarte:

Longe da imagem de um ator socialmente reconhecido, podemos acompanhar a precariedade de sua situação através da prática dos benefícios, extremamente usual em todo século XIX. Chamava-se de benefício a realização de um espetáculo especialmente destinado a um dos membros da companhia a quem se destinaria todo o lucro daquela noite (DUARTE, 1993, p.205).

Esse apelo e curiosidade gerados pelas performances teatrais naquele período, também pode ser visto novamente na cidade de Itajubá, quando uma “Companhia Dramática” já conhecida na região, como a “A do Sr. Santos Lima, atualmente em Guaratinguetá, é esperada em nossa cidade em breves dias. Consta-nos que é composta de bons artistas e o seu repertório é vasto, exibindo-se peças importantes sempre com bom êxito”⁹⁷. Além de possuírem atores em suas localidades, era comum companhias de outras cidades apresentarem seus espetáculos nessas cidades e atrair muitas pessoas para as suas apresentações. Isso se fazia presente nos noticiários dos jornais que exerciam assim um importante papel de divulgação das mesmas. Os cartazes e programas publicados em suas páginas, anunciando a breve chegada de companhias, a crítica incentivadora de opiniões e comportamentos, os comentários de diversos tipos; todos esses discursos são parte integrante da experiência vivida, pelos habitantes da cidade, em torno das apresentações, como nos deixa claro Duarte (1999, p.7).

⁹⁶ A Verdade, Itajubá, 21 mar. 1896, p.03.

⁹⁷ A Verdade, Itajubá, 22 fev. 1896, p.03.

Em Pouso Alegre vemos referências ao sucesso na representação das peças escritas pelo Dr. Garcia Coutinho, “[...] com especialidade a denominada Pouso Alegre em foco, que foi exibida inúmeras vezes a pedido da população.”⁹⁸ Podemos observar que algumas peças já possuíam popularidade e eram solicitadas pela população que consumia este espetáculo, demonstrando que já era presente uma cultura voltada para esse tipo de divertimento. Tal fato nos permite considerar certo alcance e interesse causado por essas companhias nas pessoas que moravam ou circulavam pelo sul mineiro na época, demonstrando uma região com uma dinâmica cultural, onde o teatro e as peças ali apresentadas tinham seu lugar.

Há citações também sobre o trabalho dos atores amadores na cidade de Pouso Alegre como, por exemplo, “Alípio Faria”, que como amador já conquistou aplausos “[...] especialmente no papel cômico de jeca que aparece ao público com aspecto de verdadeiro caipira [...]”. Além disso, ressalta que tal apresentação foi em benefício da construção do prédio do “Externato Padre Waldomiro” realizado “dia 27 de janeiro pelos amadores do Grêmio Dramático e Literário João Beraldo”. Comenta-se que o padre citado possui qualidades de educador mas também de artista e cenógrafo, conseguindo reunir em torno de si um grupo de jovens amadores que se dedicam de coração ao desempenho dos papeis⁹⁹. Mais uma vez são realizadas críticas ao desempenho dos atores, ao citar que “no último espetáculo foram sem dúvida Zé Luiz e Carrozza, se bem que Dianni, Castello e Pereira também trabalharam regularmente [...] Embora se notasse pouco ensaio por parte dos atores, falta de firmeza na voz e nos gestos mesmo assim não vacilaram provando possuírem uma das principais qualidades para o palco que é a presença de espírito.” Há referências ainda sobre o comportamento da plateia e as peças que mais agradaram, principalmente “A comédia intitulada ‘a pistola histórica’ agradou a plateia que também estava prejudicando um pouco os amadores com os murmúrios e comentários naturais a ocasião[...] Carrozza, porém brilhou mostrando nítida compreensão do trabalho de palco[...]”¹⁰⁰.

Percebemos o apelo que algumas peças tinham junto ao público da época e também o comportamento e reação do mesmo durante as apresentações e interesse dos mesmos pelas peças encenadas e pelo desempenho dos atores. Reforça-se a ideia de que havia uma população que já há algum tempo consumia tal tipo de divertimento e

⁹⁸ Gazeta de Pouso Alegre, Pouso Alegre, 13 fev. 1927, p. 02.

⁹⁹ Ibidem. 1927, p.02.

¹⁰⁰ Gazeta de Pouso Alegre, Pouso Alegre, 13 fev. 1927, p.02.

frequentavam com certa regularidade os espaços onde os mesmos aconteciam. Além disso, é interessante notar a citação de artistas da época que já eram veteranos no ofício de ator e também daqueles citados como amadores, mas que desempenhavam também performances elogiadas pela crítica e público. Como nos esclarece Duarte:

Críticos mineiros e artistas, profissionais ou amadores, ambulantes ou não, participavam desse debate, no qual se envolvia também o público assistente, observador dos panos de fundo, ouvintes dos diálogos, leitor dos comentários nos jornais e trocando intensamente, entre si, as experiências das emoções vividas a cada espetáculo (DUARTE, 1993, p.150).

Outro aspecto que é importante notar sobre os atores amadores é o fato de transparecer a ideia de que não viviam exclusivamente do ofício de ator ou que não tinham uma formação na área. Essa citação aos amadores, pertencentes a companhias teatrais, apareciam com certa frequência nas páginas dos jornais aqui citados, demonstrando que os mesmos faziam questão de divulgar as apresentações dessas companhias e também o empenho desses artistas.

Na cidade de Campanha, também já se tinha notícia da presença de companhias de artes dramáticas, sendo que a cidade possuía seu próprio teatro, como podemos perceber, quando se noticia três “Espetáculos” dos “irmãos Rabello” que se apresentaram no “teatro S. Cândido”, sendo que o último “realizado ontem em benefício das obras d’aquela casa de distração”¹⁰¹.

Apesar de não obtermos as informações sobre a data de inauguração do “teatro S. Cândido” desta cidade, o mesmo aparece citado enquanto espaço de apresentações teatrais e musicais, mas também utilizado para reuniões diversas como veremos mais adiante. Além disso, havia certos acordos ou concessões para se trazer alguma companhia ou artista para se apresentar neste local. No caso da nota citada, o dinheiro arrecadado com uma das apresentações foi utilizado na reforma do teatro, o que parece um acordo entre seus proprietários e os artistas, onde ambos ganhavam de qualquer maneira: de um lado, os artistas teriam oportunidade de apresentarem-se mais vezes na casa e obter seus lucros, e por outro, os proprietários conseguiam pagar suas despesas e reformas.

Sobre a cidade de Campanha, podemos perceber ainda a participação de pessoas da própria cidade apresentando-se nas dependências deste teatro, quando um

¹⁰¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 04 dez. 1892, p.03.

grupo de empregados da fábrica de calçado dos “Srs. Silva, Lisboa e Comp.”, encenou no teatro da cidade um variado espetáculo constituído pelas comédias “A ordem e ressonar” e “Trinta botões”, e a cena cômica “Cerração no mar e o trio dos larápios (da Gran Via)”. Na ocasião relata-se que “A concorrência foi boa e os aplausos constantes demonstraram a satisfação dos assistentes”¹⁰². Percebe-se uma participação significativa de pessoas assistindo aos espetáculos e o interesse que estes despertavam na plateia, e ainda um grupo teatral mais uma vez formada por amadores, que possuíam outras fontes de renda, além daquelas oriundas das apresentações teatrais. Podemos notar que havia certa preferência por peças cômicas por parte daqueles que consumiam este tipo de divertimento e espetáculo. Outra nota do Jornal Monitor Sul Mineiro, reforça esse valor e interesse atribuído a esse divertimento quando diz que:

O mundo sem gozos, é o caos da consciência humana. Que venha o drama, a comédia ou mesmo a poesia! Cada qual representa o seu papel, esforçando-se por desempenhá-lo melhor, a fim de que, ganhando as palmas de uma repleta plateia, zombe do mundo, da verdade e da opulência muitas das vezes calcadas a seus pés. Venha o drama ou a comédia! Queremos nos ri dos bobos da vida, porque eles também riem-se da nossa inocência! A gargalhada deve fazer parte da higiene!¹⁰³

Aqui se reforça a importância que se dava ao riso, a diversão e alegria, colocando o teatro enquanto espaço para esse tipo de divertimento, mostrando seu lugar e valor para a população da cidade que consumia os espetáculos cômicos encenados neste espaço.

Essa audiência e interesse por esses divertimentos pode ser visto ainda em outros momentos através dos jornais da época que noticiavam a presença de teatros e peças de grande interesse e renome. Aparecem citações sobre espetáculos na cidade de “Juiz de Fora”, no teatro “Novelli” daquela cidade por uma companhia lírica italiana “cujos principais artistas já trabalharam no Rio de Janeiro com geral aplauso de todos que o ouviram.” Além de destacar a programação, lembra que esta é a primeira vez que visitava o “Estado uma ‘troupe’ de tal merecimento”¹⁰⁴. Assim, vemos uma citação sobre o sucesso de uma companhia que passou pela cidade do Rio de Janeiro, uma referência de vida cultural muito forte no período. Devido a essa referência e sua passagem bem sucedida por essas cidades, mais uma vez há destaque dessa diversão nas

¹⁰² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 31 dez. 1893, p. 02

¹⁰³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 19 abr. 1896, p.01-02.

¹⁰⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 04 jun. 1893, p.03.

páginas de um jornal de Campanha, mesmo quando a mesma não passou pela cidade, demonstrando o desejo de colocar tal divertimento enquanto referência de progresso e civilidade e também presente na vida cultural da cidade.

No mesmo jornal desta cidade há citações ainda de grupos teatrais em localidades vizinhas, como em “Águas Virtuosas” durante um evento religioso onde se apresentou “um grupo de distintos moços, que formam o núcleo teatral de Águas Virtuosas, oferecendo-lhe o produto integral de uma recita promovida exclusivamente em benefício da festa.”¹⁰⁵ Novamente aparecem aqui uma performance teatral em benefício há alguma instituição ou evento, demonstrando a existência em outras localidades de companhias teatrais animando e entretendo a população local e seu interesse em ver sua festa divulgada no periódico, já que seus membros foram convidados a participarem e cobrirem o evento. Outro periódico da cidade de Campanha comenta também que estreará em Bias Fortes, “[...] a esplêndida ‘troupe’ dramática ‘Azevedo’, que se acha atualmente nesta cidade.”¹⁰⁶ Logo, percebe-se o alcance e interesse das populações de outras cidades com esses divertimentos, os quais já possuíam um público cativo e interessado nas performances e apresentações teatrais.

Os divertimentos propiciados pelos espetáculos teatrais simbolizavam e traziam consigo características e inspirações enquanto instrumentos de civilização, sendo a presença de um teatro como um indício de progresso. As cidades se gabavam de seus prédios, de seu gosto pelas apresentações ou, em outros casos, insistiam na urgente necessidade de se completarem com a valorização e o estímulo as artes cênicas (Duarte, 1993). Em uma nota extensa, um periódico da cidade de Campanha, reafirma tais valores e símbolos próprios proporcionados pelo teatro e seus espetáculos teatrais ao dizer que:

O indivíduo que vai ao teatro assistir a representação de um drama volta convicto de que ali rindo-se castiga-se o vício... Um grande escritor de sentimento e de verdade, teve muita razão quando disse: “O teatro se não corrige os vícios dos particulares, eleva o nível dos costumes; faz a educação dos espíritos, põe-lhes exemplos permanentes de virtudes e de honra, esclarece a questão de todos os deveres e forma, esclarecendo, a consciência política.” É no teatro que o indivíduo aprende os bons costumes educando o seu espírito; assim como, nas verdades cívicas, educa a consciência, ilustrando a sua inteligência e expandindo o coração¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 jun. 1896, p. 02.

¹⁰⁶ Colombo, Campanha, 19 jun. 1920, p. 02.

¹⁰⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 19 abr. 1896, p.01-02.

Esse desejo almejado com o teatro e os espetáculos teatrais por vezes se esbarrava com as reações inesperadas da plateia. Entretanto, o interesse e a curiosidade sobre as artes dramáticas e o entretenimento propiciado pelas mesmas nas populações das cidades aqui estudadas, que consumia tal divertimento, era algo recorrente nas páginas de seus jornais. Alguns espetáculos atraíam muitos curiosos, que se empolgavam com as peças encenadas e com as performances de seus atores e atrizes.

Isso não foi diferente também na cidade de Itajubá, que no ano de 1893 já noticiava sobre uma “Companhia Dramática”, lembrando que “os espetáculos de sábado, domingo e 4ª feira, em que foram exibidas as peças: Poder de Ouro, A Pupila do Capitão Mór, O Voluntário da Honra e a comédia As Almas de Outro Mundo, correram magnificamente, havendo bastante concorrência.” Ressalta ainda aquelas peças que mais agradaram como a “opereta A Pupila do Capitão Mór, do Sr. Santos Lima, não só pela bela música como pelo enredo e cenas de alta jocosidade, que produzem continua hilaridade.” Além disso, divulga que “Para amanhã temos Os Milagres de Santo Antônio, e é de esperar-se que a concorrência exceda a lotação do teatro, visto como esta peça é d’aquelas que mais atraem e agradam as massas populares”¹⁰⁸.

Percebemos como reagiam as pessoas presentes na ocasião dessas encenações, dramáticas e cômicas e o interesse que algumas delas despertavam nas mesmas, podendo afirmar ainda que havia a presença de um número considerado de pessoas naquela apresentação e nas futuras que também estavam previstos para acontecer. Além disso, podem-se notar novamente aquelas peças que atraíam mais pessoas e que tinham forte apelo junto ao público da cidade que consumia tal divertimento. Isso pode ser verificado novamente quando se registra uma companhia dramática nesta cidade, lembrando que “Tivemos 2 excelentes espetáculos coma a peça Santa Luzia-Virgem Mártir, do distinto ator Santos lima. Além do bom desempenho por parte dos artistas, muito agradaram a música e os belíssimos quadros com que é ornado a peça, vistas, etc. Repete-se hoje em 3ª. Exibição, e amanhã, espetáculo de despedida, segundo nos consta, repetir-se-á O Poder do Ouro”¹⁰⁹.

¹⁰⁸ A Verdade, Itajubá, 28 mar. 1893, p.03.

¹⁰⁹ A Verdade, Itajubá, 18 abr. 1896, p.04.

O público continuava a prestigiar algumas peças teatrais como nota-se com o texto acima, além de mais uma vez vermos ressaltado aquelas peças que costumam ser encenadas e de forte apelo popular. Percebemos que a diversão buscada com os espetáculos teatrais foi algo que parecia continuar com certa regularidade na vida das pessoas dessa localidade uma vez que o público consumidor desse divertimento continuava cativo e interessado pelo mesmo, passado três anos entre a nota acima e a anteriormente citada.

Já em Campanha, em um evento realizado no teatro “S. Cândido” da cidade, o público pode ainda apreciar os jovens membros do “Club Dramático da Escola Normal”, transparecendo novamente o valor atribuído aos espetáculos teatrais e na divulgação de seus atores e companhias, “que, para tornarem mais atraente a festa em benefício de nosso teatro, representaram as interessantes e conhecidas comédias ‘Uma mulher por duas horas’, ‘O tio Torquato’ e ‘O rabeção’, - sendo todos os papéis regularmente desempenhados e merecendo os distintos estudantes calorosos aplausos.” Na ocasião ainda é reforçado que “foi uma noite agradável que tivemos e que certamente será lembrada por quantos ali se achavam e que assim concorriam para mais um melhoramento de nossa terra”¹¹⁰.

Vemos novamente um lucro com a venda dos ingressos revertido nas reformas de melhoria do teatro da cidade, onde nota-se que havia peças já conhecidas do público, sendo aquelas de caráter cômico de grande apelo popular e que muito divertiam as plateias. Novamente associa-se a realização de tais espetáculos com o progresso e melhoramento da cidade, deixando novamente transparecer a importância atribuída a tal divertimento e sua vivência pelos habitantes da cidade.

Além de uma busca pela boa execução das peças, percebia a preocupação na produção das mesmas, cenários e figurino, para que pudessem manter cativo o público em torno de seus espetáculos. Havia ainda uma preocupação dos divulgadores e empreendedores desses espetáculos, em verificar o interesse e viabilidade de trazerem companhias teatrais e os custos com as mesmas. Como na cidade de Campanha quando seu periódico divulga uma nota com o intuito de fazer uma consulta junto a população sobre a vinda de uma companhia teatral a cidade. Comenta que “O festejado ator Isidoro de Castro, que dirige uma importante companhia dramática, constituída de 18 artistas, dos quais 7 são senhoras e entre elas a distintíssima atriz Adelina de Castro, nos

¹¹⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 ago. 1893, p.02.

escreveu uma carta consultando sobre a vantagem de sua vinda a cidade.”, dando descrição sobre a companhia que “dispõe de alguns cenários” e vasto repertório.¹¹¹ Reforça ainda a importância da companhia pois possui “produções de muito merecimento e que tem entusiasmado as plateias das grandes cidades.”, lembrando que seu proprietário

[...], entretanto, estando pronto a seguir com sua companhia do Rio de Janeiro para esta cidade, deseja proceder com prudência, que louvamos, e consulta-nos sobre a possibilidade de obter aqui assinatura para 6 espetáculos[...]para a garantia das despesas que exige o transporte de grande pessoal, cenários etc.” Ficamos sabendo também dos preços praticados por algumas dessas companhias, quando a nota cita que “Os preços notados em sua carta são de 4\$000 a cadeira e 20\$000 cada camarote e posto que não estejam muito em relação com os que habitualmente são exigidos em nosso teatro, todavia não nos parecem muito exagerados, tendo-se em vista o merecimento da companhia dramática que pretende visitar nossa terra”¹¹².

Apesar do custo seus organizadores acreditam que “se for possível arranjar-se a assinatura de uma serie de espetáculos acreditamos que alguma redução se poderá conseguir daquele estimável artista, que virá dar-nos com sua conceituada companhia noites de agradável diversão”. Entretanto, deixam claro que não se queria assumir os riscos com a vinda da companhia, deixando que mais pessoas se interessassem pelo empreendimento¹¹³. Logo, essa era também uma preocupação recorrente nos idealizadores e promotores, em trazerem espetáculos de qualidade e com artistas reconhecidos pela crítica e público da época. Aqui vale nossa atenção sobre quem eram as pessoas que poderiam usufruir desse divertimento devido os custos do mesmo que eram repassados nos ingressos vendidos. Além disso, há referências e elogios a uma companhia que parecer ser da cidade do Rio de Janeiro, mais uma vez enquanto uma cidade de referência e de passagem de espetáculos com uma produção mais elaborada. Isso fica evidente ao destacar os cenários que a companhia possui, bem como o número de artistas pertencentes a mesma, além das peças que a companhia apresenta e que tem atraído e entusiasmado as plateias das grandes cidades, demonstrando ser esta uma companhia que fazia turnês pela região e já bastante conhecida pelo público. Fica fácil notar aqui que este divertimento parecia estar presente em outras regiões de forma regular e conquistando um público interessado e conhecedor de suas apresentações.

¹¹¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 nov. 1894, p.03

¹¹² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 nov. 1894, p. 03.

¹¹³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 nov. 1894, p.03.

Nessa e em outras citações dos jornais temos uma noção dos preços praticados pelos mesmos e de quem poderia ter acesso a esse tipo de divertimento. Andrea Marzano em seu trabalho intitulado “A magia dos palcos: o teatro no Rio de Janeiro no século XIX”, pode nos ajudar nesse sentido, quando sugere que para avaliarmos melhor esses preços, busca ajuda em alguns parâmetros. Citando o historiador André Boucinhas, diz que o mesmo elaborou um quadro com a média dos salários e do custo de vida na década de 1870. Assim, o mesmo propõe segundo esta autora:

[...] Como exercício, imaginarmos a situação de um pedreiro livre vivendo com uma escrava de ganho, lavadeira e um filho pequeno. A renda familiar seria aproximadamente 92 mil-réis, e seus gastos fixos seriam de 60 mil-réis no mínimo. Sobrariam, então, cerca de 30 mil-réis para outras despesas, inclusive com diversão. Ao menos em teoria, o pedreiro e sua companheira não estariam impedidos de frequentar, eventualmente e em lugares de segunda classe, espetáculos como os mencionados acima (MARZANO, 2010, p.119 apud BOUCINHAS, 2005, p. 118).

Apesar de aqui não se ter o interesse de fazer cálculos e previsões comparativas de preço, o mesmo ajuda-nos a compreender de certo modo os custos com esse divertimento, já que no caso da citação acima, o período é próximo ao focado nesse estudo. Assim temos um panorama dos preços cobrados no período, situando mesmo que brevemente o significado monetário para a época e também apontando sobre a possibilidade de futuros estudos que aprofundem este assunto.

Logo, seguindo esse raciocínio sugerido pela autora acima, podemos perceber que apesar de certo custo, alguns cidadãos poderiam ter acesso a esses espetáculos, mas naturalmente que os mesmos não permitiam isso ao conjunto de toda a população dessas cidades no período aqui estudado. Um exemplo disso vemos em Campanha, quando um de seus periódicos dar destaque as peças e valores das entradas para as mesmas e praticados na época, trazendo os seguintes dizeres:

THEATRO- Sábado e Domingo. Grandes Novidades. Acontecimento artístico teatral pelo professor Ilusionista Sr. Manuel Lopez(...) Programa: 1ª. Parte- 1º. Sinfonia pela orquestra; 2º. Predição da Vontade; 2ª. Parte- Simulação do Impossível; 3ª. Parte- !! Grande êxito!!! O assombro do século!! FANTASIA INFERNAL!! Efeitos rápidos, maravilha da habilidade e rapidez assombrosa! O esqueleto infernal. Ver o impossível, o sublime,

verdade[...] Preços: Entrada de camarote 6\$000,- cadeira 2\$000,- entrada geral 1\$000. As 8 e meia em ponto¹¹⁴.

Apesar dos custos, como os citados acima, esse divertimento estava presente na vida das pessoas das localidades aqui retratadas, nos dando um parâmetro do quanto tais atividades também faziam parte e persistiam em continuar na vida cultural e divertida da gente dessas cidades. Mesmo cientes de que tal divertimento era vivenciado por uma parcela da população, o mesmo tinha seu lugar, espaço e um público que dispndia alguma quantia para se divertir com os espetáculos teatrais, onde notamos valores diferenciados de acordo com o posicionamento na plateia. Acrescido a isso, havia o interesse dos periódicos de divulgar tal divertimento e estabelecer o mesmo como importante na vida cultural de seus habitantes. Também se perseguia o ideal de progresso e agitação fecunda, noticiado pelos jornais da época em vista das inúmeras mudanças ocorridas no período no Brasil, uma vez que na época “É raro o diário que se leia sem que se tenha noticia de um ou outro cometimento, empresa ou projeto, que não traduza um progresso ou que não seja o inicio de um começo de engrandecimento material ou moral para esta ou aquela zona, este ou aquele lugar [...]”. Esses argumentos eram ainda mais reforçados quando afirmavam que:

Felizmente vão ficando de lado, desprezados ou esquecidos, quase todos que assim não pensam[...] Especialmente em nosso Brasil, que ainda começa a desenvolver-se, é indispensável que deste modo pensem todos os que se interessam por seu futuro. Flores e bênçãos merecem os que trabalham pelo progresso da pátria e desprezo ou esquecimento deve ser o corretivo dos que os contrariam nestes puros e bem ditos intuitos [...]”¹¹⁵.

Vemos com isso, transparecer um pouco do espírito buscado e almejado muito mais pelas elites do que talvez pelo conjunto das pessoas que habitavam a região naquele tempo. Reforça-se aqui a ideia de que era necessário que todos buscassem atingir tais objetivos e fazerem parte desse projeto, pois os contrários a isso seriam esquecidos e desprezados em virtude de não abraçarem esses ideais.

Outro aspecto importante e que percebemos com as notas aqui citadas, relaciona-se a existência de associações e agremiações dramáticas, além de artistas que

¹¹⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 nov. 1894, p.03.

¹¹⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 25 dez. 1895, p.01

se apresentavam na região, movimentando a vida cultural e artística de algumas localidades. Havia grupos e artistas que aparecem de passagem ou enquanto cidadãos e artistas amadores que faziam parte de algumas cidades. Em Itajubá, temos a citação da passagem da companhia dramática do ator “Santos Lima”, que apesar de não haver confirmação da procedência do mesmo, foi frequente a apresentação dessa companhia na cidade¹¹⁶. Já em Pouso Alegre verificou-se citações sobre a companhia União e Progresso (1874) e do Grêmio Dramático e Literário João Beraldo¹¹⁷. Na cidade de Campanha havia o Club Dramático da Escola Normal, a passagem do ilusionista Sr. Manoel Lopez e grupo de amadores¹¹⁸. Verificou-se ainda que em algumas localidades vizinhas também havia grupos teatrais, como o “Club Literário e Progressista”, instalada em “Sant’Anna de S. João Acima”¹¹⁹; Na localidade de “Freguesia de Santa Catarina. Sul de Minas”, comenta-se sobre atrizes e amadores realizando apresentações teatrais¹²⁰; Na localidade de Águas Virtuosas há citação de um núcleo teatral¹²¹; e na localidade de Bias Fortes há citação da passagem da “Troup Dramática Azevedo”¹²².

Naquele tempo havia também companhias de bonecos que tinham certo apelo e gerava muita curiosidade no público. Segundo Duarte (1993, p. 230) “Os apresentadores de bonecos aproximavam-se dos mágicos na criação de ilusões. A publicação desse evento em jornais mineiros nada tinha de casual, pois esse tipo de espetáculo era muito comum nas Minas do século XIX.” Apesar de não aparecer com frequência nas páginas dos jornais aqui pesquisados, companhias voltadas para o público infantil, uma exceção pode ser verificada através da nota de um jornal da cidade de Campanha, ao registrar a passagem desse tipo de espetáculo na cidade, do “festejado ator Batista, proprietário de uma ‘companhia’ de bonecos, deu no teatro desta cidade diversos espetáculos que agradaram bastante as pessoas que assistiram a esse curioso divertimento. Esse é o teatro do celebre ‘João Minhoca’, que em todos os tempos há de ter entusiastas, especialmente no largo círculo das crianças, para as quais esse divertimento é sem superior”¹²³. Esta companhia já era conhecida do público da cidade,

¹¹⁶ A Verdade, Itajubá, 21 mar. 1896, p. 03; A verdade, Itajubá, 22 fev. 1896, p.03.

¹¹⁷ Gazeta de Pouso Alegre, Pouso Alegre, 13 fev. 1927, p.02.

¹¹⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 31 dez. 1893, p.03.; Monitor Sul Mineiro, 20 ago. 1893, p.02.; Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 nov. 1894, p.03.

¹¹⁹ A Verdade, Itajubá, 02 mai. 1896, p.03.

¹²⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 24 nov. 1901, p.02

¹²¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 jun. 1896, p.02.

¹²² Colombo, Campanha, 19 jun. 1896, p.02.

¹²³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 abr. 1895, p.02

no caso das crianças e despertava o interesse das mesmas, de acordo com a nota destacada, além da boa crítica ao espetáculo e ao seu proprietário, demonstrando e divulgando assim esse divertimento, apesar de o mesmo não ter sido citado em outros momentos nos periódicos aqui pesquisados.

Além disso, há citações daqueles artistas que faziam excursões com suas companhias pela região, como é o caso dos “irmãos Rabelo” que fizeram apresentação em 1892 na cidade de Campanha¹²⁴ e no ano seguinte sua companhia é citada também na cidade de Itajubá¹²⁵. Entretanto, não consegui através das fontes aqui pesquisadas, saber a procedência dessa companhia muito elogiada e requisitada na época. Outro artista que se apresentava com frequência na região e que já foi citado anteriormente era o “Senhor Santos Lima”, que se apresentou no ano de 1893 em Itajubá¹²⁶ e voltou a cidade com seu espetáculo nesse mesmo ano¹²⁷. Vemos aqui alguns artistas e companhias que atraía algumas pessoas por onde se apresentava com certa regularidade.

Outro dado importante de ser aqui levantado é a participação das atrizes nessas companhias. De acordo com Duarte (1993), inicialmente a ousadia do estrelato era privilégio dos homens, uma vez que as mulheres temiam aventurar-se nesse ofício, com medo de serem mal vistas. As notícias anunciavam, até a década de 80, grupos formados exclusivamente por rapazes, que assumiam os papéis femininos provocando risos e brincadeiras, segundo ressalta a autora. Entretanto, ao se pesquisar as companhias de artes dramáticas na cidade de Pouso Alegre há a citação da participação feminina no ano de 1881 por um jornal da cidade, que fez comentários sobre a participação das mesmas em um drama encenado na cidade, com a presença de “D. Francisca Rocha, no difícil papel da mulata Joanna, em torno da qual se agrupam todas as peripécias do drama e cuja figura concentra em si toda a atenção do espectador. D. Francisca Rocha teve cenas magníficas em que o seu gênio brilhou com notável verdade”¹²⁸. Essa nota reforça o caráter de certo modo de vanguarda da cidade quando o assunto é a arte de interpretar, onde vemos a citação de companhias e artistas femininas já atuando há algum tempo na cidade.

No recorte aqui proposto, há mais citações da participação e presença de atrizes em algumas companhias que se apresentavam na região, além daquelas formadas

¹²⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 04 dez. 1892, p. 03.

¹²⁵ A Verdade, Itajubá, 07 jan. 1893, p. 04.

¹²⁶ A Verdade, Itajubá, 28 mar. 1896, p.03.

¹²⁷ A verdade, Itajubá, 18 abr. 1896, p.04.

¹²⁸ Livro do Povo, Pouso Alegre, 12 dez. 1881, p.02.

por amadores e cidadãos das cidades, quando cita, por exemplo, a companhia dramática do ator Isidoro de Castro, “[...] constituída de 18 artistas, dos quais sete são senhoras, entre elas a distintíssima atriz Adelina de Castro [...]”¹²⁹. Outra nota do ano de 1901, citando na freguesia de “Santa Catarina Sul de Minas” apresentações teatrais sendo “[...] uma realizada por senhoritas que muito bem saíram-se [...]”¹³⁰.

A participação feminina, artistas de repertório variado e outros elementos constitutivos dos espetáculos teatrais manteve um público cativo e interessado, pelo menos em alguns períodos aqui demonstrados, em torno desse que foi também um divertimento que teve seu lugar e espaço na vida das pessoas que habitavam a região. Os jornais daquele tempo faziam sua parte divulgando os espetáculos, tecendo suas críticas aos mesmos, buscando com isso popularizar ou levar ao conhecimento do público sobre esse divertimento.

As artes dramáticas e o conjunto de sentimentos, desejos e reações produzidas por esse entretenimento chegava a um número significativo de indivíduos que demonstraram curiosidade e interesse pelos espetáculos de drama e principalmente comédia apresentados pelas companhias, seus atores e atrizes. Além disso, as produções artísticas eram tema de discussões entre políticos, literatos, críticos e intelectuais, que tentavam analisar como era ou deveria ser o gosto do público, como e quais deveriam ser os gêneros, textos, encenações a serem produzidas, e como elas contribuiriam para a formação de um “povo” educado e civilizado. Ter público nos teatros era algo ambicionado¹³¹. Isso foi notado em parte pelos periódicos que divulgavam e teciam seus comentários sobre as performances e peças encenadas, bem como, em alguns momentos, a reação e comportamento da plateia nessas ocasiões.

Com isso, os periódicos demonstraram um claro interesse e desejo de ver as dramatizações teatrais ser um divertimento presente na vida das pessoas que então viviam nas cidades aqui estudadas. Ressaltava-se que:

No desenrolar-se as cenas patéticas de um drama, muitas vezes a nossa consciência chora, por ver nelas a passagem de fatos bem tristes, mas reais! Na comédia, há passagens tão garbosas e elegantes que o coração sorri, e se não sorri da eloquência que lhe proporcionou a peça, sorri do tipo que endeusa virtudes apregoa talentos, zombando do mundo e da sociedade que o aplaude.” Além disso destacava-se ainda que “O teatro nos mostra o mal, e

¹²⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 set. 1894, p. 03.

¹³⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 24 nov. 1901, p.2.

¹³¹ SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro no século XIX. In: MARZANO, Andrea. MELO, Victor Andrade de (orgs). **Vida divertida**: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 138-139.

ensina a desprezá-lo. Além da distração, ele encerra princípios e virtudes, instrui, educa e corrige os nossos vícios¹³².

Aliado ao caráter de diversão esperava-se que ao assistirem as peças encenadas nos teatros, as pessoas poderiam adquirir virtudes e valores preconizados e esperados, no caso, pelos proprietários desse periódico, que representavam a elite da cidade e fazia parte de alguns intelectuais e elite formadores de opinião. Desse modo, durante o período aqui estudado as companhias teatrais e amadoras, artistas, atores e atrizes foram responsáveis por levar a diversão e alegria a uma parcela da população que interessava e consumia este tipo de entretenimento. Aliado a esse interesse vindo dos espectadores, havia outros objetivos que percebiam a oportunidade de ali as pessoas, ao se divertirem, também aprenderiam, e isso se aplicaria a várias faixas etárias pois, ao contrário das escolas comuns, frequentadas por crianças e jovens, o teatro dirigia-se também a homens adultos, mulheres e velhos (Duarte, 1993). Ou seja, os espetáculos teatrais atraíam uma faixa etária bem ampla de pessoas que ao se divertirem também tinham acesso a esse entretenimento e como se comportar durante os mesmos. Entretanto, mesmo que esse comportamento nem sempre correspondia ao esperado, as dramatizações teatrais e seus artistas tiveram seu lugar e espaço na vida cultural daquela gente.

Aqui também podemos apontar possibilidades de aprofundamentos em aspectos que não foram levantados porque a fonte pesquisada não ofereceu subsídio para isso. Como exemplo disso, podemos citar sobre quem poderia ter acesso aos espetáculos e dramatizações, aprofundando nos valores praticados pelos mesmos no período e relacionando com o poder aquisitivo e valores monetários do período. Outro tema que também pode ser mais aprofundado refere-se sobre as companhias e seus atores, como sobreviviam com o ofício de ator, se possuíam ou não outra fonte de renda, como apontado aqui por alguns atores amadores que eram empregados de uma fábrica. Como foi citado, alguns sobreviviam com os “benefícios” de algumas de suas apresentações, os quais se referiam o direcionamento do lucro das apresentações a um dos integrantes das companhias. Algo nesse sentido também pode ser pesquisado junto à figura dos atores amadores e se conseguiam obter alguma fonte de renda com os espetáculos que encenavam. As possibilidades estão abertas ao se estudar ainda o

¹³²Monitor Sul Mineiro, Campanha, 19 abr. 1896, p.01-02.

impacto das companhias teatrais e seus espetáculos na vida divertida das pessoas que habitavam também outras regiões de Minas Gerais e do país no período.

2.3 O teatro: lugar de dramatizações, divertimentos e reuniões de um povo.

Através da pesquisa junto aos periódicos das cidades focadas nesse estudo, percebi que todas elas possuíam um teatro, entretanto não foi possível identificar através dessas fontes quando se deu a inauguração dos mesmos. Apesar disso, a constatação de um local próprio de execução de suas peças e artes dramáticas, nos revela o grau de interesse dessas localidades por esse tipo de estabelecimento e sua importância na educação e cultura de sua população. Jornais da época elogiavam o caráter moral do mesmo, afirmando ser o teatro desse tipo “a melhor escola dos bons costumes e civilização dos povos”, por exaltar as virtudes e abater os vícios¹³³. O tom dessas falas repetiu-se com insistência, durante o século XIX, em comentários sobre esse espaço, nos quais a atribuição de um papel pedagógico ao teatro é frequente (Duarte, 1993). Isso pode ser verificado também em alguns dos periódicos citados no capítulo anterior, colocando o teatro como um veículo nesse sentido, o qual será destacado aqui.

Em Itajubá havia o “Teatro S. Cecília”, que aparece citado em uma nota do jornal A Verdade sobre o carnaval, no ano de 1896, comentando sobre a reunião, nas dependências desse teatro, de duas organizações que realizavam o carnaval da cidade.¹³⁴ O teatro da cidade servia para encontros carnavalescos, além daqueles próprios das organizações do tipo na cidade. Verifica-se aí os diversos fins que tais espaços possuíam para os habitantes dessa localidade, algo que se repetia também em outras cidades. Abaixo vemos uma imagem desse teatro que se localizava próximo a igreja da cidade, demonstrando sua centralidade que permitia fácil acesso e destaque dentro da geografia da mesma.

¹³³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 19 abr. 1896, p.01-02.

¹³⁴ A Verdade, Itajubá, 22 fev. 1896, p.03.

Figura 1: Theatro Santa Cecília e ao fundo a Igreja Matriz Nossa Senhora da Soledade.



Já na cidade de Campanha havia o teatro “S. Cândido”, um local muitíssimo valorizado pela população e elite da época e onde acontecia uma variedade de eventos. Vemos que o mesmo tinha uma localização central na cidade, permitindo que mais pessoas tivesse conhecimento de sua existência e das programações ali ocorridas.

Figura 2: Cine Teatro S. Cândido em 1898, que ficava ao lado da Rua da Bola. A Rua da Bola virou casa e o cine teatro depois de algumas modificações foi derrubado para fazer o prédio hoje existente, bem no centro da praça principal.



Dentre várias notas sobre esse teatro de Campanha há notícias de reformas sofridas pelo mesmo no ano de 1893, onde os responsáveis pela mesma agradece o apoio daqueles que os ajudaram, “[...] com generosos donativos e preciosos conselhos no trabalho que empreendeu e que lhe parece interessar bastante a cidade, que possui o

teatro S. Cândido como único centro de diversão para as famílias campanhenses.”¹³⁵ Este espaço cultural da cidade de Campanha aparece citado nos periódicos da mesma e aqui afirma o mesmo como referência e local de entretenimento, mas também onde ocorriam outros eventos, como reuniões de alguns membros de sua população.

Parecia haver um grande esforço para a manutenção e valorização desse espaço de diversão dentro da vida cultural da cidade de Campanha. Além disso, o mesmo era espaço para a realização de uma infinidade de eventos de caráter múltiplo, como festas, reuniões políticas e, claro, apresentações artísticas variadas, como pode ser visto no capítulo anterior. Em um evento realizado neste teatro em benefício de sua reforma, destaca-se que apesar do mal tempo, foi belíssima e bastante concorrida a festa realizada naquela noite, elogiando as senhoras que contribuíram com o evento e na restauração daquela casa de distrações do povo campanhense¹³⁶. Ainda com relação às obras de restauração do “Teatro S. Cândido”, cabe citar que o mesmo foi quase que inteiramente reconstruído “[...] graças a dedicação inexcedível do nosso amigo Sr. capitão Eulálio da Veiga Ferreira Lopes[...] se não tivesse animado a colocar-se a frente do serviço, que tem superintendido com o máximo devotamento e conhecido sacrifício, talvez estivesse totalmente arruinado o teatro, único centro de diversão para o povo campanhense[...].”¹³⁷.

Reforça-se aqui a importância desse local como espaço de encontro e diversão da cidade e a atenção e cuidado merecido pelo mesmo, por parte de alguns indivíduos, membros da sociedade da época. Além disso, Duarte (1993) nos lembra ainda que:

Ocupava-se o teatro de muitas maneiras. Festas cívicas promovidas pelas autoridades ou não, encontro de pessoas desejosas de lazer e convivência social, local de divulgação das aventuras poéticas dos habitantes em reverência aos ídolos do palco. A frequência ao teatro trouxe aos homens do século XIX oportunidades de estabelecimento de vínculos e experiências sociais (DUARTE, 1993, p. 188-89).

A citação da autora acima nos ajuda a compreender o papel e lugar desse espaço para os indivíduos da localidade citada, indo além de local apenas voltado para o divertimento, mas também espaço para encontros variados. Um exemplo disso pode ser

¹³⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 21 mai. 1893, p.03.

¹³⁶ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 ago. 1893, p.02.

¹³⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 04 jul. 1893, p.03

confirmado quando ocorreu uma reunião nesse teatro da cidade de Campanha a convite dos “Srs. Dr. João Luiz Alves, Dr. Joaquim Leonel de Rezende Filho e Dr. Francisco Honório Ferreira Brandão” com um “crescido” número de cidadãos da cidade. Na ocasião, o primeiro deles expos sobre a reunião que participou com a presença do “Sr. vice-presidente da República” a fim de testemunhar “os sentimentos do povo campanhense, que lamenta os fatos ocorridos no Rio de Janeiro, protestando contra os intuítos antipatrióticos da armada revoltada.”¹³⁸ Aqui percebemos os diferentes usos que tinha esse local, que de acordo com os interesses de seus proprietário e elites da época, utilizavam o mesmo como espaço de debate e discussões em torno dos acontecimentos políticos da época. As referências apontam que um dos seus proprietários seria capitão Eulálio Ferreira da Veiga Lopes, que estava a frente da reforma desse teatro¹³⁹.

Em Pouso Alegre encontramos a citação de um teatro na cidade no ano de 1883, denominado de “Theatro União”¹⁴⁰ e no período aqui focado, havia o Teatro Municipal, que aparece citado em notas sobre a apresentação no mesmo de dramas e comédias e de uma corporação musical¹⁴¹. Outro importante jornal da cidade também destaca esse caráter multifacetado de uso dos teatros em nota intitulada “Bello festival”, quando comenta que está de parabéns a “Hora Literária D. Octavio”, pelo brilhantismo êxito alcançado no último espetáculo realizado no Teatro Municipal, gentilmente cedido pela Empreza Tavares, Amaral e Cia, no dia 21, as 8hs da noite em homenagem ao exmo. e revmo. Mons. Francisco Ozamis e aos Missionários do I. C. de Maria.” Cita que na ocasião houveram apresentação de comédias, orquestras, conferências, “bailados de cartolas” a “pianista D. Josepha Azevedo” e direção musical da maestrina “senhorinha Jandyra Saber”, diretora musical da “Hora Literária”¹⁴². Percebemos que havia uma empresa responsável ou uma das proprietárias deste teatro, uma vez que é citado que a mesma cedeu o espaço para os eventos citados na nota.

Espaço de discussões políticas, de apresentações teatrais e artísticas, os teatros sobreviveriam por muito tempo na vida cultural das localidades daquele tempo. Aliás, o caráter pedagógico atribuído aos mesmos e as peças ali encenadas era algo recorrente e importante para as elites e políticos das cidades da região do sul de Minas,

¹³⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 24 nov. 1893, p.03

¹³⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 04 jul. 1893, p.03.

¹⁴⁰ Livro do Povo, Pouso Alegre, 18 nov. 1883, p. 02.

¹⁴¹ Pátria, Pouso Alegre, 04 jul. 1897, p.03.

¹⁴² Semana Religiosa, Pouso Alegre, 29 jan. 1927, p.02

como também era percebido em todo território brasileiro. Entretanto, como salienta Marzano(2010), ao citar o caso do Rio de Janeiro:

O teatro em suas diversas formas e para além das casas de espetáculos, era uma das mais importantes opções de lazer do Rio de Janeiro no século XIX. Atraía um público variado que tinha suas preferências e não acatava passivamente os projetos pedagógicos e muitas vezes elitistas de literatos que viam nos palcos a oportunidade de reformar costumes e defender grandes projetos (MARZANO, 2010, p.122).

No caso das localidades aqui pesquisadas, ficou claro tanto a tentativa dessa educação direcionada as pessoas e pretendida por suas elites, almeçadas com o teatro e as manifestações artísticas diversas, quanto certas tensões próprias de processos culturais como este. Na cidade de Itajubá vemos tal dificuldade quando da realização de um “Concerto” em seu teatro onde relata-se que agradaram muito em sua primeira exibição os violonistas “Manoel Rebello” e “Secundino Rebello”. Além disso, “Também foi muito correto o desempenho da cena cômica, com que terminou o espetáculo. Pena é que estas diversões sejam tão pouco favorecidas do público”¹⁴³. O periódico tece seu elogio e valor da apresentação sem deixar de transparecer que havia público prestigiando e presente nessas apresentações, mas nos dar pistas de que se esperava um melhor comportamento e maior prestígio por parte dos mesmos.

Já um importante periódico de Pouso Alegre vem ressaltar o caráter educativo dos espetáculos teatrais e importância dos mesmos na formação dos jovens ao citar um festival realizado no mesmo ressaltando que “[...] por muitos títulos mereceu o aplauso da nossa população e veio demonstrar que a mocidade de hoje também sabe compreender as vantagens educativas e emulativas do teatro nacional para o qual tanto trabalhou o grande João Caetano. Parabéns aos esforçados amadores [...]”¹⁴⁴.

Esse caráter variado almejado com o teatro demonstra o aspecto contraditório e também diverso possibilitado pelo mesmo enquanto espaço de expressão artística e cultural de um povo num dado tempo e lugar. E nessa sociedade em que a educação está sendo reavaliada e redimensionada, percebemos o movimento de apresentação do teatro como elemento didático da mesma formação moral e cívica visada pela instrução pública, sendo o mesmo como um dos alvos privilegiados pelos discursos de formação do povo(Duarte, 1993). Isso parecia ser também algo buscado

¹⁴³ A Verdade, Itajubá, 07 jan. 1893, p. 04.

¹⁴⁴ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 29 jan. 1927, p.03.

por alguns membros das elites das cidades aqui pesquisadas, representados nos conteúdos de parte dos periódicos pesquisados, mas observadas as peculiaridades e singularidades próprias de cada localidade da região aqui focada.

Essa tentativa de utilizar e preparar as pessoas para os espetáculos e com isso utilizar-se do mesmo enquanto ferramenta educativa de sua população foi algo perseguido pelos organizadores desses espaços e as elites das cidades aqui pesquisadas, mas não efetivamente alcançado. Vemos uma tentativa nesse sentido na cidade de Campanha quando uma nota destaca, dentre outras coisas, o comportamento de algumas crianças no teatro durante a apresentação de um grupo teatral formado pelo “distinto grupo de estudantes da escola normal desta cidade”. Aproveita para elogiar o desempenho dos mesmos e “ser digno de aplausos e muito recomenda o espírito inteligente dos distintos moços, que deste modo procuram proporcionar à população da cidade noites de agradável e moralizadora diversão”. Mas ressalta que “é muito para sentir falta de polícia, os meninos e moleques estejam tornando o teatro o centro de suas desenvolturas e excessos, que a não serem reprimidos d’ali afastarão as famílias e quantos não se sintam resignados para tolerar tanta falta de educação, imprópria até de aldeias”. Há reclamações sobre os responsáveis dessas crianças uma vez que “alguns menores mostram seu desembaraço mesmo a vista de seus pais, que assim publicamente pateteiam o zelo que tem pela educação de seus filhos; outros vão desacompanhados de pessoas de família, que assim dão plena liberdade aos que tanto carecem de ser contidos”. Logo, não deixava de manifestar o desapontamento com tal situação, pois “é triste e muito triste isto, mas não é assim que procuraremos elevar-nos e nem deste modo que o teatro será para as famílias um lugar de tranquila e agradável diversão”¹⁴⁵.

Aqui se percebe a dificuldade de se colocar na prática o desejo de formação moralizadora e civilizado na população da cidade, pois tal projeto se esbarrava com as características do público que frequentava ou circulava próximo ao teatro. Nota-se dificuldades referidas a uma educação das crianças e seus pais de como se comportarem nesse ambiente e ainda, com aquelas crianças que transitavam livremente próximas a esses espaços sem a presença dos pais ou responsáveis. O periódico não esconde seu descontentamento em não ver seus objetivos serem totalmente alcançados com este espaço na formação pretendida do que seria o ideal de um povo civilizado. Apesar disso a nota não deixa de destacar e insistir na importância desse divertimento “moralizador”,

¹⁴⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 04 jul. 1893, p.03.

concluindo que de outra forma as famílias não encontrarão no teatro um espaço tranquilo de diversão. Esse periódico esforça-se, de forma contundente, no caminho de ver este espaço enquanto local importante para formação da população que então habitava a cidade. Nesse sentido podemos compreender sobre o papel da imprensa que, de acordo com Vilhena:

E desse modo, ela se configura como um dos veículos para se por em prática o projeto de sociedade, justificando escolhas e condutas, hábitos e comportamentos a serem adotados, elogiando e reforçando alguns deles, omitindo e reprovando outros (VILHENA, 2008, p.52).

Essa preocupação em tornar o teatro enquanto um espaço de boa frequência e pessoas civilizadas se esbarrava com os problemas próprios de cidades que cresciam em tamanho e em número de habitantes, como no caso citado, onde podemos ver a dificuldade de lidar com algumas crianças e sua circulação pelas ruas e locais diversos da cidade. A fonte acima citada nos revela os desafios enfrentados em se reconhecer no teatro um espaço de formação da moral e civilidade e, como bem nos deixa claro Duarte (1993) esse controle educativo dos frequentadores das casas de espetáculos foi um objetivo perseguido em todo o século XIX com menor sucesso que o desejado. Aspecto este que foi de certo modo corroborado pelos periódicos aqui pesquisados, demonstrando ser o teatro um local muito mais de desejo do que efetivo instrumento civilizatório, mas que nem por isso deixou de ser um local também de experimentação da cidade e as relações advindas dessas experiências.

Espaço de vivências múltiplas e diversificadas, aliadas ao seu objetivo de levar a diversão a uma parcela da população que tinha acesso ao mesmo, o teatro teve seu lugar no cotidiano das cidades aqui pesquisadas, com características próprias dos moradores dessas localidades. Isso pode ser visto no artigo que abre esse capítulo e em outros momentos e fatos apontados nos periódicos da época, onde se saudava a construção de edifícios específicos para o funcionamento de teatros como um importante indicador do grau de civilização das localidades e algumas cidades gabavam-se de seu alto grau de civilização, à medida que se mostravam capazes a valorizar o teatro e receber companhias de maior projeção, como deixa claro Duarte(1993). Desse modo, esse espaço sobreviveu na virada do século XIX para o XX, mas enfrentou a concorrência de outros elementos artísticos que já eram presentes e

outros que passaram a existir na vida dessas cidades, disputando a atenção de seus habitantes.

2.4 As artes circenses: seu sucesso e prestígio junto à população das cidades

A notícia sobre a chegada de um circo nas cidades era motivo de muita alegria e expectativa para muitas crianças e demais faixas etárias que ficavam encantadas com os números dos trapezistas ou com o simples fato de ver o desfile de alguns animais trazidos pelas companhias circenses. E no universo dos espetáculos existentes no século XIX em Minas Gerais, o circo configurou-se como o grande rival das apresentações teatrais, disputando a preferência do público. É bem verdade que ambos apareciam como alegres e bem vindas opções de diversão, entretanto as expectativas em relação a cada um se diferenciava largamente, como nos lembra Duarte (1993, p. 214), no sentido de que “o circo não sofreu a ação das intenções racionalistas e moralizadoras dirigidas ao teatro”.

Os jornais da época também noticiavam a chegada do circo e sua programação, incentivando a população e também elogiando aquelas companhias já conhecidas. Esse espetáculo artístico, voltado para o entretenimento que passou a ser denominado circo, surgiu da fusão dos diversos artistas presentes em Londres no final do século XVIII com cavaleiros egressos da cavalaria real inglesa. Esse modo de organização de espetáculo, reunindo teatro, acrobacias, danças, música, bonecos e animais, entre outros, fez tanto sucesso que diversos grupos montaram seus espetáculos circenses e em passo acelerado iniciaram turnês por diversos países do mundo, a partir de 1762(Silva, 2010). Tais características foram herdadas e influenciaram de certo modo as companhias circenses que existiam e se apresentavam na região aqui pesquisada.

As turnês das companhias apresentavam certa frequência, possibilitando trocas de experiências e uma vida praticamente nômade de seus artistas. Como exemplo disso, começamos citando a passagem de uma companhia circense na cidade de Campanha onde se comenta que “a companhia equestre e gymnastica do artista Manoel de Barros, que ultimamente esteve nesta cidade deu aqui quatro espetáculos, havendo em quase todos eles regular concorrência.” Esta companhia parecia ser já conhecida quando lembra que “conquanto não seja esta uma companhia de primeira ordem, como

algumas que tem visitado a Campanha, todavia conta ela em seu seio vários artistas de merecimento, cujos trabalhos agradam, tornando-se dignos da simpatia de todos.” Os habitantes da cidade puderam prestigiar a mesma, além de ser ressaltado que “o nosso público, sempre generoso e bom, não recusou seus aplausos a essa companhia, que muito contente deve estar pelo acolhimento que aqui teve¹⁴⁶ .

A cidade já recebia visitas de companhias circenses, como percebemos nesta nota, e aqueles interessados nos seus espetáculos pareciam prestigiar as mesmas com regularidade por ocasião de suas apresentações. O periódico, além de tecer elogios à mesma, não deixa de valorizar a receptividade que os espetáculos tiveram junto ao público, revelando haver um interesse e pessoas que consumiam esse divertimento. A nota sugere ainda que outras companhias até superiores têm passado pela cidade, reforçando ser esse um entretenimento de certo apelo junto as pessoas da cidade. Logo, a vinda dessas companhias parecia atrair muitas pessoas aos seus espetáculos, movimentando a vida dessa localidade sul mineira, como percebemos na nota citada acima.

A novidade dessas expressões artísticas reunidas em um só espetáculo já ia se mostrando como presença marcante no cotidiano das cidades brasileiras e, como nos esclarece Silva (2007, p.128), “rapidamente, os estalos dos chicotes dos circos de cavalinhos estavam nas ruas dos pequenos lugarejos, nos teatros das cidades e, principalmente, faziam parte da maioria das festas locais”. Isso pode em parte ser percebido com a nota do periódico anteriormente citado, revelando uma população que se divertia na presença dos espetáculos circenses.

De acordo com Duarte (1993), enquanto que as atividades teatrais constituíram-se como um alvo privilegiado de discursos marcados por intenções pedagógicas e moralizadoras, os circos não sofreram a ação das intenções racionalistas dirigidas ao teatro. Deles não se exigiram espetáculos comprometidos com a verossimilhança ou com a reprodução do vivido. Para esta autora, os espetáculos de ilusionistas, acrobatas, contorcionistas, homens de físico hercúleo, anões, domadores, moças lindas e de corpo provocante exposto sob as malhas de ginástica tinham como único objetivo divertir e despertar emoções.

Esse caráter mais livre e desprezioso desse divertimento não impediu que o poder público da época colocassem algumas normas e regras sobre a instalação dos

¹⁴⁶ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 21 jun. 1893, p.03

mesmos nas cidades naquele período. Em Campanha, a Lei n. 4, de 8 de outubro de 1892, estabelecia critérios sobre alguns divertimentos, em seu Título IX, denominado “Divertimentos públicos”, onde determina que:

Art.77º. Todos os espetáculos que dependerem de armações nas ruas ou praças só poderão realizar-se depois de paga a licença e impostos devidos mediante prévia designação do local pelos respectivos fiscais: multa de 20\$000. Parágrafo único: Nos trabalhos como trapézios, será colocado uma rede resistente para garantia do artista- sem o que não poderá ser exibido o trabalho. Art. 77º. Terminado os espetáculos, que se realizarem com armações nas praças ou ruas, devem as referidas armações ser retiradas em 24 horas e restituído o local ao antigo estado: multa de 20\$000 e 4 dias de prisão, além de ser feito a sua custa a remoção e a reposição do terreno ao estado primitivo. Art. 78º. A obrigação imposta pelos artigos precedentes estende-se com a mesma pena a quaisquer outras festividades. Art. 79º. Só são permitidos os jogos de bilhar, gymnastica, tiro ao alvo e outros congêneres, mediante licença da câmara¹⁴⁷.

De acordo com o conteúdo dessa nota do periódico da cidade, referindo-se a uma regulamentação da câmara municipal, a mesma estabelecia normas para esses divertimentos e para aqueles relacionados à iluminação pública, cemitério e mercado, dentre outros. Percebe-se aqui uma tentativa do poder público obter algum recurso com tais divertimentos, mas também sua preocupação com a segurança dos artistas, limpeza e infraestrutura da cidade, estipulando tal regulamentação uma multa em caso de não cumprimento das normas e pagamento dos impostos, para quaisquer festividades. Logo, fica claro o interesse do poder público regulamentar as apresentações desses espetáculos, mas não transparecendo haver preocupação com o conteúdo das apresentações. O artigo 79 dessa regulamentação que legisla sobre os divertimentos públicos, também reforça a regulamentação de outros divertimentos dessa natureza, como os jogos, tiro e “gymnástica”, mais uma vez caracterizando o valor e importância de tais divertimentos na vida de seus habitantes, merecendo a atenção das autoridades e uma regulamentação específica.

Na cidade de Itajubá também há citações da presença e passagem de um espetáculo circense na mesma, também denominado de “Cavalinhos”, ao citar que a “A companhia do Sr. Villela deu aqui dois espetáculos. Segundo nos informam são bem executados alguns trabalhos.”¹⁴⁸ Um ano mais tarde também vemos citações nesse sentido quando aparece um divulgação lembrando que “Na próxima terça-feira deve

¹⁴⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 dez. 1892, p.03

¹⁴⁸ A Verdade, Itajubá, 17 ago. 1895, p.03

chegar a esta cidade a importante companhia equestre e gymnastica do Sr. Manoel Barcellino, já conhecida nesta cidade.” Além de lembrar que esta companhia já era conhecida do público, ressalta ainda que “Agora a companhia dispõe de um pessoal escolhido de artistas de mérito e cujos trabalhos novos e de grande efeito, nada deixam a desejar. É de se esperar que não lhe falte a proteção do público, ávido sempre de divertimentos dessa ordem. O primeiro espetáculo será anunciado por meio de prospectos ¹⁴⁹.

As denominações que aparecem na nota, como “cavalinhos” e “companhia equestre e gymnástica”, são presentes com certa frequência quando da citação desses divertimentos e sua passagem pelas cidades aqui focadas, termos esses que se referiam as atividades circenses da época. Duarte(1993), esclarece tal aspecto quando no diz que os circos do século XIX eram, em sua esmagadora maioria, circos de cavalinhos. Alguns deles, segundo esta autora, acrescentavam, nas chamadas e anúncios dos jornais, a qualidade de companhias ginásticas, além de equestres, uma vez que um circo nada valia sem seus números hípicas. Desse modo, aproximando-se um pouco da compreensão que temos hoje, podemos compreender o circo enquanto recinto circular e coberto para espetáculos equestres e acrobáticos¹⁵⁰ e que naquele tempo tinham várias denominações como circo de cavalinhos, companhias equestres e ginásticas e mesmo circo, como costumava também ser denominado pelos periódicos da época.

As notas citadas acima e ocorridas em um espaço de menos de uma ano, demonstra uma certa regularidade e presença dessas companhias na região, além das mesmas serem de grande interesse do público. O periódico não apenas tece elogios ao espetáculo, mas dar a entender certa regularidade da passagem desse divertimento na localidade e seu apelo junto a população da cidade. Além disso, uma vez que os mesmos se instalavam em locais de fácil acesso, como praças ou locais abertos, possibilitava visibilidade e atração junto ao público que poderia assistir a instalação de suas estruturas e tendas. A importância e alcance dessas companhias permite-nos observar o significado das mesmas na vida cultural e divertida dessas localidades e, ainda, como ressalta Silva:

¹⁴⁹ A Verdade, Itajubá, 09 mai. 1896, p.03.

¹⁵⁰ Significado de circo segundo o dicionário Aurélio online. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=circo>.> Acesso em 17 jan. 2017.

Nesse sentido é importante reforçar que não se pode contar a história da produção cultural brasileira durante todo o século XIX e início do XX, ou seja, do teatro, da dança, da música, do disco, da cenografia, da dramaturgia, das festas, da iluminação, da arquitetura dos teatros, dos figurinos, entre outros, sem falar dos homens, mulheres e crianças circenses como protagonistas nessas produções (SILVA, 2007, p.140).

As companhias circenses exerciam um apelo popular e parecia atrair multidões de adoradores que buscavam nas mesmas um divertimento que os tirasse da rotina diária de suas vidas. Isso pode ser verificado também na cidade de Campanha ao se ter notícia da presença de um “Circo”, na mesma quando divulga que “Trabalhou ultimamente nesta cidade uma companhia equestre e gymnástica, dirigida pelo Sr. Manoel José de Barros, que possui artistas de merecimento, - apresentando trabalhos bastante delicados”. Além de elogios a companhia destaca-se ainda que “seus espetáculos tiveram tal concorrência que na terceira noite foi necessária a intervenção da policia para suspender-se a venda de bilhetes por absoluta falta de lugares. – O último espetáculo foi concedido, em parte, à benefício da Santa Casa de Misericórdia desta cidade”¹⁵¹.

Aqui se destaca não apenas os elogios a apresentação do espetáculo, divulgando o mesmo junto a população da cidade, mas também por demonstrar o grande atrativo e interesse causado por esse divertimento nas pessoas que puderam assistir aos espetáculos da companhia. Verifica-se que a população comparece em grande número, sendo necessário a intervenção policial devido a lotação do lugar, nos transparecendo que os preços praticados eram acessíveis a uma parcela da população da cidade, que tinham oportunidade de diversão e alegria por ocasião da participação nesses espetáculos, assistindo e prestigiando os mesmos. Além disso, mais uma vez assistimos espetáculos com parte dos lucros voltados para alguma instituição beneficente, demonstrando interesse por parte dos proprietários dessas companhias em manter um público cativo e estabelecer um local com possibilidade de retorno futuro com sua companhia.

Segundo Duarte (1993, p.240), além dos preços módicos das entradas, havia as entradas gratuitas das crianças e adolescentes participantes do “cartaz”, e a facilidade de passar por baixo do pano, havendo desse modo, a aglomeração de uma população. Desse modo, esta reflexão da autora permite-nos compreender essa comoção e atração

¹⁵¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 25 nov. 1895, p.02

gerada pelos espetáculos circenses nas pessoas da localidade citada, apesar de na nota não haver citação sobre os preços praticados pela companhia.

A presença dessas companhias também pode ser notada novamente na cidade de Campanha através de uma nota divulgando o “Grande Circo Amazonense. A Companhia Equestre, gymnastica e acrobática de Manoel Barcellino chegará brevemente a esta cidade e trabalhará quinta-feira, sexta-feira e Domingo da próxima semana(...), nos 9, 11 e 12 do corrente mês”¹⁵². Não apenas podemos notar mais uma companhia circense de passagem pela cidade, como também uma quantidade significativa de apresentações. O periódico ao divulgar a passagem da companhia pela cidade em suas páginas permite que já se tenha notícia do número de apresentações, demonstrando que havia um público interessado pelas apresentações do tipo e que via nas mesmas momentos de diversão, movimentando a vida na cidade nos dias em que a companhia ali estava presente com seus espetáculos.

A vida nessas localidades durante a presença dos espetáculos circenses, circo de cavalinhos e atividades similares do tipo, surgiam como um divertimento a mais, permitindo uma forma de entretenimento para as pessoas que habitavam a região. A presença dessas companhias com alguma regularidade movimentando a vida divertida dos habitantes do sul mineiro aparece em outros períodos adiante, como a presença de companhias vindas de outras localidades. Temos por exemplo em Itajubá a passagem do “Grande Circo Pierre”, comentando que: “Brevemente estreará nesta cidade esta importante companhia, que vem precedida de grande fama¹⁵³, onde percebemos o intuito de trazer companhias que também já eram conhecidas do público da região devido ao sucesso das mesmas com seus espetáculos e números circenses. Nota-se a existência de companhias circenses excursionando a região, entretendo a população local e buscando manter um público fiel e cativo.

Assim como acontecia com as companhias de artes dramáticas, as companhias circenses também realizavam excursões com seus espetáculos pelas localidades da região sul de Minas, como foi visto na nota anterior. Outro exemplo nesse sentido é quando um jornal da cidade de Campanha cita, por exemplo, a presença da companhia “equestre e gymnástica do artista Manoel de Barros” no ano de 1893¹⁵⁴ e dois anos mais tarde, em nota intitulada “Circo”, cita a presença dessa companhia que

¹⁵² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 30 jun. 1896, p.03.

¹⁵³ O Itajubá, Itajubá, 31 dez. 1920, p. 03.

¹⁵⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 21 jun. 1893, p. 03.

“possui artistas de merecimento¹⁵⁵. Aqui podemos notar a regularidade dessa companhia na cidade em virtude de seu sucesso e apelo junto ao público local. Verifica-se ainda o caráter nômade dessas companhias ao excursionarem com seus espetáculos por algumas cidades aqui citadas, levando divertimento e momento de alguma sociabilidade entre seus habitantes, possibilitando que os mesmos escapassem de sua rotina diária.

Sobrevivente até os dias de hoje, verifica-se assim, um papel significativo desempenhado pelas artes circenses na vida cultural e nos divertimentos da população das cidades aqui citadas, ao se notar a presença de companhias circenses com alguma regularidade excursionando a região. De acordo com os periódicos citados, percebia que os divertimentos propiciados pelos espetáculos circenses tinham o interesse e atenção das pessoas que então habitavam a região, demonstrando seu lugar na vida divertida de algumas localidades aqui pesquisadas. Apesar de não encontrarmos citações sobre os preços praticados pelas companhias que se apresentavam na região, aspectos relacionados a infraestrutura das mesmas e sua visibilidade por conta da chegada nas cidades, geravam muito interesse das pessoas pelos divertimentos que seus espetáculos propiciavam.

As relações e aproximações que se podem estabelecer entre os espetáculos circenses e os teatrais é que ambos tiveram seu lugar e seu público na região aqui pesquisada durante o recorte desse estudo. A região assistiu a passagem de companhias teatrais e circenses excursionando por algumas localidades, levando divertimento, sociabilidades variadas e interferindo de algum modo na rotina de seus habitantes. Tanto as companhias teatrais quanto as circenses realizavam alguns espetáculos de caráter beneficente e possuíam um público específico e diferenciado, devido as possibilidades de acesso que ambas ofereciam, dentre eles talvez podemos citar como exemplo o preço das entradas. Esse fator aliado a localização e infraestrutura, possibilitava acesso de um público variado assistindo aos espetáculos apresentados pelos artistas dessas companhias, mas não nos permite afirmar o caráter mais de “elite” ou “popular” relacionado a um desses divertimentos. Silva (2007) traz uma reflexão interessante nesse sentido quando diz que:

Não se pode negar que muitas produções culturais, dependendo do gênero e do local escolhido para a apresentação, atingiam distintas camadas sociais. Entretanto, a tentativa de classificar aquele público do circo como popular-

¹⁵⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 25 nov. 1895, p.02.

no sentido de baixa renda, trabalhador pobre, desocupado, em contraste do que seria de “elite” e frequentador de teatros do centro da cidade ou espetáculos de “alta cultura”, como óperas, altas comédias, dramas- tem-se mostrado ineficiente para entender a complexidade e o hibridismo das relações de um público ampliado e variado, que consome as novas e diversas formas de expressão cultural ao final do século XIX (SILVA, 2007, p.143-144).

Acredita-se que as palavras da autora são pertinentes e nos ajudam entender que inúmeras foram as razões pelas quais as pessoas daquele tempo procuravam aquele ou este divertimento, havendo razões relacionadas tanto ao conteúdo das apresentações, indivíduos de um mesmo núcleo de amizade e localidade, divulgação, acesso ou ainda quanto ao impacto e interesse causado nas pessoas. O fato que nos interessa aqui é constatar o lugar e o papel desempenhado por esses divertimentos na vida daquela gente, o qual pôde ser verificado como algo presente e gerador de sociabilidades e momentos de alegria e diversão. E, nesse sentido, os periódicos também tentavam cumprir seu papel enquanto divulgadores e formadores de opinião, dando visibilidade aos espetáculos que ocorriam nos teatros, praças, ruas e tendas pela cidade.

Desse modo, as atividades circenses e teatrais foram presentes na vida das pessoas, conquistando adeptos, gerando reações diversas nas plateias e levando divertimento e lazer para aquelas pessoas, que assistiam suas modificações e transformações, mas também sendo parte das mesmas. Não se pode pensar que a população assistia aos espetáculos como meros expectadores, mas interferiam na dinâmica dos mesmos, seja através dos aplausos, conversas, discussões e de suas presenças na ocasião dessas apresentações. Uma presença não apenas passiva diante do que se passava diante dos seus olhares curiosos, mas também ativa, no sentido de que interferiam na dinâmica dessas apresentações artísticas e divertidas daquele tempo, ao comparecerem as mesmas ou assistirem a sua chegada em suas cidades.

CAPÍTULO 3

A DIVERSÃO NÃO PARA: PELAS RUAS, BARES E PRAÇAS.

A inauguração e passagem dos ramais ferroviários veio favorecer a incorporação dos ideais de progresso e modernidade em voga nos principais centros urbanos brasileiros¹⁵⁶ e o sul de Minas também assistiu e participou disso a sua maneira, com características e singularidades próprias.

Aqui nesse capítulo, trataremos de alguns momentos de diversão propiciados pela ocasião da inauguração do ramal férreo na região, além da passagem de autoridades e inaugurações de estabelecimentos comerciais que também permitiam momentos nesse sentido. Trataremos também de como o entrudo e o carnaval ocorriam e se inseriam nessa conjuntura e como esses dias de folia também fizeram parte das transformações políticas e culturais do período.

3.1 Festas pelas ruas das cidades: saudando fatos e pessoas

3.1.1 A Inauguração da ferrovia na região

Com as mudanças propiciadas com a República, “veio a descentralização; as municipalidades organizadas por novos moldes, começaram a usufruir a autonomia, necessária ao desenvolvimento dos interesses municipais, na proporção de seus recursos”¹⁵⁷. Os jornais faziam questão de evidenciar tais acontecimentos uma vez que para os mesmos era importante dar visibilidade ao progresso buscado por suas elites e a inauguração de uma ferrovia que cruzasse a região sul de Minas era muito almejada pelas mesmas uma vez que propiciaria o avanço e progresso tão desejado. De acordo com Saes e Filho:

O próprio traçado das ferrovias seria tema de importantes disputas locais-dessa nova articulação política entre as elites locais. A cidade de Campanha não conseguia se firmar neste novo espaço político. Os influentes políticos Américo Werneck e Francisco Bressane, respectivamente de Lambari e

¹⁵⁶ AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *À mania intoxicadora: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no centro-oeste mineiro (1888-1930)*. Dissertação(Mestrado em História) - Universidade Federal de São João del-Rei. São João Del-Rei, 2016. p. 25.

¹⁵⁷ A Verdade, Itajubá, 09 mai. 1896, p.01

Campanha, exigiam a chegada da ferrovia Sapucaí em suas cidades. Contudo, esta avançaria para Itajubá e Pouso Alegre, por pressão de novos grupos influentes na região (SAES E FILHO, 2012, p.71).

Como se pode notar, na cidade de Campanha esse era um sonho objetivado e seu mais importante periódico na época, o Monitor Sul Mineiro, solicitava a atenção do governo pela excessiva demora no trabalho de construção do ramal férreo na cidade¹⁵⁸. E também ao comentar sobre o término da construção do mesmo e outras necessidades da região:

Acreditamos que os legisladores mineiros e o governo de Estado, inspirando-se no mais puro e elevado patriotismo, terão sobre o assunto de que nos ocupamos as ideias mais convenientes e sensatas, e, confiando na dedicação que todos eles consagram ao engrandecimento de Minas, estamos certos que resolverão, com a precisa urgência, o problema de viação férrea no sul de Minas, de que intimamente dependem nosso bem estar, nosso progresso e nosso futuro¹⁵⁹.

Aqui vemos um forte empenho dos proprietários desse periódico em ver concretizada a construção da ferrovia na região, cobrando esforço das autoridades nesse sentido e com isso reforçando seu papel de protagonismo e incentivador dos ideais de progresso, mas associando seu discurso aquele pretendido pelas autoridades políticas em vista das melhorias para a região. Como já comentamos, um de seus proprietários era da elite política da cidade e constantemente utilizavam suas páginas para se comunicar e dar voz aos anseios de suas elites. Foi nesse sentido, que por ocasião da inauguração do ramal férreo na cidade, que o mesmo tratou de dar destaque e conclamar sua população para participarem de tão almejado projeto conquistado. Ao citar sobre a conclusão do assentamento de trilhos até o local da estação da cidade, lembra que nesse dia pela primeira vez a locomotiva chegou até a cidade. O jornal elogia as autoridades e políticos pelos esforços nesse sentido e “[...] em promover e auxiliar os festejos, que por falta de tempo não tiveram o desenvolvimento desejado.”. Cita ainda que mesmo com as chuvas, que impediu a participação de parte da população da cidade, “[...] a concorrência foi extraordinária, e ao som da música, ao espoucar de grande número de foguetes, em meio de aplausos e saudações gerais, entrou a locomotiva no local da

¹⁵⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 15 jan. 1893, p. 01.

¹⁵⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 ago. 1893, p.01.

estação, onde apinhava-se o povo, mau grado a chuva que caía.” Além disso, ressalta ainda que “Logo que a máquina parou, as gentis meninas do Colégio Mariano e distintíssimas senhoras de nossa melhor sociedade atiraram sobre ela grande número de flores[...]¹⁶⁰”.

Percebe-se que o periódico busca aliar seu discurso aos esforços das autoridades locais em trazerem a estrada de ferro à cidade, destacando que apesar da falta de planejamento do festejo e do mal tempo, houve uma presença maciça da população, também participando ativamente da comemoração. Verifica-se uma oportunidade daquela gente poder se encontrar e se alegrar por conta desse que foi um momento comemorado por seus moradores e também por suas elites. Dentre os discursos das autoridades na ocasião, destacam a presença do escritor Euclides da Cunha, lembrando que “De fato ali estava a figura simpática do Dr. Euclides da Cunha, talento de escolha, imaginação fecunda e brilhantíssimo, que dominava a atenção de quantos ali se achavam, retendo a todos naquele lugar.” Na ocasião, “a poucos passos de distância, os operários, saudados eloquentemente pelo Dr. Euclides da Cunha, recebiam, em extensa e farta mesa, em desprezencioso, mas lauto banquete, a parte que lhes era destinada naquela festa do progresso[...].” Além disso, reforça que o acontecido ficará marcada no imaginário daquela gente uma vez que “fica registrado entre as datas mais queridas do povo campanhense e será para sempre lembrado com satisfação. Foram muitos, ou melhor, foram todos os habitantes desta cidade que concorreram para o singular brilhantismo desta festa[...]¹⁶¹”.

Além de vermos a presença de autoridades no evento, estiveram também presentes os operários que provavelmente eram aqueles envolvidos na construção do ramal e que tiveram seu lugar na ocasião do festejo, possibilitando se conhecer pessoas que habitavam a região e as diferenças de classe entre as mesmas, como no caso a citação desses operários. Vê-se reforçado ainda a importância do acontecido para o progresso da cidade e da região, almejando que todos pudessem compartilhar e valorizar tal oportunidade. Destaca-se a presença de autoridades e personalidades, como o caso acima, do escritor Euclides da Cunha, uma das autoridades convidadas para o evento que também discursou no mesmo como deixa a entender a fonte citada. O número de autoridades presentes no evento também demonstra a força política das elites da cidade,

¹⁶⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 14 nov. 1894, p. 02-03.

¹⁶¹ Ibidem, 1894, p.02-03.

buscando voltar a atenção e importância pelo acontecido. A presença da população na ocasião do evento demonstra ainda o interesse da mesma pelo ocorrido e de aproveitar o evento como momento também de diversão. Podemos perceber aqui que as práticas de lazer podiam ser oportunidades para a ostentação do luxo, da riqueza e de um determinado lugar social, reforçando hierarquias (Marzano, 2010), algo explicitado pelo periódico ao lembrar, por exemplo, o lugar ocupado pelos operários citados.

Percebe-se e se demarca uma hierarquia, quando entendemos esses festejos como reforçadores de pertencimento e lugar social que cada grupo ocupava, mas também dar pista para que compreendamos como se portavam e agiam a população e suas elites na ocasião desses momentos de comemoração. Araújo (2012) também nos ajuda a compreender esses momentos de comemoração ao dizer que os dias de festejar não são dias comuns e são acompanhados de um sentimento de tensão e alegria. É um tempo especial de se celebrar e um momento em que a vida pública tem prioridade em relação à vida e aos afazeres privados e por ser criação humana, a atividade festiva permite que os indivíduos construam seu cotidiano. Cotidiano onde se incluía também momentos de celebrações e diversões diversas.

A passagem do ramal férreo oportunizou também momentos de divertimento em outras localidades quando da ocasião de sua inauguração nas mesmas. Um jornal da cidade de Itajubá também deu grande destaque para a inauguração da “V.F. de Sapucahy”, no município de “Ouro Fino”, lembrando que inicialmente chegou o “comboio inaugural” na estação de Itajubá, que estava “apinhada de gente”, conduzindo alguns cavalheiros e autoridades. Segundo a nota, essa comitiva partiu com parada em Pouso Alegre onde foram recebidos por uma “[...] compacta massa popular, subindo aos ares nessa ocasião muitas dúzias de rojões e apresentando a cidade uma iluminação garbosa em suas ruas e edifícios. Aí o trem inaugural teve de pernoitar[...]”. No dia seguinte partiram rumo a Ouro Fino e ao chegar na cidade: “Aí era enorme a multidão de povo na estação e suas proximidades; enorme era o espoucar de bombas nos ares; agradável a harmonia musical de diversas bandas e agradabilíssimo o aspecto festivo da cidade cafeeira.”¹⁶² Ainda na noite daquele dia houve um jantar oferecido pela diretoria da “E. F. Sapucahy” em um salão brilhantemente ornamentado, e assim, “findou-se o esplêndido banquete, retirando-se o povo e convidados para suas residências, debaixo de fogos e música, que vieram a acordar a cidade ao amanhecer do

¹⁶² A Verdade, Itajubá, 18 abr. 1896, p.01-02.

dia seguinte, com realização de novas festas[...]”, como um baile no último dia “ como fecho de ouro de todos os festejos[...]”¹⁶³.

Vemos com a inauguração dessa via férrea, a organização de uma comitiva com membros da sociedade local que passou pelas cidades enfocadas nesse estudo, com destino a outra localidade que receberia também os benefícios desse meio de transporte, sendo saudada e recebida com entusiasmo por onde passavam. E, no caso da localidade de “Ouro Fino”, isso não foi diferente, havendo uma população envolvida e também entusiasmada com as festividades por conta da inauguração. De acordo com o conteúdo da nota, percebe-se que a rotina da cidade foi modificada em virtude dos dias em comemoração ao acontecido, permitindo que uma parcela significativa da população da cidade se divertisse e se encontrassem, interrompendo sua rotina diária.

Vemos ainda a grande quantidade de pessoas envolvidas nessa excursão divertida, passando por localidades da região uma comitiva composta por autoridades e elites das localidades, pretendendo também levar consigo os ideais e projeto de progresso e sua importância para as populações das cidades por onde passavam. Imaginemos a logística e organização para tal evento de caráter político, econômico e festivo, com o objetivo de inaugurar uma nova era para as localidades e utilizando-se de instrumentos que propiciaram aquela população momentos de diversão, alegria e orgulho, suponho. É nesse sentido que Saes e Filho(2012), citando como exemplo as cidades de Pouso Alegre e Campanha, nos esclarece que:

Pouso Alegre e Campanha, em fins do século XIX, fazem parte de uma mesma totalidade: de cidades sul mineiras em acelerado processo de transformação por conta do fim de uma era, do Brasil imperial e da escravidão, mas de nascimento de uma nova, da expansão cafeeira, da introdução das ferrovias e da formação da vida urbana moderna(SAES e FILHO, 2012, p.86).

Os periódicos cumpriam seu papel de divulgadores desses ideais e viam na ferrovia um importante meio nesse sentido. Ao divulgar essas notas em suas páginas, o mesmo parecia reforça tal projeto junto aos seus leitores, não deixando de citar a presença sempre maciça da população como forma de legitimar a importância desse projeto de modernidade. E como afirma Melo (2010) a ferrovia merece um destaque especial como:

¹⁶³ A Verdade, Itajubá, 18 abr. 1896, p.01-02.

Um dos grandes artefatos e símbolos da modernidade e do capitalismo, fundamental para a sua consolidação, necessária para garantir o desenvolvimento de uma indústria pesada e para o transporte de mercadorias, logo foi incorporada pela nova dinâmica de atividades de lazer de massa, levando gente para todos os lados, bem como as notícias dos novos produtos modernos (MELO, 2010, p. 51).

Na cidade de Campanha novamente noticiava-se a organização, alcance e numero de pessoas envolvidas nas comemorações por conta da inauguração de outros ramais férreos na região. Um periódico local comenta sobre a inauguração de mais duas estações da via férrea sul mineira, recebendo uma o nome de Olegário Maciel e a outra na cidade de Santa Rita do Sapucahy, o nome de Afonso Penna. As citações dão notícia de que “As festas celebradas n’aquele dia foram das mais alegres e significativas que temos visto[...] A chegada do trem especial que trouxe do Rio de Janeiro a diretoria da Companhia e muitos convidados [...], estava a estação da Soledade vistosamente ornamentada com grande número de arcos, bandeiras, flores, etc., tocando a excelente banda de música de Caxambú escolhidas peças e subindo ao ar crescido número de foguetes[...]”¹⁶⁴.

Assistimos mais um evento em comemoração a inauguração de uma ferrovia, constituída de uma comitiva, algo que parecia ter sido recorrente na região na ocasião desses festejos. A comitiva citada acima era composta por políticos, representantes da imprensa e membros da companhia ferroviária, inclusive seu presidente, sendo que parte dessa comitiva vinha da cidade do Rio de Janeiro. Percebe-se pelos integrantes da mesma a importância dada ao evento e que o mesmo ficasse registrado nos corações e mentes das pessoas que habitavam a região. Vemos a população prestigiando o evento, revelando o forte apelo popular propiciado por essa oportunidade de comemoração e diversão.

Há uma descrição do roteiro feito por esta comitiva, seguindo “[...]o trem para as estações Silvestre Ferraz(Carmo do Rio Verde), Christina, Maria da Fé e Itajubá, onde só ao anoitecer chegamos[...] Por todos esses lugares era grande a aglomeração de povo nas estações, onde o trem chegava sempre sob arcos embandeirados, ao estrugir de fogos e saudado pelas pessoas presentes, em cujas fisionomias notavam-se o entusiasmo e alegria que lhes iam na alma.” Ressalta-se que, por exemplo, “Em Christina foi servida uma profusa mesa de doces[...] e em crescido número de senhoras que, com sua

¹⁶⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 set. 1894, p.03.

presença, ainda mais abrilhantavam aquela festa do progresso.” Já a passagem pela cidade de Itajubá, “também foi muito grande o número de pessoas que esperavam a chegada do trem e a recepção que aí fizeram os briosos filhos d’aquela cidade foi digna de faustoso acontecimento que se solenizava[...]”¹⁶⁵.

A participação popular, muito ressaltada dá o tom e significado que tal evento teve para aquela gente, uma vez que os mesmos se aglomeravam nas estações, sempre muito enfeitadas e em clima de festa gerando, como destaca a nota, muito alegria nessa festa denominada pelo periódico de “festa do progresso”. Ressaltou-se que a excursão acontecia “sempre no meio de flores, fogos, vivas”, sendo que ao chegarem ao seu destino, “Santa Rita do Sapucahy”, a localidade apresentava:

um espetáculo verdadeiramente deslumbrante! Podemos dizer que jamais vimos em uma cidade do interior tanta animação e tanta alegria, tão brilhantemente manifestada! A quantidade prodigiosa de fogos que subiram ao ar as dúzias, de instante a instante, o número indizível de lanternas de todas as cores e formatos, que por toda a parte se viam e com especialidade nas janelas e portas de todas as casas, os arcos e bandeiras que tanto enfeitavam as ruas e, acima de tudo isso, proverbial hospitalidade d’aquela bom povo, que por todos os modos procurava cativar seus hóspedes, são coisas que não se descrevem [...]”¹⁶⁶.

Lembram ainda que ao término da visita, esteve “reunida toda a população da cidade na estação, onde foi despedir-se dos seus visitantes[...], regressado o comboio com mais de 10 ou 20 vagões ainda ao som de três excelentes bandas de música e ao estrugir de girandolas, fogos, etc”. E, finalmente, comenta que “Foi, enfim, uma festa verdadeiramente brilhante e belíssima, que por muitos anos será lembrada por quantos a assistiram [...]”¹⁶⁷.

Destaca-se ai novamente a participação popular e sua alegria e animação por conta do evento, sendo que mesmo após a despedida da comitiva, a festa continuou pelas ruas e estação da localidade, levando aos habitantes da mesma uma oportunidade de diversão e sociabilidades. Percebemos o grande êxito do evento, havendo ainda fôlego para mais diversão uma vez que as comemorações continuavam dentro dos vagões com a presença de muita música tocada por bandas locais. O jornal, ao cobrir e elogiar tal evento cumpria seu papel no sentido de divulgador e apoiador dos ideais em

¹⁶⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 set., 1894, p.03.

¹⁶⁶ Ibidem, 1894, p.03.

¹⁶⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 set. 1894, p.03.

torno do progresso, que tinham na ferrovia um símbolo forte e característico desses ideais. Nesse sentido, podemos compreender quando Araújo(2012) nos diz que:

A festa, contudo, não possui um único sentido e uma só direção. Visa muito mais que garantir a unidade de uma sociedade ou uma forma pela qual determinados segmentos se utilizam para atingir seus objetivos. Ela possui uma multiplicidade de usos, de sentidos e intenções. É também um momento diferenciado, de um espaço e de um tempo diferentes do cotidiano. Tempo de criação, no qual as pessoas que dela participam constroem significados para seu viver e agir em sociedade (ARAÚJO, 2012, p. 73).

Isso pode ser notado com as notas citadas até aqui e quão importante e permeado de significados foram esses festejos e momentos de celebração. Quando os periódicos, cita a presença da população, operários e autoridades, observa-se segmentos da sociedade participando desses momentos de divertimento e ato político. Uma população que, como se sabe, era formada por uma variedade de credos e condição socioeconômica e que tinham a oportunidade de se conhecerem e estabelecerem relações ao participarem na ocasião desses eventos. Vemos um acontecimento onde a diversão estava presente num tempo social que não era o tempo do trabalho, mas um momento de encontros que poderiam estar presentes ou não conflitos e tensões que não eram manifestos pelos periódicos. Isso porque supunhamos não era seu objetivo, sendo o mesmo voltado única e exclusivamente em enaltecer a festa e o significado da mesma.

É nesse sentido que a inauguração do ramal férreo na região foi muito divulgada nas páginas dos jornais durante o período que as mesmas ocorreram, atestando a importância que seus proprietários atribuíam para esse importante meio de transporte para o sul de Minas. Em Campanha novamente é citado a inauguração do ramal férreo na cidade, uma vez que a comemoração no ano anterior e já citado aqui, referia-se a conclusão do assentamento de trilhos até o local da estação da cidade¹⁶⁸. Durante a inauguração “O povo campanhense, inteligente, patriota e digno, não quis deixar passar esse importante fato sem manifestar seus sentimentos de alegria e satisfação por ver afinal realizada a sua aspiração de tantos anos demorada até agora por causas que não queremos discutir.” Tal comentário transmitir de certo modo que o periódico não queria causar atrito ou polêmica junto àqueles que permitiram a concretização desse transporte para a região. O periódico esforça-se mais em demonstrar como foi a participação popular, uma vez que “As alegrias populares se

¹⁶⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 14 nov. 1894, p. 02-03.

mostraram pela bela iluminação de toda a cidade, especialmente da praça 15 de novembro, onde tocou uma banda de música, que depois percorreu algumas ruas, subindo ao ar considerável número de foguetes.” Além disso, busca validar a importância do evento já que “A concorrência do povo nas ruas e na praça, junto a estação, foi extraordinária e assim foi solenizado o grande ato, que marca uma data notável da nossa história. Assim concorra a estrada de ferro, como esperamos, para dar nova vida e alento a nossa terra querida[...]”¹⁶⁹.

Percebemos todo um interesse de se reforçar o caráter patriótico do povo da cidade, quando este comparece também nesse evento, participando alegremente e em grande número da comemoração, reforçando-se ainda o desejo de que a ferrovia trouxesse maior desenvolvimento para a cidade. Verificamos como o povo da cidade participou da festa e parecia almejar também esse projeto, em vista dos benefícios que o mesmo poderiam trazer para os mesmos e a cidade. Tal evento meses antes já era noticiado e organizado pelas pessoas envolvidas no mesmo, onde:

[...] para isso os particulares estão cuidando da pintura de seus prédios, limpeza das ruas, etc., sendo de esperar que todos se esforcem para dar maior brilho possível a esta solenidade. Estão nomeadas comissões para todas as ruas da cidade, para tratarem dos festejos e ornatos das ruas, e sendo essas comissões constituídas de cidadãos distintos, patriotas e inteligentes, acreditamos que saberão cumprir com o sagrado dever de não se mostrar indiferentes a mais importante festa da Campanha [...]”¹⁷⁰.

Nota-se aqui como a população se envolveu com a organização desse evento, buscando o periódico valorizar a participação “patriota” daquela gente e conclamando os mesmos a se envolverem com os festejos. Na ocasião foi expedida uma circular pelo presidente da câmara municipal da cidade, e divulgada no periódico citado, reforçando o envolvimento das autoridades políticas na organização da comemoração.

Além de dar destaque sobre a passagem da ferrovia pela cidade, esse importante jornal da cidade de Campanha, continuou noticiando a inauguração da ferrovia em outras localidades da região, como a inauguração da ferrovia na cidade de Pouso Alegre, onde recebeu convite para a mesma dos “distintos cavalheiros residentes nesta cidade e que constituem a comissão dos festejos”¹⁷¹. Cita como se deu a inauguração que “Em meio de grandes e esplêndidas festa, em grande parte preparadas

¹⁶⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 07 mar. 1895, p.02.

¹⁷⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 14 nov. 1894, p.03.

¹⁷¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 15 mar. 1895, p.02.

pela Companhia de Viação Férrea Sapucahy, foi inaugurada a estação de Pouso Alegre. Esta folha fez-se representar na solenidade por um simpático amigo”¹⁷².

Junto a cidade de Pouso Alegre não foi encontrado periódicos do período citado acima, impedindo de se verificar como se deu a divulgação junto aos mesmos. Entretanto, o fato desse periódico da cidade de Campanha divulgar o evento e ser convidado pelos organizadores para participar, revela de certo modo a importância desse periódico para a região naquele tempo. Além disso, cabe destacar também que mais uma vez há uma organização similar envolvendo os habitantes da cidade, no caso aqui denominada de “comissão dos festejos”.

Quanto a inauguração do ramal férreo da cidade de Itajubá não foram encontradas citações dos periódicos sobre sua inauguração. Entretanto, pelas notas citadas a cidade possuía sua estação ferroviária.

A título de esclarecimento cabe ressaltar aqui, de acordo com Saes *et al.* (s/d), que as companhias férreas que foram sendo inauguradas na região sul de Minas, faziam parte desde a década de 1880, da “Viação Férrea Sapucahy”, surgindo logo depois a Estrada de Ferro Muzambinho. Segundo estes autores, ambas corriam quase que paralelamente, ligando várias cidades sul mineiras e, por volta de 1900, muitas dessas ferrovias foram encampadas pelo estado de Minas, e em seguida pelo próprio governo federal, como o caso da Sapucahy e da Muzambinho. Esse período citado acima coincide com o período de inauguração das ferrovias aqui citadas, ocorridas principalmente nas décadas finais do século XIX, onde era comum a presença dos membros dessa companhia por ocasião da inauguração das mesmas.

Foi possível descobrir ainda o caráter de diversão que tal meio de transporte também propiciou para algumas pessoas que então habitavam a região e tinham a oportunidade de divertir e se reunir junto com outras pessoas, não apenas na ocasião dessas inaugurações. Em Campanha chegou a ser implementado alguns “Trens de recreio” pela diretoria da Companhia Muzambinho, que funcionou aos domingos, fazendo o trajeto entre esta cidade e a localidade de Águas do Lambary. O primeiro desses trens, conduziu um crescido número de visitantes a cidade, entre eles, “os distintos Srs.: Dr. Campos Salles que foi ministro da justiça no governo provisório e que é um dos mais estimáveis e dignos chefes políticos paulista; Dr. Braulio Gomes, uma notabilidade médica de São Paulo[...]” Além disso, na ocasião, “muitos outros cidadãos

¹⁷² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 abr. 1895, p.02.

de distinção e merecimento” que ali estiveram “talvez pela vez primeira e que sentimos não ter tido tempo para saudar, como era nosso desejo e dever”. As notícias também dão conta de outro trem de recreio com outras autoridades visitando a cidade e o escritório do jornal¹⁷³.

Apesar de não se ter verificado mais notícias sobre esses “Trens de recreio” ou se os mesmos continuaram a fazer o trajeto, percebemos a utilização da ferrovia como parte importante no entretenimento e diversão da população, ultrapassando um sentido único de levar o progresso e facilitar a economia da região. A presença de autoridades e membros da sociedade local e mesmo de outros estados, demonstra uma iniciativa da companhia em divulgar o novo empreendimento e de oferecer um serviço a mais para a população, também numa tentativa de obter mais lucros, estendendo as possibilidades desse meio de transporte. Percebemos a utilização da ferrovia como meio de transporte e lazer voltado para as pessoas que ali habitavam, ampliando o seu sentido e significado para as mesmas e oportunizando outras formas de diversão. Desse modo, compreendemos que as diversões serviam tanto para reforçar estratégias comerciais quanto se tornaram em si possibilidades de investimento, tão logo as camadas populares começaram também a ocupar o seu tempo livre, sendo tais atividades também a ser fundamentais na construção de uma nova ordem cultural, que ajudava a referendar o poder da burguesia, tratando-se assim de um espaço/tempo social marcante para a construção das experiências modernas (MELO, 2010).

As elites das localidades aqui citadas estavam dispostas e concentradas em torno dos ideais de modernidade e progresso e a inauguração das ferrovias era um passo importante nesse sentido. Na esteira desses acontecimentos, alguns divertimentos e momentos de lazer consequentemente foram presentes na vida da população que habitava a região naquele tempo, onde os festejos em virtude da inauguração do ramal férreo constituíram-se numa oportunidade das pessoas se socializarem e afirmarem suas identidades e características próprias em torno desses divertimentos, acentuando-se laços e diferenças, por que não dizer. Tal afirmação aferimos a partir das pistas oriundas das páginas dos periódicos, que a sua maneira divulgava esses acontecimentos.

O jornal que mais ilustrou em suas páginas a inauguração do ramal férreo foi o jornal Monitor Sul Mineiro da cidade de Campanha, conseguindo cobrir de forma abrangente a passagem e inauguração da ferrovia pelas diferentes localidades da região

¹⁷³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 abr. 1895, p.02

e sua importância na vida das pessoas, mesmo se considerarmos a sua forma de abordagem e citação/exclusão dos fatos de seu interesse. Isso por compreendermos que faz parte do exercício do poder ocultar a diferença, a contradição, decidindo como e o que deve ser lembrado e, em contrapartida, o que deve ser esquecido (VIEIRA; PEIXOUTO; KHOURI, 2007).

Esses acontecimentos demonstraram certo apelo popular que tais festejos tiveram na vida das pessoas que habitavam a região e o quanto suas elites utilizavam desses instrumentos como meio de divulgação e fixação de seus projetos. Entretanto, cabe ficar claro segundo Melo, citando o exemplo da cidade do Rio de Janeiro:

Se a princípio os novos espaços das redondezas da cidade eram valorizados e construídos para serem de uso exclusivo de um público de elite, as ferrovias logo trouxeram novos interessados que também desejava desfrutar as novidades da modernidade, o que contribuiu para diversificar o complexo de entretenimento que se gestava; afinal, o negócio era mais importante. As construções simbólicas de distinção não eram negadas, e sim reelaboradas com a criação de locais restritos: a multidão estava junta, mas em espaços específicos, cada vez mais divididos de acordo com as posses e a classe (MELO, 2010, p.52).

Podemos supor que a passagem das ferrovias possibilitaram trocas não apenas comerciais, mas também entre sujeitos de diferentes localidades, mas no caso do destaque aqui dado por ocasião da inauguração das mesmas na região sul de Minas, pode-se constatar que os festejos por conta dessas comemorações contou com uma presença significativas de pessoas que habitavam as localidades, gerando entusiasmo e momentos de alegria, como bem destacaram os periódicos citados.

3.1.2 A diversão pelos bares, em torno de fatos políticos e autoridades

Outras situações e fatos eram motivos suficientes para que as pessoas abandonassem sua rotina diária e se alegrasse com momentos diversos. Como exemplo nesse sentido, podemos citar a inauguração de estabelecimentos voltados para o lazer da população da região, como a inauguração de bares, como em Itajubá, onde há a citação da inauguração do “Éden-Bar”, que se localizava na praça “Cesário Alvim” da cidade, em frente ao jardim público e divulgado em um jornal da cidade. Segundo a nota, seu proprietário chamava-se “Eloy Arantes de Carvalho”, e comenta que: “[...] houve ali uma encantadora e animada festa em que tomaram parte abalisados musicistas desta

cidade, fazendo-se ouvir em magnífica orquestra, que se prolongou até o adiantado da noite.” Comenta ainda que é um “belo estabelecimento com bebidas, doces finos, etc. e que os apreciadores podem ali encontrarem o que desejarem”¹⁷⁴. Assistimos aqui um local de entretenimento voltado para o público adulto no momento de inauguração do mesmo, com animação e na presença de músicos da cidade, que propiciou as pessoas presentes momento de diversão e encontros, sendo também divulgado em um periódico da região.

Nos primeiros anos do século XX algumas cidades passavam a possuir mais ambientes para a diversão de sua população e a imprensa esforçava-se para divulgar os mesmos. Outro exemplo nesse sentido é em Pouso Alegre quando temos referências ao estabelecimento denominado “O Progredidor” que “[...] é a nova casa de molhados finos que se inaugura hoje, as 6 horas da tarde, na Avenida Central.”, próximo a Estação da Rede Sul-Mineira e quase em frente do Teatro Municipal. Cita que o proprietário Roque de Maio “[...]procurou coloca-la, na medida de suas forças, à altura da cidade de Pouso Alegre. O novo bar é sem orgulho o melhor do Sul de Minas pela sua montagem[...]”, tendo em seu cardápio bebidas e comidas, além de possuir uma sessão de bilhar. O periódico reforça ainda que “é justo, enfim, que Pouso Alegre, corresponda aos esforços do Roque em montar nesta cidade um estabelecimento moderno, frequentando-lhe a casa e encorajando-o com sua freguesia”¹⁷⁵.

Pelo destaque dado a localização deste estabelecimento, destacando e enaltecendo o mesmo pelas suas instalações e também por aparentar ares de modernidade, reforça-se assim como o periódico anterior, em associar a existência de estabelecimentos do tipo como forte indicador de progresso da cidade. Nota-se que o mesmo localizava-se próximo há uma avenida central da cidade, a uma estação ferroviária e a um teatro, o que poderia permitir maior visibilidade e também fácil acesso de uma clientela.

Em contrapartida a divulgação desses estabelecimentos, há a citação também de alguns divertimentos de outros segmentos da população das cidades naquele tempo como, por exemplo, da população de escravos libertos que poucas vezes são citados. Uma exceção é uma nota pequena intitulada “13 de maio”, de um jornal de Itajubá, nos anos finais do século XIX, ao noticiar que “Os libertos promovem festejos

¹⁷⁴ A Notícia, Itajubá, 26 jun. 1915, p.03.

¹⁷⁵ O Sulmineiro, Pouso Alegre, 29 mai. 1915, p.02-03.

comemorativos da grande data da emancipação, devendo, como de costume, haver danças, a noite, no edifício do mercado”¹⁷⁶. Aqui nota-se que, além da presença da dança enquanto expressão da cultura de um grupo específico era costume realizarem seus festejos, inclusive em um local próprio para isso. Essa demarcação de um local próprio de divertimento e encontro dos escravos libertos nos demonstra também seu lugar na sociedade da época, mas nos permite constatar que essas pessoas tinham também oportunidade de se divertirem junto com seus pares. Como população dessas localidades, também percebemos com essa nota que houve certo olhar, mas bem tímido, de parte da imprensa em torno de um festejo próprio da população negra.

A passagem de autoridades e pessoas de destaque na sociedade da época também ocorria precedida de muita comemoração. Em Pouso Alegre, há uma citação sobre a passagem pela cidade do “Sr. Julio Bueno Brandão”, que foi recebido ainda na estação da cidade por uma grande multidão, dentre eles haviam autoridades, professores e alunos de escolas da cidade, citando que após as formalidades foi oferecido ao cidadão um “[...] bem servido e delicado *lunch*”, sendo que ao “*champagne*, usou da palavra o nosso diretor Dr. José Afonso de Azevedo, encarregado pela comissão organizadora da festa de recepção, de apresentar as felicitações do povo de Pouso Alegre”. Suas palavras de agradecimento foram recebidas com palmas e com as bandas de músicas que tocavam o hino nacional¹⁷⁷. Veremos aqui a população comparecendo e apoiando um festejo em torno de uma personalidade da cidade, citando quem eram algumas dessas pessoas e o papel das mesmas na organização e participação do evento.

Esses momentos eram mais uma oportunidade das pessoas participarem e se divertirem, além de se conhecer um pouco das autoridades e pessoas que faziam parte do cotidiano político e cultural das cidades, permitindo encontros entre os mesmos, mas não quebrando necessariamente a estratificação social. Tal aspecto e característica ficaram acentuados com as notas citadas anteriormente, permitindo que consideremos os divertimentos num emaranhado de relações e fatos, os quais se influenciam e tem significado próprio para aqueles que vivenciam tais momentos de diversão, demonstrando também o lugar de pertencimento de cada um.

Na cidade de Campanha também citando a passagem de autoridades pela região, comenta-se sobre a visita na cidade de Passos do “Dr. José Vicente Valladão”, que

¹⁷⁶ A Verdade, Itajubá, 09 mai. 1896, p.03.

¹⁷⁷ O Sulmineiro, Pouso Alegre, 12 out. 1914, p. 07.

chegou, “a passeio, a esta opulenta cidade (inquestionavelmente a mais rica de haveres e elementos naturais, pujança e vida, e, por isso, a mais importante do sul de Minas), vindo de S. Sebastião do Paraíso, onde reside e é geralmente estimado e altamente considerado, o ilustrado e esperançoso jovem campanhense”, ressaltando a importância da cidade e desse indivíduo, “portador de um nome ilustre e geralmente conhecido e acatado em Minas, com especialidade nesta parte do sul, despertou a melhor parte da população passense a cumprir um dever de hospitalidade[...]”¹⁷⁸.

É interessante notarmos com esta nota o elogio feito por este periódico da cidade de Campanha, a cidade de “Passos” como uma das mais importantes do sul de Minas, entretanto sem deixar de frisar as origens do cidadão homenageado naquela cidade e seu grande apreço popular. Ao destacar que o cidadão foi a passeio aquela cidade e como foi sua recepção junto a população da mesma, o jornal acaba divulgando um momento de lazer e diversão de membros de sua elite e a oportunidade propiciada também nesse sentido para a população que esteve presente ao evento. Aqui a imprensa continua a imprimir seu papel não apenas enquanto divulgadora dos atrativos e beleza de uma região, mas também reforça que aquela gente sabia como se divertir e se alegrar por ocasião dos eventos do tipo. Logo, percebemos uma preocupação em enaltecer as autoridades através de atos festivos, onde mais uma cidade da região sul de Minas se vê as voltas com um festejo em torno de uma autoridade e onde assistimos uma população se aglomerar e se divertir em torno desses atos.

Além disso, as cidades aproveitavam desses momentos para realizarem melhoramentos na infraestrutura das mesmas, como quando a cidade de Campanha se preparou para a passagem pela mesma dos “presidentes da República e do Estado”, onde através de resoluções municipais, ficou o “agente executivo também autorizado a providenciar sobre a limpeza da cidade e concertos necessários nas ruas, praças e passeios[...]”¹⁷⁹. Percebemos que alguns eventos foram motivos para suas autoridades também se preocuparem e investirem na infraestrutura das cidades e, ao investirem no melhoramento de suas ruas, praças e passeios, as elites políticas preocupavam-se que suas cidades tivessem um aspecto de moderna e civilizada. Tais atitudes interferiam na mobilidade e realização de momentos em que a diversão e a comemoração eram presentes, já que as ruas e praças se tornavam o palco desses divertimentos.

¹⁷⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 jan. 1895, p.02.

¹⁷⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 14 out. 1894, p.03.

Cabe aqui lembrar que a população da região e do Estado estava em crescimento, havendo despesas diversas, como com a instrução pública no estado¹⁸⁰, e as cidades precisavam se adaptar a essas transformações investindo em sua infraestrutura. A região sul de Minas também vinha em ritmo acelerado de crescimento de sua população, que de acordo com Gambi *et al*:

Com uma população de aproximadamente de 260 mil habitantes em 1872, o Sul de Minas em 1907 já apresentava quase 730 mil habitantes e, finalmente, mais de 1 milhão em 1920. Região que sustentava cerca de vinte por cento da população do Estado de Minas Gerais [...](GAMBI *et al.*, 2012, p.11).

Podemos supor que o crescimento da população e das cidades pode também ter exercido alguma influência em como sua população se divertia e nos festejos promovidas por suas elites e demais habitantes da região, bem como as relações e trocas que aconteciam. Entretanto é importante compreender, como salienta Melo (2010), que a vida festiva tem seu valor reconhecido não apenas como válvula de escape, mas como manutenção da pressão, da coesão, também como subversão, sendo que os momentos de diversão são eivados tanto por elementos de manutenção quanto de contestação da ordem, como tempo/espço da vivência cultural e local privilegiado para compreender como o erudito e o popular se cruzam.

Outro fator importante era que os jornais também divulgavam em suas páginas os momentos de diversão próprios de suas elites, buscando registrar e dar lugar as mesmas, como na cidade de Campanha ao citar que “[...] Um grupo de senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade” realizou um “alegre *pic-nic* na magnífica chácara do Bom Retiro”, e para se “ter uma ideia de que foi esta festa basta dizer-se que as moças adotaram este ‘uniforme- vestido branco, chapéu de palha e cara alegre ”¹⁸¹. Aqui fica claro o lugar social que ocupavam aquelas senhoras, destacando-se um momento de lazer e diversão próprio da elite da cidade, algo importante também de ser divulgado nas páginas dos periódicos, uma vez que essa camada social teria mais condições de acesso aos mesmos e com alguma regularidade. Ao ressaltar tal evento, nos dar alguma noção e um exemplo de divertimento de acordo com os padrões morais e estéticos da época.

¹⁸⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 ago. 1893, p.02.

¹⁸¹ Colombo, Campanha, 19 jun. 1920, p. 02.

Já na cidade de Itajubá nesse mesmo ano, um repórter relata a solicitação feita por “Wenceslau Braz”, um dos presentes num passeio a fazenda “Alegria”, de propriedade do “coronel Benedito Passos”, em divulgar o mesmo. Ressalta-se a importância desse fazendeiro como “um dos mais adiantados fazendeiros do Estado de Minas” e relata o trajeto da viagem que passou pelo caminho da via férrea, onde “[...] era de ver os grandes vales se desfraldarem, ostentando sua fertilidade trabalhada nas roças e figuras geométricas várias [...]”, lembrando ainda como os presentes comentavam “a capacidade de trajeto futuro da Piquet a Itajubá. Veja esta riqueza imensa, as futuras indústrias, que surgirão daqui, quando houver transporte.” E no retorno do passeio vinham todos com o desejo de que “[...] a Rede Sul Mineira passasse para o Estado e transportasse os trilhos da Piquet a Itajubá e resolvesse o governo a construção dos sete quilômetros, até a Estiva”¹⁸². Ao se divulgar novamente um momento de lazer e diversão de membros da elite de uma cidade, reforça-se características dos mesmos e aquelas referentes ao potencial econômico e natural da localidade. As referências ao desejo de ver a ferrovia ampliada e com a administração pública estão presentes e como reforçadora dos ideais das elites locais quanto ao desenvolvimento e potencial econômico das localidades pelas quais passaram.

Logo, com essas notas referentes ao divertimento específico de uma camada social de algumas cidades da região sul mineira, fica claro o desejo dos periódicos de não apenas divulgar quem eram suas elites, mas também como se divertiam, suas vestimentas, posses e desejo de ver o progresso fazer parte de seu cotidiano.

Além das elites locais, era importante para as localidades receberem com o devido rigor e pompa as elites políticas da época. Foi o caso da cidade de Pouso Alegre, quando passou pela mesma o então Presidente do Estado Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, e onde “[...] o povo afluíu em peso a Estação local, que se achava ricamente enfeitada, sendo o Sr. Presidente recebido com entusiásticas aclamações, com fogos, música e palmas prolongadas.”¹⁸³ A passagem de autoridades políticas pela região era muito divulgada, principalmente em vista de que permitia junto aos mesmos reivindicar recursos e melhorias. Receber bem esses visitantes com a devida pompa e organização, atestava o potencial humano e econômico da localidade e por esse motivo o povo também era chamado a participar e prestigiar o evento, demonstrando o apelo junto aos

¹⁸² O Itajubá, Itajubá, 31 out. 1920, p.02.

¹⁸³ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 26 mar. 1927, p.01.

mesmos por parte de sua elite política. Mais uma vez vemos elementos que desenhavam o panorama desses eventos festivos, como a presença de música, fogos e ornamentações variadas.

Ainda sobre a passagem do presidente do Estado pela cidade de Pouso Alegre, registra-se que: “Logo após a chegada, o Sr. Presidente foi recebido na sede do Club Recreativo local, onde o aguardava a elite social de Pouso Alegre[...] Houve vários números de aprimorada orquestra, farta mesa de doces e champagne.” Na ocasião o mesmo fez um passeio pela cidade, visitando o “Gymnasio S. José”, acompanhado da banda “Euterpe S. Benedito”, conheceu ainda o Seminário de Nossa Senhora Auxiliadora, a Escola Profissional, o Quartel do 8º. Regimento, a Escola Normal das Irmãs Dorotéias, Catedral, Hospital Regional, Fórum e o Grupo Escolar. Além disso, realizou-se na sede do Club Recreativo um banquete, e após o mesmo esta autoridade embarcou com destino as cidades de Ouro Fino e Borda da Matta¹⁸⁴.

Percebe-se o esforço da elite política da cidade em estabelecer um roteiro para a visita dessa autoridade, passando por clubes, escolas e igrejas, demonstrando ao mesmo a infraestrutura da cidade e seu potencial econômico. Aqui assistimos também a participação das elites por ocasião dessa excursão pela cidade, na presença de bandas e de bebida, demonstrando novamente o lugar de pertencimento de cada grupo da sociedade local. Durante esses momentos de comemorações e festejos, ao povo cabia se aglomerar nos espaços públicos, como estação ferroviária, ruas e praças e dessa forma vivenciarem e participarem do evento. Aos demais membro da sociedade local cabia a participação em locais mais fechados e restritos, divertindo-se com toda a pompa e características próprias, como clubes, instituições escolares e religiosas.

Dentro de um contexto de transformações e mudanças, as cidades do sul de Minas sofriam modificações em seu traçado e ruas, na construção de prédios comerciais e projetos nesse sentido e por ocasião de emancipação política das localidades. Realizar algum festejo ou comemoração em torno desses acontecimentos tinham forte caráter simbólico e levava multidões a testemunhar e participar desses momentos que também eram divertidos. Seja como, por exemplo, em localidades da região que alcançavam outro status político, onde “[...] precedido de uma banda de música e fazendo subir ao ar considerável número de foguetes, vieram até ali dar a grata nova de ter a câmara municipal da Cristina por ato da véspera, elevado as Águas de S. Lourenço à categoria

¹⁸⁴ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 02 abr. 1927, p.01.

de distrito de paz.” Os periódicos aproveitavam para relatar em ocasiões como essa a reação dos populares que “justamente satisfeita com a agradável notícia, a população das Águas de S. Lourenço recebeu com o maior entusiasmo e o mais expansivo contentamento os seus visitantes, cidadãos da vizinha freguesia do Carmo [...]”, e também destacar que “Foram feitos significativos brindes aos fundadores do lugar e propugnadores de seu engrandecimento, à empresa das Águas, ao povo do Carmo e a comarca da Cristina, reinando grande e geral alegria.” Registrava-se ainda nessas ocasiões que “Em todas as casas de moradores do lugar repetiram-se as saudações, discursos e manifestações de geral contentamento.”¹⁸⁵

Tais eventos eram motivos para se comemorar e quebrar a rotina de sua população como podemos ver na nota citada acima, onde estavam presentes elementos próprios e constitutivos dos eventos desse tipo na região: as bandas de música, foguetes e claro, a população se aglomerando em torno do evento. Vemos ainda a preocupação em serem homenageadas algumas autoridades e membros da sociedade local, que parecem ter contribuído com a promoção da localidade a categoria de distrito.

Na cidade de Campanha, vemos também a participação popular e suas aspirações, ao se noticiar que os “Srs. capitão Manoel Ayres da Gama Bastos” e “tenente Frederico Cavalcante de Albuquerque” tiveram a ideia de “ajardinar o largo das Dores da cidade, fechando-o com grade de ferro e preparando dentro acomodações para a banda de música do regimento da cavalaria que se estacionará na cidade” e proporcionará a população “horas de agradável diversão”. Ressalta-se a importância da iniciativa dos mesmos, o acolhimento do povo campanhense e a importância de que as autoridades políticas da cidade também apoiem a iniciativa “[...] que uma vez realizada, concorrerá poderosamente para melhorar as condições de nossa terra, onde falta na verdade um centro onde se possam reunir as famílias nas formosas tardes e belas noites, tão frequentes e agradáveis em nosso benigno e puro clima. [...]”¹⁸⁶. Nota-se aqui a preocupação do periódico em divulgar espaços e eventos onde a população da cidade pudesse se divertir e se encontrar e ainda vemos a iniciativa de outras autoridades da cidade preocupando-se com a infraestrutura da mesma e em oportunizar sua população momentos de distração e diversão. O periódico além de elogiar tal atitude, reivindica mais espaços com essa finalidade, cumprindo mais uma vez ai seu papel de divulgador e

¹⁸⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 14 jul. 1894, p.02.

¹⁸⁶ Ibidem, 1894, p.02.

de reivindicação junto ao poder público, papel este comumente assumido pelo periódico citado, como já visto em outras ocasiões aqui destacadas.

Outros acontecimentos no período foram motivos para as pessoas saírem de suas casas, darem uma pausa nas horas de trabalho, afazeres domésticos e estudos para se divertirem com os mesmos, como a chegada à localidade de “Conceição de Ouros” do padre “Benedito Salomon” para assumir a paróquia, onde pessoas de *todas as classes*, das casas de particulares e comerciais, puderam comparecer¹⁸⁷; ou ainda, na ocasião do anúncio sobre a inauguração de um “Gymnásio” na cidade de Campanha, “[...] fazendo subir aos ares grande número de foguetes, e, reunindo-se sem demora cidadãos de todas as classes, percorreram alegres as ruas da cidade, iluminando-se numerosas casas e manifestando toda população o contentamento que a dominava.”, e que contou também com uma banda de música de alunos da Escola Normal da cidade¹⁸⁸; ou sobre uma festa realizada para inaugurar mais uma “máquina de beneficiar café”, com a presença de religiosos e outros convidados.¹⁸⁹; e também, quando um periódico cita ter sido convidado por alguns senhores da cidade de “S. João Nepomuceno” para assistirem aos festejos “[...] em homenagem ao triunfo alcançado pelo governo contra a esquadra revoltada”¹⁹⁰.

Pelas notas citadas acima percebemos uma agitação cultural na região num período que se estende do ano de 1893 até o ano de 1927, onde verificamos muitos elementos presentes em festejos comumente realizados nas localidades aqui citadas. Destaca-se o fato de algumas notas realçarem a presença de pessoas de classes diferentes por ocasião dos eventos relatados, demonstrando que muitas vezes as pessoas se misturavam por alguns instantes e se socializavam, seja em virtude de uma pessoa, fato político ou mesmo uma “máquina de moer café”.

Os festejos em torno das autoridades eram instrumentos importantes de suas elites na tentativa de impressionar essas autoridades e trazer políticas que contribuíssem com o progresso da região. Realizavam-se assim, comemorações que utilizavam-se de inúmeros instrumentos de entretenimento, mas que também deixava claro quem eram as elites, as autoridades e a população, sendo um local claro de surgimento de diferenças de classes mesmo que em torno de um mesmo espaço. Logo, interrompia-se a rotina de

¹⁸⁷ Semana Religiosa , Pouso Alegre, 29 jan. 1927, p.02.

¹⁸⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 21 mai. 1893,p.02.

¹⁸⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 18 mar. 1894, p.03.

¹⁹⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 20 mai. 1894, p.02.

seus cidadãos, buscava-se atingir um grande número de pessoas em torno desses eventos para garantir sua importância e significado e, nesse cenário, a população usufruía e se divertia ao seu modo.

As elites e políticos das cidades do sul de Minas viam a oportunidade de alcançarem o progresso tão almejado por eles também através da realização de eventos festivos que demonstrassem sua riqueza e civilização. Como nos esclarece Gambi *et al*:

Apesar dessa mentalidade hipotética de vida de pequena cidade, as condições para a expansão da produção capitalista vão se formando no sul de Minas: as cidades entre o final do XIX e início do XX começam a se dotar da infraestrutura que garantirá seu predomínio sobre o mundo rural. Concretamente, não é possível dissociar o crescimento da população na região das transformações decorrentes da transição para o século XX (GAMBI *et al.*, 2012, p. 11).

Percebe-se com as notas aqui citadas que as cidades buscavam se adaptar as mudanças do período e os divertimentos seguiam esse ritmo frenético e variado, mas também de acordo com as características de cada localidade. Desse modo, é que nessa nova urbe onde o lazer caracteriza-se como um fenômeno urbano, herdeiro direto da organização e crescimento das cidades modernas, que os momentos de diversão vão consolidar-se de acordo com a nova organização dos tempos, um dos elementos que vai definir o status das diferentes classes sociais que se estruturam, onde as ideias de espetáculos e consumo vão ser determinantes para a configuração do nosso modo de viver (MELO, 2010).

Permitir e propiciar a população das cidades uma gama de atos e fatos era importante para o fortalecimento das elites e seus projetos, e os momentos de festejos foram uma ótima oportunidade, através dos discursos e homenagens as autoridades, serem reconhecidas e se consolidarem na vida das pessoas alguns dos projetos almejados. Os festejos eram oportunidade também de se ampliar discursos e normas de conduta de um povo que crescia em número e em desejos. Nesse sentido, é importante compreender ainda, como nos esclarece Vilhena:

O projeto formador não se restringia, assim, ao plano material da cidade, ou ao plano da educação formal. A nova ordem se manifestava no campo social como um todo, nas diferentes esferas, e entre elas, o lazer dos habitantes, conformando novos padrões de comportamento e novas formas de sociabilidade modernas e civilizadas (VILHENA, 2008, p.40).

Percebe-se com os relatos dos periódicos citados envolvendo fatos e pessoas, que a vida divertida das cidades e sua população foram algo regular e de certo modo divulgado nas páginas dos jornais do período. Logo, parece claro que os instantes de diversão sempre foram de grande importância para a sociedade, mesmo que com diferenças de consideração, de acordo com as peculiaridades de cada momento, bem como de cada espaço (Melo, 2010). Foi assim que entre inúmeros fatos e acontecimentos registrados nas páginas dos jornais da região aqui pesquisados, assistimos há alguns momentos de diversão e lazer de sua população, o que nos revela o valor e significado dos mesmos principalmente para a imprensa e as elites, uma vez que mesmo citando a presença da população nesses eventos, o mesmo ocorria a partir da ótica dos periódicos. A população que habitava o sul de Minas pode estar presente nessas ocasiões, cuja participação foi retratada de forma onde se ocultava mais detalhadamente seu comportamento e reações diversas frutos de aglomerações do tipo.

Cabe destacar também que era muito corriqueiro a presença de bandas de músicas na ocasião dos eventos e divertimentos naquele tempo e os jornais também deram destaque as mesmas quando se apresentavam por ocasião não apenas dos festejos religiosos já citados anteriormente, mas também durante a inauguração de algum estabelecimento ou mesmo na passagem por autoridades e personalidades nas cidades. As corporações musicais, como eram também denominadas as bandas da época, realizavam apresentações com alguma regularidade nesses eventos, demonstrando seu prestígio e apelo popular. Além disso, algumas delas estavam dispostas “[...] funcionar em todos os atos, quer sacros, quer profanos, aceitando contratos mesmo para a fora da sede”¹⁹¹.

Assim, as bandas fizeram também parte da vida cultural e divertida das pessoas da região, tendo suas performances e passagens pelas localidades sido divulgadas com certa regularidade nas páginas dos periódicos. Isso reforça a ideia de uma diversão também voltado para multidões e que buscava entretê-las em virtude de algum acontecimento ou comemoração, num período em que a região e suas localidades passavam por transformações na sua economia e política. É nesse sentido que para Melo (2010), no final do século XIX, o lazer irá definir-se, dentro de uma sociedade de

¹⁹¹ A Verdade, Itajubá, 19 out. 1895, p.02.

espetáculo¹⁹², como um fenômeno de massa e deve ser entendido no projeto de consolidação da cidade moderna, como estratégia de adequação e controle e como disputa e resistência. As notas dos jornais dão um tom nesse sentido, quando divulgavam com algum destaque os eventos aqui citados e a presença de bandas de músicas nos eventos que aconteceram no período, entretanto os conteúdos dos mesmos não nos permite comentar como as pessoas se portavam em razão de sua participação nessas ocasiões, se ocorriam ou não conflitos ou tensões de alguma forma, mas ressaltavam que o clima de alegria e empolgação estavam presentes.

3.2 O Entrudo e o Carnaval

No período de transição entre os séculos XIX e século XX, o entrudo e o carnaval retrataram também o momento vivido na região sul mineira. Entretanto, de acordo com Araújo:

O Carnaval, recebido com entusiasmo e aplaudido por parte da sociedade, não se estabelece plenamente desde o início e mantém-se em competição com o antigo costume do Entrudo, ainda muito arraigado à cultura. Durante boa parte da segunda metade do século XIX, o Carnaval sofreu a concorrência do antigo divertimento, sendo com frequência preterido por grande parte da população, que preferia divertir-se jogando Entrudo (ARAÚJO, 2000, p.32).

Em Itajubá seus periódicos deram muito destaque ao carnaval, ilustrando com certa regularidade em suas páginas como as pessoas daquele tempo se divertiam e se alegravam nesses dias. Nos festejos carnavalescos na cidade havia a presença de blocos como “as sociedades Typos da Atualidade e Grupo Unido” que realizavam “os passeios de costume, nos três dias, com os bandos a cavalo, tendo a frente cada uma a sua banda musical.” Além disso, dentre esses grupos, destaca-se alguns bem descontraídos e que faziam alguma crítica social como um “grupo de três máscaras, a cavalo, que, nos dois primeiros dias, deram sorte como , ‘kneippistas’ e como ‘mudos’, (de rolha na boca) crítica esta bem cabida e melhor aplicada aqueles que falam muito da

¹⁹² Cabe destacar que o termo aqui utilizado pelo autor pode ser melhor compreendido nos estudos de Guy Debord (1931-1994), em seu livro intitulado de “A Sociedade do Espetáculo” que cita o termo só a partir da década de 1960. Para saber mais ver: Debord, Guy(1931-1994). A sociedade do espetáculo. In. [www.ebooksbrasil.com/eLibris/sociedade do espetaculo.html](http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/sociedade_do_espetaculo.html).

vida alheia e não cuidam de reprimir os próprios defeitos”¹⁹³. Aqui nota-se a introdução da crítica social e a presença de grupos carnavalescos estruturados na cidade, retratando um costume e divertimento já há algum tempo acontecendo na cidade. É interessante notar com esta nota o tom de humor e crítica social comumente associado aos dias de folia, como acontece nos dias atuais, fazendo compreender o mesmo enquanto ato permeado por aspecto de diversão e também de contestação.

Nesta cidade havia ainda a presença das “sociedades carnavalescas”, muito apreciadas na ocasião, como “Os ‘typos da atualidade’- um brilhante prestito- a ‘Estudantina’- formado de cavalheiros e damas, vestidos a caráter e cantando a ‘Bella Florinda’ e outros trechos de músicas deleitáveis”¹⁹⁴. Vemos a citação de músicas do período que animavam a folia e um empenho das pessoas na organização e vestimenta dos participantes dos desfiles de carnaval na cidade que, possivelmente, contavam também com a participação de outras pessoas presentes durante esses desfiles, assistindo aos mesmos. Além disso, os “grupos de mascarados”, como os denominados de “Typos”, realizavam noites dançantes, não faltando ainda, nessas ocasiões os tradicionais “[...] Zé Pereiras barulhentos, por ambas as sociedades, com música, cantorias, etc.”. Segundo o periódico, essas organizações também se reuniam no “Teatro S. Cecília” da cidade, além de noticiarem que era comum também que algumas ruas fossem enfeitadas e diversas casas estarem iluminadas¹⁹⁵. O destaque dado as sociedades carnavalescas, demonstrando de certo modo que as mesmas tinham certo prestígio e apelo popular, e também a ornamentação das ruas, revelam um envolvimento da população e possivelmente do poder público nesses dias de festejos. Estão muito presentes aí elementos característicos desse divertimento como as mascaras e a música animando os foliões da cidade.

Percebe-se aqui um envolvimento da população e também de grupos carnavalescos durante esses dias de folia isso porque tanto no Carnaval, como no Entrudo, era indispensável a preparação para os folguedos, que poderia começar com semanas de antecedência e, com este intuito, eram organizadas “comissões” pelas sociedades carnavalescas e, na ausência destas, por grupos da população¹⁹⁶. De acordo

¹⁹³ A Verdade, Itajubá, 22 fev. 1896, p.03.

¹⁹⁴ Ibidem, 1896, p.03.

¹⁹⁵ A Verdade, Itajubá, 22 fev. 1896, p.03.

¹⁹⁶ ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças Populares: Festejos de Entrudo e Carnaval em Minas Gerais no século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000. p. 158.

com a nota citada anteriormente é possível imaginarmos a necessidade de uma preparação anterior em virtude da ornamentação dessas sociedades e também das ruas da cidade.

A presença dessas duas maneiras de se comemorar esses dias festivos, o carnaval e também o entrudo¹⁹⁷, ainda eram frequentes e conviviam lado a lado, se mesclando na forma das pessoas brincarem e se divertirem, e os periódicos costumavam descrever as características de ambas. Um periódico da cidade de Itajubá comenta que mesmo pelas “dificuldades orçamentárias”, os festejos ocorriam “Ainda assim, no jogo de confetes, serpentinas e bisnagas (e até limões e alguns cântaros d’água, o que destoa da boa ordem que deve ser proferidas em tais divertimentos) não houve poupança e nem o câmbio influenciou [...]” As pessoas presentes se divertiam nessas ocasiões, onde era “lindo ver-se as moças, e mesmo as velhas, cobertas de estrelinhas multicores, empenhadas nessas batalhas floridas contra o sexo forte, que em vão procura vencê-las [...] os confetes e as serpentinas trouxeram grande realce as festas carnavalescas, constituindo uma distração aprazível e que não tem os inconvenientes das bisnagas, dos limões, às vezes mal cheirosos, e das molhadelas, de que resultam quase sempre mas consequências”¹⁹⁸.

Entretanto, apesar da convivência desses dois festejos num mesmo espaço e período, havia as tensões e desavenças em torno do entrudo, como a nota acima deixa claro. Além disso, vemos que apesar dos custos com tais divertimentos naquele período, ressalta-se que o envolvimento das pessoas presentes foi grande e animado, destacando ainda “que isso deveria estar em primeiro lugar”. As tensões estão presentes quando o periódico ressalta que se deveriam evitar as brincadeiras com os limões, que eram ainda usados nas “batalhas”, mas condenados por alguns, como esse mesmo periódico frisa, ao preferirem as batalhas de confetes. A tensão entre essas duas formas de se divertir nesses dias iriam estar presentes por algum tempo, uma vez que as mesmas faziam parte dos festejos naquele período e com grande participação popular, disputando a preferência dos foliões.

¹⁹⁷ Essa forma de brincar o carnaval, originária da tradição portuguesa e introduzida no Brasil desde os tempos coloniais, que se diferenciava de outras formas europeias, como, por exemplo, a de Veneza, com o tempo foi sendo considerada não muito civilizada, e sofria restrições. (SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. In. Rev. Bras. Hist. vol.24 no.48. São Paulo, 2004. Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200014&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em 29 out. 2016.

¹⁹⁸ A Verdade, Itajubá, 22 fev. 1896, p.03.

O entrudo, enquanto uma brincadeira que consistia em molhar os adversários com limões de cheiro ou outros líquidos perfumados ou não, durante os cortejos pelas ruas, parecia não agradar a todos, como noticiava a imprensa na época ao criticar tal brincadeira. “Os confetes e as serpentinas constituíam uma distração aprazível e que não tinham os inconvenientes das bisnagas, dos limões, às vezes mal cheirosos, e das molhadelas, que resultavam quase sempre em más consequências”¹⁹⁹. Aqui, percebe-se que a tensão estava presente entre esses dois modos de brincar nos dias de folia, revelando que os participantes dessas brincadeiras se dividiam e se alternavam com as mesmas, mas que de certo modo, conviviam e competiam pelo mesmo espaço e atenção nos dias de folia.

Havia toda uma preparação e organização nesses dias, com a utilização de mascaras, confetes, serpentinas, estalos e vários produtos por ocasião e preparação para os dias de carnaval e vendidos pelos estabelecimentos comerciais das cidades²⁰⁰. Na cidade de Campanha havia referências a esses adereços e também aos festejos do entrudo e carnaval na cidade, como ao comentarem a não realização do mesmo em virtude dos acontecimentos políticos ocorrido no ano de 1892²⁰¹. Devido a conjuntura política “por ordem do Chefe de Polícia” foram proibidos “o carnaval e o entrudo” e solicitado aos cidadãos a se “absterem-se desses divertimentos a bem da ordem e tranquilidade pública no quadro anormal que atravessamos”²⁰².

Pode-se notar a presença já a algum tempo do entrudo e do carnaval nos dias de folia da cidade, sendo a exceção naquele ano em virtude dos acontecimentos políticos. Obviamente podemos supor que tal fato de grande repercussão política para a região deve ter modificado a rotina da cidade, mas nesse periódico não foi encontrada outra nota comentando se a população respeitou ou não essa determinação. Entretanto, podemos supor que isso deve ter ocorrido uma vez que na ocasião a cidade foi palco de um movimento separatista, que reivindicava maiores recursos para a região e uma independência também política, sendo que o periódico citado existiu em função desse momento. De qualquer modo, com esta nota percebe-se que na cidade também

¹⁹⁹ A Verdade, Itajubá, 22 fev. 1896, p.03.

²⁰⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 01 fev. 1896, p.03.

²⁰¹ Vale observar que, em Campanha, a difusão das ideias separatistas pela imprensa ocorria concomitantemente ao debate parlamentar. Naquela época, a cidade era a principal localidade propagadora das ideias separatistas. Para saber mais ver: CASTRO, Pérola Maria Goldfeder. Imprensa Política e Separatismo no Sul de Minas Gerais, Século XIX. In. E-Hum, Belo Horizonte, vol.3, n.1, 2010. 17 p.

²⁰² Minas do Sul, Campanha, 27 fev. 1892, p.04.

conviviam no mesmo tempo e espaço, o entrudo e o carnaval, animando os dias de folia na cidade.

Um jornal da cidade de Pouso Alegre também divulga os dias de folia na localidade vizinha de Borda da Mata, que “[...] esteve este ano mais animado, tendo havido curso e batalha de confetes realizadas no Largo da Matriz [...]” Também há descrições dos participantes e como foram os dias de folia, onde “As moças cantavam em seus carros enfeitados e os moços montavam cavalos ajaezados. Notou-se respeito nesses folguedos e nos bailes, segundo informam, nenhuma dança indecorosa.” Além disso, há referências sobre alguns aspectos e momentos próprios do lugar nesses dias de folia, como a realização de um “Minuto dos Pobres”, realizado em um baile, “no salão do Borda Cinema e no Cinema antigo”, que foi divulgado com antecedência com anúncios pela “Villa” e que a todos “fez ciente de sua realização e significação[...]” Na ocasião foi feita a “apresentação da lista de subscrições feita por uma das rainhas da festa, auxiliada por um tesoureiro antecipadamente designado. As somas das subscrição do ‘Minuto dos Pobres’ se eleva a mais de 900\$000 e será entregue a ‘Conferência de S. Vicente de Paulo’, que atualmente está trabalhando para a construção da Villa Vicentina”²⁰³.

Observa-se aqui uma localidade muito envolvida e animada com os dias de folia, apresentando também características próprias dessa comemoração, como batalha de confetes, bandas de música e bailes. Percebe-se ainda uma preocupação em manter um certo controle sobre esses dias de diversão, reforçando que os participantes dançaram e brincaram sem haver desrespeito ou danças indecentes, reforçando assim um caráter de controle e ordenamento social buscado pelo periódico. Podemos supor que na ocasião as pessoas desempenhavam papéis de forma espontânea ou não, demonstrando ser um festejo que envolvia tanto aquelas pessoas que seriam os espectadores do divertimento, que acompanhavam a passagem dos “préstitos”, quanto aquelas que se apresentavam, os “atores do espetáculo” (Araújo, 2000). Além disso, assistimos a mais um evento onde as pessoas da localidade contribuem com doações para alguma obra assistencial, revelando ser, no caso da nota, um momento onde a elite da cidade reunida em espaço específico também pôde se divertir num baile e ainda praticarem alguma ação assistencialista. Se mesclam num mesmo espaço e evento dois

²⁰³ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 12 mar. 1927, p.03.

aspectos muito peculiares na vida de alguns segmentos sociais, a festa e a ação social, dando a esse festejo um caráter múltiplo e variado em suas possibilidades e objetivos.

Outro jornal da cidade de Pouso Alegre, no mesmo ano comenta sobre os preparativos para os bailes nas noites de carnaval no “Club” da cidade, “[...] os quais prometem grande animação, já tendo chegado copioso sortido de lança-perfumes, serpentinas”, lembrando que era “permitido o uso de fantasias, mas não de máscaras”²⁰⁴. Nota-se aqui como os periódicos da cidade tentam estabelecer certo controle nesses dias de folia, mas sem deixar de divulgar o festejo, os acessórios comumente utilizados durante os mesmos e a animação e participação que são características dos dias de folia. Aqui conclama todos a participarem e ao mesmo tempo estabelecem limites, revelando ser também esses dias de festejos na cidade permeado por tensões e contradições.

Isso acontecia algumas vezes também por ocasião dos desfiles dos blocos pelas cidades, levando humor e crítica social, quando os mesmos eram divulgados nas páginas dos periódicos. Um jornal da cidade de Itajubá citando um fato nesse sentido, comenta sobre um dos grupos carnavalescos, que da “caverna” do mesmo saíram ainda um navio tripulado por marujos e no último dia um bando de pescador acompanhado de banda de música, que percorreu toda a cidade, “[...]associando-se a passeata, alguns pândegos com uns chafarizes, alusão crítica ao abastecimento d’água potável em projeto, e que, para o ano futuro, como há muito boas esperanças, deixará de ser problemático para ser uma realidade”²⁰⁵. Mais uma vez elementos próprios desse divertimento, como blocos e pessoas fantasiadas, se mesclam com a oportunidade de se fazer alguma crítica ou denúncia sobre os problemas próprios da cidade, demonstrando ser esses dias de folia permeados por objetivos e formas diversas de se aproveitar os mesmos, mas também com humor e animação. Percebemos o quanto festejos como esse caminham junto com as características do cotidiano das pessoas, sem desvincular-se do mesmo. Logo, podemos compreender como nos esclarece Araújo:

A experiência festiva não foi concebida como um momento no qual cotidiano e festejos estariam irremediavelmente separados. O momento festivo é concebido como “diferente” da vida cotidiana, comportando conflitos, tensões, subversões, violência, ameaças, mas, certamente não como dois universos autônomos e sem nenhuma interação (ARAÚJO, 2000, p.187).

²⁰⁴ Gazeta de Pouso Alegre, Pouso Alegre, 13 fev. 1927, p.01.

²⁰⁵ A Verdade, Itajubá, 22 fev. 1896, p.03.

Esse aspecto diverso e contraditório esteve presente durante esses festejos em algumas localidades aqui pesquisadas e viravam notícia nas páginas de seus periódicos, como na cidade de Itajubá, onde o carnaval era muito comentado nas páginas dos seus jornais, com grande descrição e destaque. Um de seus periódicos, ao destacar que o carnaval “transcorreu animadíssimo em nossa cidade”, comenta que “os confetes, lança-perfumes e serpentina consumidos atingem a quantia jamais alcançada nesses folguedos.” Ao ressaltar que “nunca vimos tanta animação nos dias de carnaval aqui, como neste ano!”, comenta sobre o Momo e o transcorrer da festa salientando que “[...] nunca supusemos que os festejos ao deus da pandega chegassem a tal ponto. Domingo, primeiro dos três celebres dias, à tarde, era de ver-se a alegria que dominava todos os corações isentos do tédio e da tristeza”. O periódico aproveita para descrever onde e como transcorreu os festejos, citando que “na praça do jardim e nas ruas centrais, a todo instante, passavam carros, caminhões e autos, vergados ao peso da carga de foliões que, de máscaras, fantasias e narizes postiços, faziam uma algazarra própria desse folguedo, ou entoavam provocantes hinos e sambas carnavalescos[...]”. Vale destacar ainda que “os nossos foliões, a despeito da vida cara como está, timbravam em aliviar a dificuldade da existência dessa forma, provando, mais uma vez, que ‘tristezas não pagam dívidas’”²⁰⁶.

Além da animação própria desses dias de folia, ainda sobre a cidade de Itajubá, há destaque também sobre os blocos e deslocamentos dos mesmos, partindo dos clubes pelas ruas “com bem adornados carros de fina crítica”, sendo que os blocos “Democráticos Carnavalescos e Quem fala de nós tem paixão, muito contribuíram também para o brilho dos festejos deste ano, espalhando, todas as noites, muita alegria pelas ruas da cidade, com seus hinos e sambas, cuidadosamente ensaiados”. Além disso, parecia ser comum a folia se prolongar pela noite, uma vez que “os bailes que seguiram todas as noites, após os corsos, no Club Literário, tiveram uma animação fora do comum, em crescente alegria. Também nas sedes dos blocos as danças estiveram animadíssimas”²⁰⁷.

Percebemos a animação dos foliões e a presença dos elementos e acessórios muito utilizados nos dias de folia também nesta cidade, os quais geraram lucro para aqueles que vendiam os mesmos. Temos os blocos animando a folia e uma população

²⁰⁶ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.02.

²⁰⁷ Ibidem, 1924, p.02.

presente durante o cortejo desses blocos pelas ruas da cidade, em seus automóveis e com suas fantasias. Os momentos de tensão estiveram presentes por ocasião dos hinos que eram cantados pelos blocos, revelando que a diversão não está separada da rivalidade ou da crítica social, os quais são aspectos que naquele tempo também disputavam a atenção e o mesmo espaço. Além disso, podemos perceber que haviam aqueles que brincavam e se divertiam com a passagem dos blocos e suas bandas, e também aqueles que se divertiam nas sedes dos mesmos ou nos clubes da cidade. Aqui nota-se características próprias do carnaval que até hoje estão presentes: a folia nas ruas, que a maioria da população teria mais acesso e outros espaços de folia onde grupos e segmentos sociais semelhantes se encontravam e se divertiam, como no caso da nota, seriam a sedes dos blocos e os clubes.

Além dos aspectos acima citados sobre a folia na cidade de Itajubá, há referências sobre os lucros com os festejos que “Atingiu a 40;000\$000, mais ou menos, a importância da renda proveniente de artigos carnavalescos nesta terra.” Chegam a comentar que um dos proprietários da “Casa Liberty”, disse que “em nenhum outro ano conseguiu vender tanto, tendo sido consumido todo seu estoque. Sobre o carnaval daquele ano, ressalta-se que “Foi[...] um carnaval importante o que se fez nesta cidade, o que prova bem o ótimo estado financeiro dos nossos habitantes[...]”²⁰⁸. É interessante notar que mesmo com dificuldades financeiras, as pessoas não pouparam esforços para participar dos dias de folia, nos permitindo entender que alguns de seus habitantes mesmo assim tinham uma boa condição financeira. Com essa contradição apontada pelo periódico, percebemos como os dias de folia também eram usados como momento de esquecer dos problemas e dificuldades, próprio de periódicos interessados em divulgar a festa e os benefícios financeiros obtidos por conta da mesma, mesmo em virtude das dificuldades que alguns moradores poderiam estar passando.

Esse caráter diverso e participativo citado acima demonstra uma iniciativa da população, elite e comerciantes da cidade em tomarem parte dos festejos e seus momentos de diversão e, também, comemorem os lucros propiciados com os dias de folia. Desse modo, cada segmento participava e se beneficiava ao seu modo, de acordo com suas posses e interesses. Entretanto, demonstra também uma cidade envolvida em torno de dias de contentamento e diversão que também marcaram a cultura e modo de

²⁰⁸ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.02.

ser daquela gente e valor dado pelas mesmas a esse festejo, mesmo em situações de dificuldades ou falta de recursos.

Cabe aqui salientar que semelhantes aos dias atuais, era comum durante esses divertimentos as pessoas demonstrarem não apenas contentamento, mas também seu descontentamento com as dificuldades pelas quais estavam passando, como aquelas relativas a emprego, moradia, infraestrutura, problemas típicos de cidades que cresciam em número de habitantes, estabelecimentos comerciais e território. Por isso mesmo, eram um lugar onde as tensões, a crítica social e a alegria coabitavam um mesmo espaço e tempo, gerando sociabilidades e afirmação do pertencimento de cada um naquela sociedade que se estruturava.

Os jornais aqui pesquisados deram destaque em suas páginas as brincadeiras e bailes por ocasião desses dias de folia, demonstrando seu interesse em também divulgar esse divertimento e sua presença na vida cultural das localidades, onde a população que compunham a região sul de Minas também tinham nas folias de carnaval um momento de diversão e socialização. Sejam nas ruas, praças ou clubes, as pessoas tinham a oportunidade de dançarem e se divertirem ao som de bandas e nas brincadeiras próprias desse festejo popular e também das elites. Os dias de folia representavam momentos festivos, utilizando-se de desfiles de blocos em carros pelas ruas das cidades, batalhas de confetes, alegorias e muita música.

Desse modo o entrudo e o carnaval se fundiam e ocorriam simultaneamente durante os dias de folia, mas com certa tensão e modificações durante os últimos anos do século XIX, principalmente. É nesse sentido que tal brincadeira foi sendo modificada, substituindo os limões de cheiro por confetes e serpentinas, como nas primeiras décadas do século XX, quando um jornal de Itajubá noticia que o carnaval foi animadíssimo na cidade e onde “os confetes, lança-perfumes e serpentinas atingem a quantia jamais alcançadas nesses folguedos”²⁰⁹. Assim, podemos compreender como nos lembra Araújo(2000) que:

O carnaval torna-se um divertimento popular, isto é, experiência social e cultural compartilhada pela sociedade mineira no final do século XIX, não significa restringir o festejo a uma possível homogeneidade. Sob a utilização de um nome comum, pelo uso de referenciais e estruturas compartilhados, revela-se uma multiplicidade de discursos, projetos, modos e formas de consumo e apropriação deste repertório cultural (ARAÚJO, 2000, p. 184).

²⁰⁹ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.02.

Nesse período de mudanças em algumas esferas da vida da população que habitava o sul mineiro, o carnaval foi ocupando pouco a pouco um lugar na preferência de seus habitantes e o entrudo parecia ter seus dias contados. Afinal, em virtude de se assumir novas posturas, as elites dessas localidades viram também nesses divertimentos uma maneira de concretizar seu projeto de modernidade e civilidade. Entretanto, como pudemos perceber, tais modificações nos dias de folia aconteceram muito lentamente, muitas vezes mesclando as características dos dois festejos, o entrudo e o carnaval, durante os bailes e desfiles carnavalescos daquele tempo. Esse controle e desejo de que tal divertimento não fugisse do esperado parecia ser uma preocupação muito maior de suas elites, clero e parte da imprensa, do que da população em geral, que parecia se divertir a sua maneira e construir um ritual com sentido e significados próprios.

Isso nos ajuda a explicar e compreender ainda, porque durante muito tempo e até os dias de hoje, convivem nem sempre harmônico, diversões tradicionais e modernas, que se influenciam, uma vez que as persistências mantêm os mesmos sentidos e significados de períodos anteriores da modernidade porque o fenômeno lazer é histórico como qualquer outro (MELO, 2010). Desse modo, pode-se notar que enquanto características e produção próprias de um povo e lugar, tais divertimentos, como as folias de carnaval, são carregados de significados e contradições, mas que dão pistas importantes no sentido de compreendermos seu valor e importância na formação da identidade daquelas pessoas.

O destaque dados aos divertimentos abordados neste capítulo objetivou aprofundar os mesmos e observar suas características e significado para as pessoas da época que então habitavam a região sul mineira. Entretanto, a pesquisa junto as fontes também apontaram outros elementos constitutivos da vida divertida daquela gente como a presença dos cinemas levando diversão e entretenimento através dos filmes em cartaz nas salas existentes em algumas cidades da região. Também um representante das inúmeras mudanças na vida cultural do período, foram encontradas referências a salas de cinema existentes nas cidades de Campanha, como o “Municipal Cinema”²¹⁰; em Itajubá havia o “Edson Cinema” e o “Bijou Salão”²¹¹; e em Pouso Alegre há citações

²¹⁰ Colombo, Campanha, 19 jun. 1920, p.02.

²¹¹ O Itajubá, Itajubá, 31 out. 1920, p.03.

sobre o “Iris Cinema”²¹² que animava a cidade com os filmes em cartaz no mesmo. As referências a estes estabelecimentos de diversão aparecem nas primeiras décadas do século XX, o que demonstrava o desejo das pessoas por novidades e o atrativo causadas nas mesmas quando da exibição de filmes nesses locais.

Além de citações sobre o cinema, enquanto um exemplo das mudanças culturais que então adentravam na vida daquela gente, temos a citação também da presença do “Fonógrafo”²¹³ na cidade de Campanha, oportunizando a alguns de seus cidadãos entretenimento e diversão junto a mais um modelo de modernidade e progresso²¹⁴. Esses elementos que também foram constitutivos da vida cultural e divertida das pessoas que então habitavam o sul de Minas, o cinema e o fonógrafo, não foram aqui aprofundados devido a opção tomada de investigar e analisar de forma mais apropriada os divertimentos já citados aqui, mas permitiu que os achados sobre esses dois elementos culturais possam ser aprofundados em outra oportunidade ou em futuros estudos que investiguem a importância e significado dos mesmos na vida divertida da população da região naquele tempo.

²¹² O Sulmineiro, Pouso Alegre, 25 abr. 1915, p.03.

²¹³ A “máquina falante” exibida com grande sensação, começou a circular em algumas cidades mineiras por volta de 1895. Ver: DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses**: espetáculo de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Orientador Alcir Lenharo. Tese (Doutorado em História)- Programa de Pós-graduação em História da Unicamp. Campinas, SP. 1993.

²¹⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 nov. 1894, p.03.

CAPÍTULO 4

DIVERTIMENTOS DO “SUBMUNDO”

Alguns divertimentos começavam a fazer parte da vida divertida das pessoas e outros disputavam também seu espaço e atenção na vida cultural que se desenvolvia na região. Os jogos, lícitos e ilícitos, a frequência nos bares, a vadiagem e vagabundagem, o meretrício e os problemas com as crianças abandonadas ou sozinhas pelas ruas das cidades, passaram também a fazer parte desse cenário. Obviamente, muito a contragosto de parte da elite e do clero que viam em alguns dessas pessoas e divertimentos uma afronta a moral e aos bons costumes, a religião e a uma conduta civilizada e almejada pelos ideais de progresso. Cientes disso ou não, o fato é que com esses divertimentos que aqui chamo de “divertimentos do submundo”, devido seu caráter subversivo e contraditório, as pessoas que habitavam a região também conviveram com os mesmos, cada um usufruindo-os e condenando-os a sua maneira.

4.1 O jogo e o caso das loterias

Alguns valores e normas também se originaram em virtude de serem implementados o projeto de progresso e modernidade perseguidos com afinco pelas elites políticas e econômicas que compunham esse mosaico denominado sul de Minas. A imprensa se constituía em grande parte das vezes sua porta voz, uma vez que, de acordo com Castro:

A prática discursiva jornalística esteve vinculada, desde seu surgimento e vulgarização, ao afã de fabricar-se o real com as aparências, ou seja, à narração verossímil e imparcial dos acontecimentos. Não obstante sua natureza informativa, os jornais estiveram sempre afinados com as transformações históricas de ordem política, econômica, social e tecnológica, tendo, por vezes, suas funções por elas alteradas (CASTRO, 2010, p.2).

Essa citação pode ser corroborada pela leitura dos periódicos da região que deixaram transparecer ora seus ideais e valores, ora aqueles da igreja e elites que compunham também os mesmos. Era muito difundido o “Amor ao trabalho”, que transmitia de certo modo o espírito daquele momento e o que se buscava em termos de conduta de seus cidadãos, uma vez que se alimentava a ideia que “De todas as venturas

que alegram a existência do homem e que de um modo verdadeiramente admirável passam de pais a filhos, tornando muitas vezes ditosas duas e mais gerações, as mais belas, as mais nobres e as mais duradouras são sem dúvida as que provêm do amor ao trabalho[...]. Essa nova configuração dada ao trabalho era importante e necessária naquele momento já que “Habitando-se ao trabalho, facilmente se afugentam as tristezas e todos os males que as acompanham, e, tornando-se amena a existência, vive-se contente e feliz [...]”²¹⁵.

Para se ver implementado os ideais pautados nesse desejo era preciso que as pessoas se ocupassem com o trabalho nas fábricas, construções e comércio local, contribuindo assim no crescimento e desenvolvimento da cidade e ainda na alegria e na existência humana, como deixa explicitado a nota acima. Tal pensamento estava de acordo com a conjuntura daquele momento, onde as cidades buscavam se desenvolver diante das demandas imposta pelo modelo econômico capitalista que dava seus primeiros passos e sinais de como o mesmo se configurava, modificando as relações de trabalho e produção de bens e serviços na sociedade da época. A cidade de Campanha assim como algumas das demais da região, começava a adquirir aspectos nesse sentido, não apenas pela chegada da ferrovia, mais a existência de estabelecimentos comerciais, como hotéis²¹⁶ e a chegada de fábricas na cidade. Na “Campanha industrial” há citação da inauguração de fábricas na cidade, “dando ao espírito do povo campanhense um impulso animado para novos empreendimentos industriais.”, alimentava-se o desejo de “mais algumas fábricas e oficinas para diversas misteres e tudo crer que desta boa orientação resultem iniciativas e empresas que venham em breve colaborar enérgica e eficazmente no progresso da Campanha e do sul de Minas”²¹⁷.

A chegada das fábricas trazia consigo as características de uma rotina de trabalho que iriam influenciar na vida de seus cidadãos e na dinâmica de seus divertimentos. Era uma vontade dos periódicos que mais projetos nesse sentido continuassem em andamento para o progresso da cidade e da região, mas que trariam mesmo sem o desejo desse jornal e suas elites, os dilemas e problemas também típicos desse processo de crescimento econômico, como aos poucos foi se constando pelo próprio periódico citado.

²¹⁵ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 04 jun. 1893, p.01.

²¹⁶ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 mai. 1894, p. 2; Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 jun. 1895, p.3.

²¹⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 out. 1893, p.01.

O jogo vai surgir como um contraponto e ameaça uma vez que afastava as pessoas das obrigações do trabalho e do que era considerado como comportamento esperado pelas elites da época. A nota citada anteriormente reflete o interesse de ver implantada nas mentes e na vida das pessoas a importância e valor atribuído àquele que, pelo trabalho, também ajudaria no crescimento e desenvolvimento da sociedade ideal. Um exemplo dessa preocupação com o jogo pode ser visto quando um jornal da cidade de Campanha, ao apoiar algumas “Providências moralizadoras”, faz elogio a ação do então chefe de polícia, Dr. Vieira de Mello, na repressão a vadiagem e ao vício do jogo, dizendo que “[...] são dois grandes males que muito embaraçam o progresso e a moralização dos povos inteligentes”. Além disso, acrescenta ainda que se todas as autoridades agissem assim “[...] seria sem dúvida muito diversa a situação de nossos concidadãos, das povoações mineiras, do Estado enfim, pois sobre tudo e sobre todos exerce sua miseranda e danosa influência o hábito detestável da vadiagem e o vício indigno do jogo, que dissipa a fortuna, que gasta as energias poderosas do espírito e que afinal termina por desbriar o homem [...]”²¹⁸.

Mesmo assim, a imprensa dizia compreender “a necessidade da diversão para o espírito que trabalha para a atividade que se esforça, para a inteligência fecunda [...]”, sendo compreensivo quando algumas pessoas utilizavam-se do jogo enquanto diversão, mas “que não se baseiam na ambição e que não são consequência de uma vida ociosa”. Logo, aqueles que assim agem “São úteis, moralizados, trabalhadores e dignos em tudo, e, não se escravizando ao vício, o dominam com a consciência de quem sabe que aquela diversão só pode ser tolerada quando escasseiam entretenimentos indispensáveis para as individualidades que se esforçam constante e resolutamente pela aquisição e conquista de glórias e bem estar, que honram os espíritos ativos e energéticos”²¹⁹.

Entretanto, para a imprensa da época “não é isso que buscam os viciosos, aos quais não seduzem os encantos que o cumprimento do dever traz as consciências honestas. Esses não dão valor ao tempo que perdem nem ao crédito moral que sacrificam na triste e ingrata vida do ócio e da jogatina”. E, desse modo, apoiava-se quando as autoridades policiais do Estado interferiam na prática do jogo, “animada no moralizador e humanitário desejo de reprimir energicamente os que se entregam a

²¹⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 17 jun.1894, p.01.

²¹⁹ Ibidem, 1894, p.01.

vadiagem e ao jogo, sentimo-nos contente e a aplaudimos com o mais sincero fervor [...] É indispensável que se mantenham sem tréguas a guerra contra o vício e a inércia de homens, que tanto podem contribuir para o progresso da pátria”²²⁰.

Vemos por um lado que a imprensa valorizava até certo modo e via como importante o ato de divertir-se com o jogo, dentro claro do significado atribuído por eles com fortes características compensatórias. Entretanto, condenava o mesmo quando gerava o vício e desperdício do tempo e dinheiro, uma visão que mesmo de certo modo contradizendo as palavras anteriores, tinha forte desejo de se controlar até onde se podia ir com a prática do jogo. Vemos alguns preceitos e conceitos sobre o divertir-se desde que de acordo com a moral e a produção para o trabalho em vista do progresso tão almejado, conceitos que se aproximam com o entendimento do lazer associado exclusivamente ao modo de produção que se desenvolvia, o sistema capitalista. Vemos ainda os usos dos termos “diversão” e “entretenimento”, aliados ao trabalho e justificados quando os mesmos estão de acordo com a produção e para o progresso. Quando esses divertimentos são exercidos, por exemplo, pelos vadios, nada contribuem nesse sentido e essa população de desocupados parecia ser grande na cidade naquele tempo, os quais também eram um dos frequentadores dos momentos em que o jogo estava presente. Percebe-se que a moralidade condenava determinadas práticas como o jogo, a prostituição e a embriaguez, que remetem aos prazeres, às pulsões, ao descontrole. Divertimentos que negam a racionalidade do trabalho, enfim, práticas que tocam e mobilizam os corpos por sua dimensão do prazer e do lúdico (SILVA, 2009).

Os jogos já vinham sendo regulamentados e objeto de preocupação das autoridades desde 1830, onde de acordo com Souza (2010), o artigo do Código Criminal desse ano, no capítulo dedicado a moral e aos bons costumes, cita que no Brasil não seria permitido ter casa pública de tavolagem²²¹, para jogos que forem proibidos pelas posturas das Câmaras Municipais, estabelecendo que o único jogo permitido em lugares públicos seria o bilhar. De acordo com esta autora, as penas pelo descumprimento desta lei seriam desde multas aos estabelecimentos e pessoas praticantes dos jogos proibidos, como também prisão.

²²⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 17 jun. 1894, p. 01.

²²¹ De acordo com o dicionário Michaelis, tem o mesmo sentido de tabulagem, antiga casa onde havia jogo de tabuleiro. Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=yVYPd>. Acesso em 09/02/2017.

Mesmo assim, a disseminação e apelo do jogo junto aos seus praticantes parecia não parava de crescer e continuou sendo motivo de controle e notas nas páginas dos jornais aqui pesquisados. O periódico da cidade de Campanha citado anteriormente, reforça esse controle, quando divulga que “O energético e distinto delegado de policia, Sr. capitão Lucas, esforça-se resolutamente para coibir os perniciosos hábitos do jogo, de bebidas alcoólicas e da vagabundagem, que é a consequência necessária daqueles vícios , e para este fim tem tomado medidas, que são muito dignas de aplauso”²²². Aqui vemos o jogo citado junto a outros elementos que conviviam no mesmo espaço como a vadiagem e o uso de bebidas, elementos comumente associado ao jogo e seu caráter maléfico atribuído pelo periódico, que mostra seu apoio a iniciativa das autoridades policiais no sentido de se combater seus malefícios. .

A dificuldade de controle e cerceamento há alguns jogos era grande por parte da polícia da época devido ao seu apelo e atrativo junto a população como um todo, principalmente aos homens e algumas crianças, como em Itajubá, ao se fazer uma crítica ao jogo do bicho, inclusive junto as crianças, dizendo que “Maior do que a peste branca, é o jogo sob todas as formas, principalmente o jogo de bicho. Rara hoje é a criança, que não dispende bons mil réis com esse ‘citucro’ quase sempre mantido por parasitas sociais.” O periódico também reforçava a ideia que era preciso combatê-lo, “como vem fazendo a policia, é uma necessidade inadiável, que merece aplausos gerais, de todos os homens de bem da cidade.”, uma vez que “Atualmente o jogo é feito muito a surdina, mas pelos mesmos que de início contra a ação energética, imparcial e sã, do sr. dr. Delegado de policia, que não recuou diante da lei em que se escuda.”²²³ Além disso, em virtude do que se perseguia enquanto ideal de civilização, “É uma vergonha para os nossos foros de civilizados esse comércio clandestino, que é a escola do furto, do roubo e do cinismo entre adultos e menores principalmente que não poupam as bolsas dos pais atordoando as mães noite e dia.” Solicitava-se que a população combatesse o jogo, já que também “deve repelir energicamente esses corsários da boa fé pública, ensinando seus filhos a malquerê-los e denunciá-los a polícia, para a completa higienização moral do nosso meio, onde há tanto trabalho lícito e só deve formar bons

²²² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 mai. 1894, p.01-02.

²²³ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.02.

cidadãos operários e não vagabundos destemidos para a nossa maior vergonha e avilhamento”²²⁴.

Aqui o periódico demonstra seu pensamento sobre esse divertimento e seu alcance inclusive junto às crianças da cidade, deixando transparecer que o mesmo era praticado com muito cuidado pelos seus adeptos para evitarem a repressão da polícia, mas que era mesmo assim, muito presente na vida daquelas pessoas. Aqui também vemos pistas de que o jogo do bicho era um dos mais praticados no momento. Além disso, o jornal aproveita e faz um apelo junto aos seus leitores que denunciem a prática do jogo, mais uma vez reforçando a importância do trabalho na vida das pessoas. Desse modo, como nos esclarece Vilhena:

Assim como a ociosidade se contrapunha à ordem, sendo classificada como delito de vadiagem, o ganho (ou a perda) com ocupações, consideradas desviantes, se antagonizava com a ética do trabalho que conduziriam o país ao progresso apregoado. E o jogo se incompatibilizava com os ordenamentos exigidos naquele momento. Ao reprimir essa prática, a imprensa compactuava com uma concepção moralista que creditava ao trabalho honesto a dignidade do homem (VILHENA, 2008,p.158).

Esse antagonismo carregado pelo jogo, em contraponto ao trabalho, sofria crítica da imprensa e controle do poder público, mas tinha um atrativo junto a algumas pessoas das cidades, inclusive as crianças, que eram constantemente citadas em virtude de muitas delas andarem “perambulando” pelas ruas de algumas cidades. Em Pouso Alegre a preocupação com a infância era frequente, já que alguns noticiavam que: “[...] Vemos crianças de 6 a 10 anos, não dizendo os de 15 a 20, frequentando vendas, cafés, cabarés e assistindo nos cinemas fitas inconvenientíssimas [...]”²²⁵. Verifica-se que algumas crianças circulavam sozinhas pelas ruas da cidade, muitas delas desacompanhadas dos pais ou responsáveis e frequentando locais considerados impróprios pelo periódico. Crianças que podendo estar frequentando a escola, ou não, também estariam a procura de diversão e encontrava as mesmas em ambientes variados e junto aos jogos praticados pelos adultos.

Proteger as crianças dos malefícios e vício do jogo foi uma preocupação constante nos periódicos, principalmente aquelas que estavam abandonadas e que pareciam transitar de forma corriqueira pelas ruas de algumas cidades, sem muito

²²⁴ Ibidem, 1924, p.02.

²²⁵ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 19 fev. 1927, p.02.

controle e cuidado. Essa mesma preocupação acontecia na cidade de Campanha, ressaltando que esse abandono dos meninos é culpa de “[...] quase a totalidade dos pais de família [...], o abandono em que deixam seus filhos nas ruas, nas igrejas e em todos os pontos de reuniões, incomodando a estranhos, faltando com o respeito a tudo e a todos[...]”. O periódico divulga ainda que os “meninos” “[...] vão sozinhos às igrejas, teatros e pontos de ajuntamento de povo(...) Os meninos mal criados de hoje serão necessariamente os maus cidadãos de amanhã, os viciosos, os turbulentos, os bêbados, os criminosos enfim.[...] Pensem nisto os pais e mães de família, que abandonam seus filhos nas ruas como animais sem dono”²²⁶. Mais uma vez destaca-se o número de crianças abandonadas na cidade e os problemas e vícios as quais estariam sujeitas as mesmas, dentre eles pode-se supor estava na sua participação nos jogos ilícitos.

Ao citarem o jogo do bicho como um dos praticados percebe-se que jogos dessa natureza ou outros como o jogo de cartas, eram condenados pelos periódicos e autoridades policiais e causa de muitos problemas como o endividamento de algumas pessoas. Em contrapartida, além da presença e certo apelo dos jogos de azar enquanto um divertimento ilícito na vida das pessoas que habitavam a região como já citado, havia também os jogos lícitos e que também eram presentes na vida divertida das mesmas. Esse era o caso das loterias, que de acordo com Silva:

Assim como outros jogos condenados pelo discurso moralizante do poder, a Loteria configurava-se como um jogo de sorte, no entanto, por ser uma proposição do governo, que recebia parte dos lucros, e por possuir regras claras e estabelecidas por lei, a mesma era tida como uma atividade legítima (SILVA, 2009, p.83).

Essa característica lícita assumida pelas loterias encontrava espaço nas páginas dos jornais, ora divulgando os números sorteados, ora ressaltando seu significado e história, como um periódico da cidade de Campanha quando relata a história das loterias dizendo que “não é de ontem que data a invenção das loterias; o seu nascimento perde-se na noite dos tempos [...]”²²⁷. Este periódico, comenta sobre alguns aspectos da loteria como a presença de autoridades intervindo na mesma e regulamentando sua prática, que pode ter ocorrido em virtude da adesão das pessoas a esse tipo de jogo, levando os governantes ao longo da história vislumbrarem o potencial de lucro do mesmo, além de permitir aos seus habitantes a prática de um divertimento

²²⁶ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 27 mai. 1894, p.01

²²⁷ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 jul. 1894, p. 01-02.

que parecia ser de fácil acesso. Vale destacar ainda, de acordo com o periódico de Campanha quando faz este relato sobre a história das loterias, que “o grande sucesso d’aquela loteria explica-se facilmente pelas garantias que oferece ao público”, ressaltando ainda que “podendo o favorecido da sorte, se não lhe agradar o objeto que lhe saiu, trocá-lo por outro de valor equivalente”²²⁸. Aqui vemos algumas pistas das características históricas desse jogo ao longo do tempo, o que nos permite compreendê-lo enquanto elemento constitutivo da sociedade.

Através das fontes aqui pesquisadas, tem-se uma noção de quando esse jogo ganhou status de lícito e permitido por lei na região. Segundo um jornal da cidade de Pouso Alegre, ao comentar sobre uma “Loteria de Itajubá” e citar sobre a “1ª extração da 1ª. Loteria (serie 1ª.), concedida pela lei mineira no. 3779 de 16 de agosto de 1889, para a cidade de Itajubá”, comenta que a solenidade de extração contou com a presença de autoridades e populares e a divulgação dos números sorteados e vencedores do prêmio. Na ocasião havia ainda a presença, dentre outros, do representante da firma “Clemente e Comp.”, concessionária da loteria, sendo sorteados três prêmios, além da imprensa que “interpretando os sentimentos das redações que representa e em nome da população, se congratulava com o município de Itajubá, por mais esse melhoramento local, saudando o seu progresso, aos concessionários das loterias, na pessoa de seu representante e a população do município [...]”²²⁹.

Percebemos que havia um interesse já há algum tempo de se legitimar a loteria em virtude de suas características que não parecia ameaçar os ideais de progresso e modernidade buscados pelas elites da época. Pelo contrário, pela nota e importância do ato citado, a cidade e sua população seriam muito beneficiadas por este empreendimento, contribuindo para o progresso da mesma. “A presença de autoridades e pessoas de todas as classes” enfatizadas pelo jornal, só atesta o fato do poder público ver nas loterias sua importância e alcance junto as pessoas que arriscavam a sorte em seus números, além dos lucros propiciado pela mesma. Um lucro não apenas do poder público, mas também através da exploração comercial e privada, ao vermos citada uma firma concessionária da loteria. Tal evento regulamentando a loteria na cidade de Itajubá e noticiado por um periódico de outra cidade, demonstra o interesse de divulgar o feito e em legitimar o jogo das loterias.

²²⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 jul. 1894, p.01-02.

²²⁹ Pátria, Pouso Alegre, 04 jul.1897, p.01-02.

Ao contrário do que acontecia com jogos ilícitos, via-se nas loterias e sua regulamentação um importante meio de recursos para empresas, o Estado ou município. Desse modo, para Silva :

Paralelamente a toda polêmica e proibição envolvendo os jogos chamados ilícitos, em 1915 é aprovado, pelo decreto nº4317, o Serviço de Loteria do Estado de Minas Gerais. O papel da polícia, nesse caso, não seria de repressão, mas sim de colaboradora (SILVA, 2009, p.83).

Apesar da nota do jornal de Pouso Alegre citar uma lei anterior a citada pela autora acima, percebe aqui um interesse do setor público em oficializa as loterias e colaborar com sua efetiva organização. Os jornais do período fariam sua parte também divulgando os resultados e prêmios em jogo. Em Campanha, há divulgação de resultados de sorteios feitos em outras cidades e estados, como no Rio de Janeiro, quando comenta que “[...] foram ali extraídas ‘só sete’ loterias! Extraídas é um modo de dizer, pois cá pelo interior consta coisa muito diversa[...] Como, porém, o nosso povo gosta da coisa, o governo deve providenciar para que ao menos dez sejam extraídas diariamente [...]”²³⁰. Cita também, sobre o que parece ser a loteria da cidade ou do estado de São Paulo, onde divulga o resultado da extração da mesma do mês de agosto daquele ano²³¹. Percebe-se que tal atividade além de ser presente em alguns municípios do sul de Minas, também já fazia parte dos divertimentos em outras cidades e estados, dando a entender que a população da região já estava habituada em arriscar a sorte com este jogo e interessava-se muito pelo mesmo.

Entretanto, mesmo com seu caráter lícito, as loterias não escapavam também de algumas críticas e perigos quanto aos malefícios que poderia provocar em seus adeptos, dentre eles seria o vício. Um periódico da cidade de Campanha, comenta a própria notícia anteriormente publicada pelo mesmo sobre a história das loterias, ressaltando o quanto se impressiona com o fato da modificação dos costumes dos cidadãos da cidade que “[...] estão há alguns anos dominados e influenciados pelo único e triste pensamento de obter rápida fortuna, sem os esforços da própria atividade [...]. A conquista da riqueza [...] é o ideal da maioria do povo, e daí a natural atração para o

²³⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 06 set. 1895, p.02.

²³¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 31 jul. 1896, p.02.

jogo, que prende as gerais simpatias[...]”²³². Além disso, chama a atenção também a outros divertimentos desta natureza que então atraíam a atenção dos habitantes:

[...] Junte-se a esse amor pelas loterias, o resultado semanal das “poules” nos clubs de corridas em todas as cidades importantes do país e o movimento do “tapis vert” nas casas de família, nas salas de reuniões de todo o gênero, nas casas comerciais, em toda a parte enfim onde o acaso, ou a fatalidade reúne os viciosos e os amigos da ociosidade[...]”²³³.

Mais uma vez, mesmo parecendo ser uma posição contraditória, reforça que “Tudo isso é devido ao jogo e somente por ele determinado, e é inexplicável que sejam os poderes públicos os que favorecem e facilitam a aquisição do pernicioso e fatal hábito de se despender tempo e dinheiro na compra de bilhetes de loteria, de ‘poules’ e dos caprichos da sorte, confiados a um baralho de cartas.” Ao chamar a atenção das autoridades quanto ao assunto, reforça-se também que “As vítimas da jogatina já são em tão avultado número que é impossível que não chamem sobre si a atenção dos governos e dos representantes do povo no Congresso Nacional [...]” Como solução ao problema, sugere-se que “Para começar, é indispensável que se legisle sobre as loterias, extinguindo-as completamente como há muito reclama a opinião moralizada do nosso país. Depois virão outras medidas complementares, tendentes todas a combater o desenvolvimento da jogatina, que é hoje o cancro devorador da felicidade da família, da paz doméstica, do crédito e até do brio indivíduo [...]”²³⁴

Percebemos aqui a presença de outros jogos presentes naquele tempo que atraíam as pessoas, como a citação dos jogos de cartas e dos “*poules*”, que eram as apostas nos cavalos de corrida²³⁵ e que pareciam ocorrer em outras localidades. Vemos ainda um aspecto contraditório dos periódicos, ao divulgar os resultados das loterias e até a história das mesmas, mas também condena-las, deixando explícito os cuidados e perigos dos jogos de um modo geral e sugerindo até a extinção das loterias devido aos malefícios provocados pelas mesmas. Contradições a parte, o fato é que as loterias já eram uma realidade na região e se consolidava como um divertimento presente na mesma.

²³² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 14 nov. 1895, p.01.

²³³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 14 nov. 1895, p.01.

²³⁴ Ibidem, 1895, p.01.

²³⁵ Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: < <https://www.priberam.pt/dlpo/poule> > Acesso em 06 fev. 2017.

Paralelamente a regulamentação das loterias, os demais jogos denominados de ilícitos continuavam a movimentar a vida divertida de algumas pessoas das localidades aqui pesquisadas, mesmo com a proibição e vigilância das autoridades policiais, como em Itajubá, onde um dos seus periódicos ressalta o trabalho e o esforço feito pela delegacia de polícia da cidade, elogiando sua atuação dentre outras coisas, sobre o jogo, reprimindo a “jogatina pública de menores”²³⁶. Mais uma vez aqui, voltam-se a atenção sobre aqueles jogos ilícitos que tanto atraíam as pessoas e os menores, demonstrando que a repressão e o interesse por esse divertimento continuou presente nas primeiras décadas do século XX.

O fácil acesso e diversão propiciada pelos jogos contribuía muito, ao que parece, no seu forte apelo junto a parte da população das cidades do sul de Minas, entretanto isso também se devia ainda a um numero considerável de vadios e pessoas desocupadas que viam no jogo um momento de diversão junto aos colegas em situações parecidas. Para inibir essa forma de divertimento, o combate aos jogos de azar e às casas de tavolagem, seria efetuado através de prisão, apreensão de instrumentos de jogo e aplicação de multas, visando com essas ações tentar enfraquecer o vício que contaminava quase todas as classes sociais, a começar pelos mendigos, pois era acessível até aos mesmos, sendo incalculáveis os danos e desgraças que acarreta.²³⁷ No caso das notas aqui citadas referente ao combate aos jogos de azar, ressaltou-se a repressão de algumas autoridades policiais, mas também a dificuldade de se combater o vício no jogo que parecia atingir tanto os adultos e/ou os vadios, quanto as crianças de algumas localidades.

Entretanto, ao analisarmos o grande apelo que o jogo exercia junto aos seus praticantes pode-se constatar seu valor junto aos mesmos e o prazer gerado pelo ato em si, onde se conciliavam perdas e ganhos. Era mais uma maneira de se divertir e sair da rotina diária e que não envolviam grandes deslocamentos ou estrutura, uma vez que jogava-se na praça, nos bares e outros locais até o momento em que não se podia ser notado ou perseguido pela polícia, como nos lembra Silva ainda, ao dizer que:

²³⁶ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.03-04.

²³⁷ SILVA, Marina Guedes Costa. **A Moral e os bons costumes**: a experiência da cidade nas narrativas policiais (Belo Horizonte, 1897-1926). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009. p.82.

[...]acredito que apesar de também motivadas pela aquisição de dinheiro fácil, as pessoas continuavam jogando no bicho, reunindo-se para jogar cartas e frequentando casas de tabolagem por motivos que não remetem somente ao dinheiro. Elas estariam em busca do encontro com o outro, do divertimento, do prazer da aposta, do êxtase do jogo e, quem sabe, até mesmo dispostas ao sofrimento deliciosamente doloroso da perda. Enfim, jogar também era uma forma de experimentar a cidade e os espaços privados, já que se jogava em clubes, casas comerciais. Espaços estes que constituíam uma outra noção do privado que diferia daquela configurada nos lares. Mais uma vez a polícia atuava como vigilante das trocas sociais (SILVA, 2009, p.83).

Momento de prazer, diversão e encontros, as reuniões para o jogo permitiam aquelas pessoas vivenciarem práticas que conduziam as mesmas a momentos também de socialização e até confronto com as normas sociais estabelecidas pelas elites e pela polícia, revelando tensões e discordância quanto aos ideais de progresso e modernidade impostos a todos indiscriminadamente e que se baseavam também na ideia de uma cidade limpa e civilizada. Além disso, pode-se constatar que os jogos que envolviam apostas em dinheiro pareciam ser os mais perseguidos e condenados naquele tempo em virtude dos malefícios trazidos pelos mesmos e também por seu apelo junto aos vadios. Assim, acredita-se que, segundo Souza:

O que justificava a proibição dos jogos de dados e cartas, na prática os alvos primordiais da repressão empreendida pelas autoridades públicas, era o vínculo frequente dessas práticas com as apostas em dinheiro. Essa forma de divertimento era vista com muita desconfiança, pois tenderia a levar os indivíduos a degradação física, financeira e familiar, em decorrência das paixões e comoções que provocava ou por conta do vício que incitava (SOUZA, 2010, p.154-155).

Isso era o que também justificava ao que parece a repressão ao jogo nas cidades aqui estudadas, ao contrário do que ocorria com os jogos denominados de lícitos, como o caso das loterias. Para Silva (2009), a justificativa legal e da polícia era baseada em uma dualidade que coloca de um lado os miseráveis, apostadores pobres ou ricos e de outro os promotores da jogatina que enriqueceriam às custas dos infortunados apostadores que se deixavam enganar pelas apostas falsas ou promessas de dinheiro fácil.

Mais uma vez nota-se as contradições próprias de hábitos, modelos e projetos buscados por uma sociedade que não conseguia implementar por completo todos ideais almejados por suas elites, onde os divertimentos seriam fortemente marcados por aquilo “que se queria”, em contrapartida a “aquilo que acontecia” e se

efetivava na vida social, marcada por muitas tensões e contradições, como o caso dos jogos lícitos e ilícitos. Concorda-se aqui com Vilhena (2008) ao nos dizer que:

À sua maneira, cada jornal dava visibilidade a certos eventos sociais, ora operando sob um discurso autorizador, privilegiando práticas culturais agora valorizadas, ora sob seu oposto, criticando, ou mesmo, marginalizando outras que estavam em desacordo com o modelo civilizado e moderno que se pretendia para a cidade (VILHENA, 2008, p. 71).

Os jogos, lícitos ou ilícitos, geraram discordâncias e discrepâncias quanto ao seu uso e significado, dependendo de quem o praticava ou simultaneamente também o condenava. A polêmica e diferença na compreensão dessas denominações dos jogos daquele tempo apontam de acordo com os autores já citados que aqueles jogos denominados de ilícitos envolviam apostas em dinheiro e não tinham o controle do Estado sobre os mesmos. As loterias pelas características citadas nos periódicos e na legislação do período, a diferenciavam por ter o controle do Estado e por esse motivo estariam incluída naqueles jogos denominados de lícitos. Entretanto, para Magalhães (2005, p.48), nesse debate a questão mais importante nunca foi a da suspensão ou proibição das apostas, mas sim quem poderia apostar, aonde e como.

Cabe-nos supor ainda que os praticantes dos jogos aqui citados poderiam ser membros da elite local, além dos vadios, crianças e aqueles que de um modo ou de outro se viam atraídos por esse divertimento. Souza (2010) que estudou esse divertimento na cidade do Rio de Janeiro, nos dar algumas pista sobre quem poderiam ser essas pessoas:

Praticados nas residências, botequins e casas comerciais, o jogo era apreciado por escravos, homens pobres livres e pela elite. Era um divertimento comum, difícil de ser circunscrito a um espaço específico, assim como parece inadequado atribuir a determinado seguimento econômico ou social um pendor especial para esse hábito (SOUZA, 2010, p153-54).

Alguns divertimentos que existiam ou que passaram a existir foram também afetados nas práticas e nos discursos de quem vivia naquele tempo. Talvez por isso, os jogos aqui citados e outros que também poderiam estar presentes naquele tempo e então praticados pelas pessoas da época, possam ser mais explorados por pesquisas futuras que busquem identificar mais a fundo quem eram os sujeitos que então estavam experimentando as cidades e suas possibilidades e que buscavam nos jogos a diversão, o

prazer e o encontro especificamente na região aqui pesquisada. Quais os jogos eram os mais praticados? Quem eram as pessoas que buscavam a diversão junto aos jogos lícitos e ilícitos daquele tempo? Esses e outros questionamentos podem ser pistas de futuros estudos e investigações nessa região ou em outras de interesse daquele que se debruçar sobre o tema.

4.2 A prostituição e a vadiagem

As fontes demonstraram que havia naquele tempo alguns aspectos muito comuns em cidades que cresciam em número de habitantes e em extensão de seu território. Refiro-me a população denominada de vadios, compostos na maior parte das vezes de indivíduos desocupados, alguns pedintes e pobres, e também as moças “*desocupadas*”, como eram citadas por alguns periódicos e que comumente eram associadas ao meretrício. Essa população foi também alvo dos comentários e notícias divulgadas por alguns periódicos que, em consonância com alguns membros das elites da época, viam na presença desses indivíduos algo que destoava daqueles ideais de cidade limpa, higiênica e civilizada.

A população de vadios parecia aumentar paralelamente ao passo que as cidades iam crescendo e se desenvolvendo, frequentando bares, praças e demais locais públicos de algumas localidades, atrás de alguma distração, diversão ou trabalho. Para alguns periódicos essa população de vadios eram em parte composta por pessoas que faziam o uso exagerado da bebida, cujo vício os levava também a miséria e a perambularem pelas ruas e praças de algumas localidades. Um jornal da cidade de Campanha, deixa isso transparecer quando comenta os “abuso de alcoólicos”, e sua preocupação com o uso excessivo do álcool, que “[...] não só degredava a natureza humana, como difama o caráter individual, facilitando o aquisição de todos os vícios e misérias”²³⁸. Verificamos aqui que alguns cidadãos exageravam nos momentos de diversão, frequentando os bares e tornando-se viciados nas bebidas alcoólicas.

Esse mesmo periódico alerta que a população de vadios parecia ser um problema também da região e que precisava ser de algum modo combatida, ao comentarem sobre “A vagabundagem”, citando que era crescente o número de vagabundos e ébrios em todas as povoações mineiras e que, julgavam ser seu dever

²³⁸ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 set. 1893, p.01.

“mais uma vez chamar para esse assunto a patriótica e humanitária atenção dos depositários da autoridade pública.” Além disso, lembrava que os leitores e amigos da folha tem pedido que o jornal se ocupe desse “[...]gravíssimo mal social e isso é indício de que ele existe e permanece por toda a parte, graças a absoluta indiferença das nossas por demais generosas autoridades”. Segundo o periódico “As tavernas estão cheias, dia e noite, de vagabundos conhecidos, que, sem respeito algum ao público e especialmente as famílias, nelas se reúnem como em um centro querido, a trocarem desaforos, palavradadas e muitas vezes em luta corporal, sem que haja quem se lembre de por um paradeiro a esses excessos”,²³⁹.

Percebe-se que a preocupação com os vadios e a bebida partia também dos leitores dos periódicos, que denunciavam que aquelas pessoas causavam tumulto nas “tavernas” e ali permaneciam por bastante tempo divertindo-se com seus pares e regado a muita bebida. Vemos uma localidade com um número significativo de locais de divertimento que atraía algumas pessoas que encontravam na bebida momento de encontros e também desavenças. Essa preocupação do periódico, também motivada por seus leitores, buscava apoio ainda das autoridades no sentido de que coibissem tais atos degradantes para os mesmos e também nos dão pistas de que muitos daqueles vadios já eram conhecidos por parte da população.

Tal problema não se restringia apenas a cidade de Campanha, mas “[...]em todos os pontos das nossas povoações se vê pessoal valido para o trabalho em criminosa inércia, em grupos ou isoladamente, entregue ao vício, habituando-se a insolência e naturalmente vivendo do furto[...]”. Assim sugeriam que para que se modifique a situação bastava que se cumprisse o que a lei ordena e “[...] que as nossas autoridades pusessem em efetividade somente os artigos 396 e 399 do código criminal”, sendo que o primeiro deles cita que “Embriagar-se por hábito ou apresentar-se em público em estado de embriaguez manifesta: - pena etc. etc.”, já o segundo dispõe “deixar de exercitar profissão ou ofício em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida pela lei ou manifestamente ofensiva da moral e bons costumes; - penas, etc. etc.” Desse modo, argumentava-se que “será um sonho, uma utopia ou uma ilusão impossível ver observadas as disposições somente desses dois artigos do código criminal brasileiro?

²³⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 22 dez. 1893, p.01.

Deixamos a resposta ao patriotismo e sentimentos cívicos dos depositários do poder público”²⁴⁰.

Percebemos o valor atribuído ao trabalho, o qual impediria que as pessoas se entregassem ao vício e a ruína, os quais levavam alguns a inclusive praticarem o furto. Esse problema por ser uma realidade não apenas nessa localidade e região, levou as autoridades estipularem leis e punições aos praticantes da vadiagem e bebedeira em público. Vemos um controle de alguns periódicos e autoridades buscando legislar sobre alguns divertimentos de sua população que não condiziam com o esperado pelos mesmos nem com aqueles ideais de um povo civilizado. Como nos esclarece Silva (2009), citando o exemplo de Belo Horizonte:

A mendicância e a vadiagem apresentaram-se como um dos grandes desafios para a polícia. Representavam um problema duplo para a cidade: ocupação inapropriada dos espaços e do tempo. Transformavam a rua, lugar de passagem desejado como higienizado e civilizado, em lugar de permanência ociosa, além de, aparentemente, negarem a lógica de ocupação do tempo com o trabalho (SILVA, 2009, p.104).

É o que parecia acontecer também na cidade de Campanha e em outras localidades de acordo com os periódicos, revelando que as ruas, praças e bares contavam com uma presença significativa de pessoas “desocupadas” se divertindo, mas gerando muita indignação por parte de alguns cidadãos. Esta preocupação também esteve presente na cidade de Itajubá, onde um de seus periódicos, anos mais tarde, comenta sobre a atuação do delegado de polícia da cidade sobre a vadiagem, regulamentando alguns divertimentos e reprimindo a prática de outros²⁴¹.

Essa preocupação com uma população muito envolvida com a vadiagem e a bebedeira era grande e presente já há algum tempo na região, como em Campanha, onde há comentários sobre o esforço do “Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello”, chefe de polícia de Minas, que “[...] está patenteando o mais louvável e moralizador zelo na repressão da vadiagem e para esse fim reuniu em folheto as instruções que devem servir as autoridades policiais do Estado, a quem cabe o humanitário dever de auxiliar dedicadamente seu ilustre chefe, nesse empenho digno dos maiores elogios”²⁴². Esta nota não publicou o conteúdo do folheto citado, mas com a mesma, percebemos

²⁴⁰ Ibidem, 1893, p.01.

²⁴¹ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.03-04.

²⁴² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 10 jun. 1894, p.03.

novamente que o problema da vadiagem não se restringia a esta localidade, mas também outras do estado. Ao publicar a nota, o periódico da cidade reforça sua preocupação com o problema solicitando apoio e ação das autoridades da cidade no sentido de combater o mesmo.

Essa população de vadios que perambulavam pelas ruas, praças e tavernas não foram as únicas a sofrerem a vigilância e controle de parte da imprensa e autoridades da época. Algumas mulheres denominadas de “desocupadas” e que praticavam o meretrício também estavam na mira das autoridades e elite sendo vista com pouca simpatia. Em Campanha a preocupação do “Serviço Policial” com a questão existia e destacava-se o esforço do então delegado de polícia local, “Sr. capitão Lucas”, nesse sentido que “[...] tem chamado a sua presença grande número de mulheres vadias, marcando-lhes prazo para se mostrarem empregadas, estando naquelas condições, segundo relação que nos foi mandada, as seguintes: - Ignácia Rodrigues Mendes, Francisca Luiza, Maria, irmã de Francisca Luiza, Hortência dos Santos, Carlota da Veiga, Maria dos Reis, Mathilde Ferreira, Preciliana Cândida do Nascimento, Maria da Luz, Laudoina da Gama, Alexandrina Possidônio dos Reis e Maria Madalena”²⁴³ A citação nominal de algumas dessas mulheres demonstra o interesse do jornal em deixar claro para seus leitores quem eram as mesmas e que representavam uma população de vadios condenada pelo periódico. Essa postura em divulgar esses nomes não aconteceu com a população de vadios do sexo masculino no período e periódicos aqui pesquisados.

Percebe-se que o fato de algumas mulheres estarem desocupadas, era motivo mais que suficiente das mesmas sofrerem a vigilância e controle das autoridades locais, que pressionavam as mesmas a se ocuparem de algum trabalho. Obviamente, o trabalho que se pretendia que as mesmas se ocupassem não seria necessariamente aquele ligado ao meretrício, uma vez que tal atividade também era muito condenada apesar de ser também procurada pelas pessoas da localidade.

Essa vigilância ocorreu novamente sobre as “Mulheres vadias” da cidade de Campanha, as quais foram notificadas pelo delegado de polícia da cidade, o qual marcou o prazo de 8 dias para se mostrarem empregadas, essa mulheres citadas que

²⁴³ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 mai. 1894, p.01-02.

eram “reconhecidamente vadias”²⁴⁴. Vemos que a população de vadios também era composta por muitas mulheres que por motivos variados, deslocavam-se pela cidade.

Silva (2009) ao comentar o controle e vigilância sobre as mulheres vadias, diz que o problema seria a visibilidade escancarada e pública dessas mulheres que soltas na rua supostamente evocariam o descontrole e a desordem, ofendendo os olhares dos cidadãos de bem e suas famílias e por isso, a cidade criou zonas de tolerâncias que não necessariamente configuraram-se como lugares transgressores, mas como espaços de confirmação da ordem burguesa. Um periódico de Itajubá dar certo testemunho dessa preocupação e controle dos espaços ocupados pelas mulheres ditas desocupadas, quando comenta o trabalho feito pela delegacia de policia da cidade, ressaltando que além da atuação da mesma sobre a vadiagem, jogo e cinemas, também exerceu sua vigilância e controle sobre o meretrício na cidade. A ação da delegacia “[...] registrou o meretrício e os criados de servir;[...] deslocalizou, fechando bordeis e pensões ilícitas, grande número de meretrizes da rua Eugênio Salles, bem a entrada da cidade; pôs termo ao curso frequentemente feitos pelas referidas mundanas nos jardins públicos, entre as famílias; diminuiu a jogatina pública do bicho e cartas[...]” . Lembra ainda que “de 200 meretrizes, atualmente reduzidas a 127, a estatística está assim distribuída: Matriculadas: 127; Amasiadas: 43; Empregadas: 30; Explorando o meretrício e em tratamento urgente: 28; Transferiram residência: 26”²⁴⁵.

Percebemos a existência de locais onde aquelas mulheres praticavam o meretrício e a vigilância e controle imposto junto as mesmas pelas autoridades policias da cidade. Além de destacar o combate a jogatina, assistimos autoridades locais fechando estabelecimentos onde as mulheres faziam seus atendimentos e forçando a saída de algumas delas da cidade. Percebe-se que os divertimentos já aqui citados como o jogo e a bebida, estavam ligados também aos espaços frequentados por essas mulheres, sendo um local composto de muitos atrativos para alguns habitantes da cidade e talvez de outras localidades. Além disso, chama atenção a classificação dada pelo periódico ou da policia local, as mulheres então fichadas pela mesma. Estão ali aquelas explicitamente denominadas enquanto explorando o meretrício²⁴⁶, foram também

²⁴⁴ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 27 mai. 1894, p.03.

²⁴⁵ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.03-04.

²⁴⁶ O ofício da mulher que vende o corpo- profissão de meretriz: prostituição. Ver em: <<https://www.dicio.com.br/meretricio/>> Acesso em 26 abr. 2017.

motivo de controle e vigilância as mulheres “amasiadas”²⁴⁷, as empregadas e matriculadas²⁴⁸. Observa-se que o fato de algumas mulheres estarem desocupadas ou em locais como bares ou perambulando pelas ruas, as mesmas costumavam ser associadas ao meretrício e a vadiagem e cabiam também serem objeto de controle e vigilância.

Assim como os jogos denominados de ilícitos e a vadiagem, a prática do meretrício foi algo citado em alguns periódicos, mas como esse divertimento até os dias de hoje é cercado de muito preconceito e tabus, é compreensível não termos identificados em maior quantidade a citação do mesmo nos periódicos aqui pesquisados. Além disso, vale aqui destacar que não eram mencionadas as pessoas que procuravam por divertimentos como o meretrício, nos revelando como o mesmo também era cercado de preconceitos e sexismo, uma vez que quem era objeto de controle e vigilância eram apenas as mulheres que então praticavam o meretrício, jamais aqueles que viam no mesmo momento de diversão, prazer e fuga da rotina diária de suas vidas.

Assistimos um divertimento e pessoas invisibilizadas que tiveram seu lugar e significado na vida divertida da região, mesmo sem um destaque maior por parte dos periódicos da época, por motivos variados como aqueles relacionados a tabus, preconceitos e ideais de civilidade. De qualquer forma, a população que então habitava e transitava pelas cidades da região tinham a oportunidade de nesses momentos se divertirem e criarem laços. Talvez sejam necessários futuros estudos que aprofundem, por exemplo, sobre a prostituição naquele tempo, seu alcance, interesse e quem eram os indivíduos que tinham a oportunidade nesses momentos de se divertirem na busca pelo prazer.

4.3 Divertindo-se, mas de acordo com a moral e os bons costumes

As palavras “ordem e progresso” colocadas em nossa bandeira desde os primórdios da República, já deixava claro que o progresso tão almejado deveria vir associado a uma ordem e controle, a qual seria de responsabilidade do Estado e das autoridades, aqueles que então organizavam a vida social naquele tempo, como os políticos, policiais e o clero. Nesse sentido Miskolci nos esclarece que:

²⁴⁷ Que mantém uma relação sem vínculo legal ou forma como a estabelecida pelo casamento; Que está muito acostumado a um vício, hábito. Ver em: <<https://www.dicio.com.br/amasiada/>> Acesso em 26 abr. 2017.

²⁴⁸ Não foi encontrado um sentido atribuído a esse vocabulário pelo periódico, além daquele que é mais conhecido com o sentido de estar matriculado em algo, que pode ser curso, escola, etc.

Ordem e progresso era um mote que afirmava o papel assumido pelas elites de guiar o Brasil em direção ao branqueamento[...] A ordem não era apenas mantida pelas forças policiais já militarizadas desde o império e que lidavam com o povo como inimigo, herança até hoje não superada. Ela estava também em algo menos óbvio, ainda que não menos importante; uma ordenação do desejo (MISKOLCI, 2009, p. 37).

Esse controle e vigilância sobre o desejo das pessoas que então habitavam o sul de Minas foi evidenciado em torno de alguns divertimentos como o jogo e o meretrício. A citação aos divertimentos, desde que os mesmos não ameaçassem a moral e os bons costumes foi motivo pelo qual se divulgassem matérias nesse sentido, muitas vezes também baseados na fé católica, uma vez que para alguns periódicos “O Sentimento religioso, quando veemente e sincero, constitui seguramente uma das maiores venturas de que possa o povo gozar [...]. Na verdade é especialmente por meio da religião que o homem aprende a ser justo, honesto e patriota, dedicado a família, cumpridor de seus deveres e afinal obediente a Deus. Fora da doutrina cristã onde encontrar os elementos para aprender-se a ser assim e a bem dirigir-se na sociedade?”²⁴⁹

A leitura de alguns periódicos dão a entender a forte influência que os mesmos buscavam ter sobre a vida social das pessoas que habitavam a região e sobre aqueles que também liam suas páginas, como em Campanha quando um de seus periódicos chama a atenção de seus leitores para algumas “Leituras Nocivas” e o perigo de “[...]alguns folhetins que por ai se espalham envenenando os corações e inteligências e pervertendo-os de modo lastimável.” Sem querer citar os nomes desses jornais, destaca ainda que “[...] podiam com maior facilidade tornar seus jornais o elemento principal da educação, instrução e entretenimento das famílias e especialmente da mocidade, - e que entretanto os transforma em meios corruptores, repugnantes e desmoralizadores[...].”²⁵⁰. A concorrência de outros periódicos provoca uma reação de outros, nos chamando a atenção quanto ao conteúdo impróprio de alguns deles e deixando transparecer que o compromisso deveria ser com “a instrução, educação e entretenimento das famílias e jovens”. Nota-se uma tentativa do periódico em apontar o que seria em sua opinião leituras nocivas ou não, buscando assim interferir e influenciar nas escolhas dos seus leitores. Além disso, o periódico opta por não citar os nomes dos periódicos aos quais se referia, talvez na tentativa de evitar confronto direto com os concorrentes ou talvez evitar algum tipo de ação judicial.

²⁴⁹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 29 mai. 1895, p.01.

²⁵⁰ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 abr. 1894, p.01.

Era comum alguns periódico, como em Campanha, estamparem em suas edições notas em consonância com a moral em vigor na época com títulos como “providencias moralizadoras”²⁵¹ ou sobre o “Abuso de alcoólicos”²⁵². Com essas manchetes e outras notas já citadas, alguns periódicos dessa cidade contribuíam na disseminação de normas de conduta esperadas por seus cidadãos, exercendo influência a sua maneira na formação desses hábitos. De acordo com Silva:

Existia um discurso moral hegemônico que valorizava e colocava como corretos determinadas maneiras de se comportar, agir e reagir aos estímulos da cidade (lugar de encontros, das diferenças que, por isso, é capaz de produzir vivências múltiplas ligadas aos divertimentos, aos desejos, aos prazeres). Esse discurso pretendia conformar uma sensibilidade através da normatização, regulação e moralização dos costumes. Para tanto, foi acionado um dispositivo disciplinar no qual a polícia se conformou como uma das instituições mediadoras entre o discurso moral e a população, pois normatizava, vigiava e regulava a circulação e o encontro de pessoas e as vivências produzidas a partir deles, sobretudo, aquelas ligadas aos divertimentos que quando assumiam os códigos de outra moral, a libertina, da desordem, do prazer e do desejo, foram condenadas e criminalizadas (SILVA, 2009, p.112-113).

Exemplos nesse sentido podem ser percebidos nas páginas dos periódicos, como ao tratarem sobre os cinemas deixando transparecer que a moral e bons costumes de que tanto apregoavam os mesmos estariam relacionadas aos aspectos que não fossem “[...] atentatórios das nossas instituições nacionais ou estrangeiras, aos bons costumes e a decência pública”²⁵³.

Esse discurso hegemônico da época encontrava apoio junto aos periódicos de outras cidades como em Itajubá, que também estampavam em suas páginas títulos similares onde deixavam transparecer um certo tom moralista. Quando comenta, por exemplo, sobre a “dissolução dos costumes e absurdos da moda”, ressaltando a das mulheres lembra que: “[...] Basta considerar as modas femininas... Falam que os vestidos são curtos, por demais decotados e, portanto, impróprios de serem usados pelos representantes do sexo frágil.” Mas de forma contraditória lembra que “Não há razão para tamanhos clamores... Os vestidos curtos e decotados em demasia são até muito bonitos para... as ‘mulheres dos outros!’...”²⁵⁴. Essa crítica do jornal quanto a vestimenta de algumas mulheres que transitavam pelas ruas e praças da cidade, reforça

²⁵¹ Monitor Sul Mineiro, Campanha, 17 jun. 1894, p.01

²⁵² Monitor Sul Mineiro, Campanha, 11 set. 1893, p.01

²⁵³ Colombo, Campanha, 19 jun. 1920, p.02.

²⁵⁴ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.02.

um papel no qual a mulher de família deveria se enquadrar, mas aceitando que algumas até poderiam ter uma postura diferente desde que fosse dos “outros”. Vemos uma matéria carregada de simbolismos sobre o papel esperado das mulheres e cercado de um tom machista, valores também muito presentes naquele tempo que buscavam interferir no modo como as mulheres deveriam se comportar. Apesar de divulgar que “falam que os vestidos são curtos”, o periódico não cita quem são aqueles que fazem tal afirmação, mas nos dá a entender que era a sociedade da época condenando tal postura, cuja um de seus divulgadores eram os periódicos do período.

Esse mesmo periódico citado de Itajubá também reforça os valores religiosos defendidos pelo mesmo ao publicar em seu editorial que

Nunca é demais insistir sobre assuntos morais, ou problemas religiosos, por esses dias estéreis que atravessamos [...] Consolo-me, envaideço-me de ser um dos poucos pioneiros da santa cruzada da regeneração dos costumes pela fé, acompanhando, de longe mas com entusiasmo, o movimento que, entre outros povos, se vai largamente desenvolvendo no sentido de fazer triunfar o espiritualismo, assente na ideia de liberdade como a compreende o catolicismo, sobre o racionalismo[...]²⁵⁵.

Além disso, ressalta ainda “[...] o indiferentismo dos que dirigem a instrução pública no católico Estado de Minas.” e questiona os professores que se dizem cristãos “[...] por que não promovem a colocação da imagem de Cristo em suas salas de aula”?²⁵⁶

Nota-se os valores defendidos pelo periódico baseados na fé católica como única e importante na formação do caráter, defendendo que a mesma seja ensinada também nas escolas do estado. Além disso, há uma forte influência europeia no discurso religioso do periódico, que então buscava influenciar a sua maneira, naquilo que considerava uma “santa cruzada”, como expresso na nota acima, de regeneração dos costumes, e também no modo das pessoas se portarem e provavelmente também nas escolhas quanto aos divertimentos buscados pelas mesmas.

Um periódico da cidade de Pouso Alegre também deixa transparecer o caráter moralizador assumido na época, como o caso do Jornal Semana Religiosa da cidade, periódico da igreja local, que também muito citou em suas matérias notas com forte caráter de vigilância e controle. Esse controle também era exercido de forma muito

²⁵⁵ Tribuna Mineira, Itajubá, 09 mar. 1924, p.01.

²⁵⁶ Ibidem, 1924, p.01.

forte dentro dos seus templos, contendo algumas recomendações e normas de posicionamento e conduta na Catedral da cidade, onde haviam lugares reservados para os homens e aqueles para as mulheres e a conduta dos mesmos durante os cultos²⁵⁷. O controle e vigilância sobre as pessoas já deveriam começar na própria igreja e, como consequência dessa divisão e tratamento diferenciado dos papéis masculinos e femininos considerados adequados, o periódico buscava interferir assim na conduta esperada pelos mesmos e ainda em como cada um deveria se portar e se divertir.

Um exemplo dessa vigilância e controle sobre os divertimentos pode ser visto nesse mesmo periódico de Pouso Alegre ao comentar sobre as “Danças modernas”, fazendo sua crítica sobre esse divertimento da época, ao ressaltar que:

Intenta-se hoje em dia, procurar a felicidade na agitação, no atordoamento, no torvelinho da mundaneidade[...] A verdadeira felicidade está no repouso do espírito; é um sentimento de paz e de tranquilidade, mas nunca um frenesi dispersivo das energias do coração. Que papel ridículo, mas sobretudo, que mal sem nome realizam os pais que cercam os filhos de todos os aparatos imagináveis, no sentido de desviá-los dos desgostos e contrariedades, satisfazendo em sua vontades, para os tornar felizes! [...] ²⁵⁸.

E nesse sentido destaca que “[...] vemos que a sociedade moderna quer entontecer, no turbilhão do gozo material, para não sofrer [...]” ²⁵⁹.

Vemos aqui uma forte crítica aos prazeres buscados naquele tempo, característicos de uma sociedade que se modernizava e, ao criticarem as famílias que também contribuem que seus filhos busquem por prazeres que consideravam inapropriados e fora dos padrões morais da época, busca influenciar os mesmos e apontar que a felicidade, a seu ver, estaria numa vida mais tranquila e distante dos prazeres oriundos da sociedade moderna.

Ao citar o caso da dança, o periódico frisa que:

Dos recursos a que tanta gente se apega para obtenção do prazer mundano é a dança um dos mais conhecidos [...] A dança actual constitui um fator poderosamente a tivo da destruição dos bons costumes. O “fox-trot”, o “Charleston”, o tango delirante representam uma fonte de graves desordens que entenebrece muitos lares. Arrancam dos corações virginais a inocência, destruindo-lhes a virtude e ensinando-lhes a malícia [...] ²⁶⁰.

²⁵⁷ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 02 abr. 1927, p.03.

²⁵⁸ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 12 mar. 1927, p.01-02.

²⁵⁹ Ibidem, 1927, p.01-02.

²⁶⁰ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 12 mar. 1927, p.01-02

Além do destaque dado aos estilos de dança que o periódico condenava, ressalta ainda que “As danças modernas principalmente, com seus exageros, as suas liberdades, os seus contatos indecorosos são na expressão de Brantome, uma caracterizada prostituição [...]”. Para o periódico não era só a moral que a dança se opõe, mas também constitui um problema médico e “[...]causa direta de grande número de perturbações psíquicas. Também a higiene condena, como gravemente lesiva da saúde geral[...]” e ao comentar sobre como são os salões de festas e as danças ali presentes, cita o caso de um cavalheiro que ouviu o seguinte conselho: “Si tenciona levar a sua esposa, não aconselho que vá; se tem de ir sozinho, não há coisa melhor...” Tal fato, segundo o periódico “[...]dá perfeitamente a ideia do que são os saraos elegantes nesses centros de diversões perversas[...]”²⁶¹.

Essa nota nos permitir conhecer mais sobre um divertimento procurado pelas pessoas da cidade, mas muito vigiado e condenado por alguns setores da sociedade da época. Ao citar aqui danças muito praticadas ali como o “fox-trot”, “Charleston” e o “tango”, nos permite conhecer ritmos variados de danças apreciadas pelas pessoas, mas carregado de muito contato e que causava espanto e descontentamento por parte de alguns. O periódico deixa isso claro, associando ainda à ideia de prejuízo a saúde de seus praticantes e reforçando principalmente o caráter maléfico da dança principalmente para as mulheres, já que as mesmas sofriam maior controle quanto ao modo de vestir e se divertir. Ele encerra esse trecho da nota alertando o que poderia ser esses momentos de diversão e onde os mesmos ocorriam, como por exemplo no clube da cidade.

Além de citar os aspectos maléficos da dança, a relaciona ainda com os preceitos religiosos, afirmando que:

[...] então a dança moderna é absolutamente intolerável[...] As danças tão extravagantes do ponto de vista moral criam, não há de negar, uma situação, em qualquer hipótese, bem difícil na existência de uma donzela[...] a felicidade que se procura nos lances aventureiros das reuniões alegres, que perpetuam, hoje em dia, nos salões dançantes, os excessos condenáveis das folias carnavalescas de outras eras, reduz-se a uma simples utopia[...]²⁶².

²⁶¹ Semana Religiosa, Pouso Alegre 12 mar.1927, p.01-02.

²⁶² Ibidem, 1927, p.01-02.

Nesse sentido aproveita para reforçar que “nada mais justo, portanto, nada mais razoável e dignificante do que a oposição formal da Igreja as danças libertinas que cretam em tantos corações bem formados as mais viçosas e belas virtudes cristãs”²⁶³.

Ao encerrar a nota deixando claro sua condenação a dança devido aos preceitos religiosos defendidos pelo mesmo, o periódico busca exercer sua influência e controle sobre mais um divertimento praticado por alguns habitantes da cidade, reforçando os malefícios do mesmo principalmente para as mulheres. Reforça-se mais uma vez valores pautados na religião, buscando intervir no modo das pessoas se divertirem e também uma imprensa parceira nesse sentido. Além disso, a mesma reconhecendo os divertimentos como elementos que conduziriam a cidade aos patamares desejados, não se furtavam em difundir um discurso controlador e moralista, referendando algumas práticas consoantes com o modelo civilizado e rechaçando aquelas consideradas desviantes ou impróprias (Vilhena, 2008).

Vemos um órgão da imprensa exercer seu controle e normatização do que era também esperado pelas pessoas no momento em que as mesmas se divertiam e se socializavam. O alvo aqui no caso foi a dança, mas a dança onde havia a participação das mulheres, indivíduos muito vigiados quando o assunto era sua diversão e busca por encontros e momentos de prazer.

Outro alvo constante de controle e vigilância foram os cinemas que começavam a despontar como um local procurado e que gerava curiosidade nos habitantes da região sul mineira. As fontes aqui pesquisadas começam a noticiar os mesmos nos primeiros anos do século XX, havendo citações de cinemas em Pouso alegre²⁶⁴, Itajubá²⁶⁵ e na cidade de Campanha²⁶⁶. A partir do controle e vigilância exercido sobre os filmes e as salas de cinema, as autoridades regulamentaram os mesmos estipulando que “só poderão ser exibida fitas dignas e morais, não se permitindo a projeção de filmes atentatórios da nossas instituições nacionais ou estrangeiras, aos bons costumes e a decência pública”²⁶⁷. Os periódicos divulgavam em suas páginas a preocupação do governo do Estado com o assunto que prestou “[...]um relevante serviço reorganizando o cinema, quer sob o ponto de vista material, visto a

²⁶³ Semana Religiosa, Pouso Alegre, 12 mar. 1927, p.01-02.

²⁶⁴ O Sulmineiro, Pouso Alegre, 25 abr. 1915, p.03.

²⁶⁵ A Notícia, Itajubá, 27 jun. 1915, p.02.

²⁶⁶ Colombo, Campanha, 19 jun. 1920, p.02.

²⁶⁷ Ibidem, 1920, p.02.

grande influência dessa diversão popular, não só no ânimo dos homens como principalmente na imaginação viva das crianças”²⁶⁸.

A lei estadual de maio daquele ano citada, ao regulamentar os serviços e exibições das salas de cinema e que encontrou um forte apoio e aliado junto ao periódico, demonstra a preocupação das autoridades em estabelecer normas sobre o funcionamento dos mesmos. Havia ainda a preocupação com a infraestrutura dos locais de exibição²⁶⁹ e com a segurança dos expectadores, aspectos estes que caracterizam posturas e novas formas do poder público lidar com esses divertimentos que atraíam um grande público, ou seja, espetáculos em locais fechado que caracterizam divertimentos que estavam surgindo e sendo parte da vida cultural daquelas pessoas.

Além disso, percebemos o interesse do setor público de normatizar não apenas o funcionamento desses estabelecimentos, mas também de impor uma censura aos filmes exibidos, que encontrou respaldo legal numa lei estadual. O poder público assume uma postura de controle e vigilância em torno desse divertimento que se popularizava, mas que por causa disso, o Estado estava ali presente estipulando as condições de funcionamento do espaço dentro dos parâmetros morais, do que era considerado civilizado e de acordo com a faixa etária de seus cidadãos. O periódico aqui não apenas coloca-se de lado dessa visão e preocupação das autoridades públicas, como também ressalta os perigos trazidos pelos filmes na formação moral das pessoas, tornando-se um forte aliado na divulgação dessas determinações legais e de um modelo civilizatório que também acreditava ser o correto. O cinema assim torna-se objeto de forte controle e vigilância.

Essas características atribuídas ao cinema enquanto um divertimento cercado de curiosidade e controle que optamos aprofundar em outros estudos, podem servir de inspiração em mais pesquisas que debruçam sobre aspectos característicos da introdução desse divertimento e que merecem atenção de pesquisas aprofundadas no campo da diversão e do lazer. Compreender mais a fundo as motivações que levaram as pessoas a buscarem no mesmo por momentos de diversão e quem eram as mesmas podem ser reveladoras dos sentidos e significados atribuídos aos filmes em cartaz nos cinemas naquele tempo. Além disso, podem elucidar as motivações também das autoridades da época em exercer forte controle e censura junto aos filmes exibidos que

²⁶⁸ Colombo, Campanha, 19 jun. 1920, p.01.

²⁶⁹ Colombo, Campanha, 19 jun. 1920, p.01.

pareciam atrair a atenção de muitas pessoas e que poderiam por isso mesmo serem objetos também de divulgação de modelos e normas de condutas esperados pelas elites políticas, religiosas e educacionais do período.

Verifica-se que as mudanças na infraestrutura das cidades, no desenvolvimento do comércio, a chegada da ferrovia, dentre outros aspectos, transformaram a urbe no novo lócus privilegiado de vivências sociais e das tensões que vão se estabelecer na transição entre o novo e o antigo regime (Melo, 2010, p.101-102). Obviamente haveria de ter certo controle e vigilância por parte das autoridades locais no sentido de que a vivência de alguns divertimentos não fossem de encontro aos ideais baseados na ordem e no progresso. Entretanto, mesmo com certo controle os divertimentos vivenciados naquele tempo pelos habitantes do sul de Minas, também tiveram seu lugar na vida dos mesmos, sendo que alguns se reinventaram e ou se adaptaram e outros foram surgindo reivindicando seu lugar na vida divertida daquela gente.

Nesse capítulo talvez encontremos algumas pistas no sentido de compreender porque alguns dos divertimentos vivenciados pela população tiveram abordagem diferenciada e, quando os mesmos eram considerados na época contrários aos ideais de progresso e moral, como o caso dos jogos ilícitos, dos vadios e suas diversões e da prostituição. Como optamos aqui por focar nas representações da imprensa sobre os divertimentos daquele tempo, vimos a mesma divulgar com mais destaque e positivamente alguns divertimentos que se pautavam no progresso da região, como o caso das loterias e invisibilizar outros e os sujeitos praticantes dos mesmos, que de certo modo não eram bem visto ou não representavam tais ideais pautados na moral e civilidade, como o caso de alguns jogos ilícitos e da prostituição. Este capítulo pode inspirar estudos que aprofundem mais em alguns dos divertimentos aqui citados, seu caráter subversivo e quem eram aqueles que buscavam nos mesmos o prazer e a diversão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos com este estudo realizar uma pesquisa histórica sobre os divertimentos possibilitou a compreensão do quanto se pode aprender sobre um povo e lugar quando se descobre e se compreende como o mesmo também se diverte. Além disso, percebeu-se que ao se pensar a produção do conhecimento histórico como aquele que é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida, é também fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas, com necessidades e interesses e com antagonismos(VIEIRA, 2017).

O contato com os periódicos e compreensão dos mesmos enquanto objeto constituído de características explícitas e implícitas, permitiu que descobríssemos um mosaico de divertimentos vivenciados pela população das cidades aqui focadas, permeado por sentido e significados diversos. Os inúmeros divertimentos aqui citados e vivenciados pela população dessas cidades e outras próximas as mesmas, foram influenciados direta e indiretamente por uma conjuntura política e econômica que inspiraram as elites dessas localidades na busca em tornar o espaço que então habitavam enquanto um lugar com ares de moderno, mas sem perder de vistas certas tradições e valores morais e religiosos. Tal postura das elites política, educacional e do clero foi de forma contundente transcritas nas páginas dos periódicos aqui estudados, divulgando nas mesmas aqueles divertimentos vivenciados por seus habitantes, mas sempre a partir daquilo do que se queria divulgar e sob determinada ótica e moral. É nessa perspectiva que ao focarmos nas diversões, sua materialidade histórica e significado atribuído pelos periódicos e aqueles que escreviam em suas páginas enquanto testemunhas dos divertimentos daquele tempo, vemos os mesmos carregados de interfaces, contradições e características que nos dizem um pouco sobre aquela gente.

As cidade de Campanha, Itajubá e Pouso Alegre que também se destacavam na região enquanto cidades possuidora de uma elite política influente e empreendedora e de um clero também ainda muito influente na região, possuíam periódicos que ao seu modo, nos permitiu tecer a teia cultural e divertida dessas cidades e localidades vizinhas. Verificou-se que os jornais se interessaram em divulgar os divertimentos daquele tempo como forma também de demonstrar o potencial moderno de suas localidades e força de suas elites. Nesse processo de transição do século XIX para o

século XX, muito se buscava alcançar o progresso tão almejado, mas desde que o mesmo não fugisse dos parâmetros morais e ditados pela sociedade que exercia o poder, com maior ou menor intensidade, em cada uma das cidades aqui citadas.

Assim verificou-se como a religiosidade e a diversão caminharam bem próximas nesse período, onde alguns festejos persistiam em continuar como forma de manutenção da fé e crença dos habitantes nos santos e padroeiros, os quais tiveram espaço e foram divulgados nos periódicos do período uma vez que alguns de seus proprietários também enalteciam os valores da religião católica. Os inúmeros festejos religiosos aqui citados aconteciam em conjunto com elementos que buscavam manter os fieis presentes nas celebrações religiosas, mas constituindo-se de características próprias onde se embrincavam o sagrado e o profano. Como exemplo disso, estavam também ali presentes os leilões e a música que propiciaram as pessoas uma variedade de contatos e formas de vivenciar os mesmos, onde a alegria estava presente, mas o conflito e a tensão eram pouco citados ou mesmos ausentes de acordo com os periódicos que, em sua maioria, preferiram não explicitar por demais tais aspectos. Tais eventos e reuniões permitiram momentos de diversão e contato entre as pessoas que ali viviam, as quais eram constituídas de uma variedade de raças, credos e condições socioeconômicas. Essa população participava a sua maneira, seja como elementos constitutivos na organização dos festejos, seja ornamentando suas casas e ruas ou como expectadores que se entusiasmavam e aproveitavam tais oportunidades para demonstrar sua fé e/ou apenas se divertirem nessas ocasiões.

Nesse contexto, as companhias de artes dramáticas, o circo e o teatro começaram a se popularizar junto as pessoas das localidades e trouxeram consigo elementos inspirados em certa medida pelos ideais de modernidade, no sentido de que traziam novidades e geravam curiosidades junto aos habitantes da região. Os periódicos se esforçaram cada um a sua maneira em divulgar a presença desses divertimentos quando da passagem dos mesmos pelas cidades ou por contas das apresentações artísticas que eram propiciadas pelas companhias teatrais e circenses que excursionavam na região e/ou faziam parte da mesma. Constatou-se aqui um forte apelo e interesse dessas cidades com as atividades teatrais, não apenas pela presença de teatros nas mesmas, mas também por possuírem companhias compostas por atores e atrizes que já há um bom tempo vinha divertindo os habitantes da região com suas comédias e dramas. As companhias circenses não ficaram atrás uma vez que as mesmas tinham um

grande apelo junto aos habitantes das cidades seja pelo acesso facilitado ou pelo caráter também atrativo de suas apresentações. Cada um desses divertimentos levaram ao seu modo alegria e diversão a uma variedade de pessoas que então habitavam aquele pedaço de chão.

A inauguração da ferrovia na região, muito almejada por suas elites, gerou muita ansiedade nas mesmas, quanto a sua instalação, facilitando o trajeto entre as cidades e permitindo uma variedade de trocas e possibilidades. Os eventos promovidos por ocasião das inaugurações e introdução da ferrovia na região levaram multidões aos festejos os quais tiveram a oportunidade de ali se divertirem e também se orgulharem com este projeto perseguido por suas elites. Essas ocasiões foram muito divulgadas pelos periódicos como forma de também demonstrarem a força de suas elites e o potencial econômico que as ferrovias trariam para o progresso da região. Para nós ficou claro o fato de que a inauguração das mesmas nas localidades do sul de Minas permitiu que seus habitantes e demais pessoas ali presentes experimentassem sociabilidades diversas e muita diversão.

É nesse clima de euforia e busca pelo progresso que foram inaugurados estabelecimentos comerciais em algumas cidades que também foram comemorados por seus habitantes, que aproveitavam tais ocasiões para se divertirem. A passagem de autoridades políticas, religiosas ou representantes da elite local também mobilizaram as pessoas nos eventos festivos realizados para recepcionar essas pessoas. Nessas ocasiões assistimos a presença de bandas de música animando a passagem das autoridades, a inauguração das ferrovias e estabelecimentos comerciais e também nos festejos religiosos, propiciando que aquela gente pudesse se divertir ao som de muita música e comemoração em torno de fatos e pessoas.

Outro elemento que deu um certo “tom”, digamos, bem característica do momento de mudanças e transformações que aconteciam na vida cultural dos habitantes da região, foram os dias de folia com o entrudo e o carnaval. Enquanto o entrudo representava um divertimento enraizado numa sociedade mais tradicional com forte influência europeia e colonial, o carnaval trouxe elementos mais modernos, mesmo que fundidos ao entrudo, mas que o diferenciava do mesmo principalmente na forma de brincar e na introdução de novos elementos como alegorias e a crítica social. A população da região divertia-se nos dias de folia naquele tempo nas ruas, clubes ou nas sedes dos blocos que também faziam parte dos festejos carnavalescos do período. Esses

momentos também foram retratados pelos periódicos, sendo que para os mesmos o carnaval era mais preterido em relação ao entrudo por seu caráter moderno e mais civilizado e os periódicos costumavam descrever as diferenças e similaridades entre ambos, comentando em alguns momentos certa tensão que esses divertimentos estabeleciam ao disputar a atenção e preferência dos foliões. Esses dois elementos simbolizaram bem o período no sentido de que representavam em alguns aspectos formas distintas de se divertir nos dias de folia.

Outros divertimentos trouxeram consigo características próprias advindas daquele processo de mudanças e progresso almejado, como a citação da presença do fonógrafo e, principalmente, a chegada dos cinemas em algumas localidades que exerceram fascínio, curiosidade e também tensões entre as pessoas que buscavam nos mesmos a diversão e as autoridades educacionais, religiosas e políticas que tinham alguma reserva aos mesmos. Essas características atribuídas ao cinema enquanto um divertimento cercado de curiosidade e controle que optamos aprofundar em outros estudos, também podem servir de inspiração em mais pesquisas que debruçam sobre vários aspectos característicos da introdução desse divertimento e que merecem atenção de pesquisas no campo da diversão e do lazer. Como exemplos nesse sentido também citamos o caso do futebol, da “gymnástica” e citações a Educação Física, que também apareceram referências sobre os mesmos, mas que optamos em estudá-los em outra oportunidade para também melhor aprofundamento dos mesmos.

É pertinente lembrarmos também daqueles elementos presentes na vida divertida das pessoas que habitavam o sul mineiro e que simbolizavam muito do clima característicos e próprios de uma moral e bons costumes que muito se fez presente nos discursos dos periódicos e de algumas leis criadas no período. O jogo lícito ou ilícito, a vadiagem e a prostituição não poderiam ficar de fora enquanto elementos também constitutivos dos divertimentos das pessoas daquele tempo, mas que sofreram um controle e vigilância bem superior do que os demais divertimentos citados nesse estudo. O clero, membros de instituições educacionais e dos periódicos e as autoridades policiais exerceram como podiam um forte controle e vigilância em torno desses divertimentos muito procurados por pessoas das mais diversas condições socioeconômicas, raça, faixa etária, gênero e credo. Os jogos ilícitos, a vadiagem e a prostituição apareceram citados sempre de forma crítica e condenada pelos periódicos, mas nem por isso deixaram de ser elementos constitutivos dos divertimentos das

inúmeras pessoas que ali habitavam. Uma região que apresentava um crescimento no número de seus habitantes e cujos divertimentos representaram muito bem o antagonismo vivido pelas pessoas e elite da época, que se esforçavam para que suas cidades se desenvolvessem, algo que ocorreu em determinados aspectos, mas que não conseguia se livrar de outros que também representaram o modo de viver e se divertir daquela gente.

Vale aqui ressaltar que apesar de muitas vezes invisibilizadas, as mulheres tiveram seu lugar e importância quando se trata de falar sobre os divertimentos naquele tempo. Constatamos sua presença nas companhias teatrais e como integrantes de bandas musicais, revelando certo protagonismo das mesmas num período em que as mulheres eram normalmente associadas aos afazeres domésticos e cuidado na educação dos filhos. Ressalta-se o fato de que elas também sofriam forte vigilância e controle por parte de alguns membros daquela sociedade quando o assunto era seu divertimento, como citamos o caso da dança e sua vestimentas, muito criticada quando surgiam oportunidades de algumas delas saírem e buscarem por diversão ou mesma ao serem citadas nas páginas dos jornais da época. Junta-se isso ao fato da vigilância e cerceamento sofridos pelas mesmas, quando se mostravam desocupadas ou praticando o meretrício, em contrapartida as pessoas que as procuravam que não eram condenadas ou mesmo citados na ocasião que esses fatos eram divulgados nas páginas dos periódicos.

As tensões, características e formas de se divertir daquela gente são aspectos relevantes e importantes na compreensão de forma ampla da vida naquele tempo e lugar. Os divertimentos são um caso clássico se pensarmos assim, uma vez que na virada do século XIX para o século XX vemos surgir alguns divertimentos que simbolizavam um período de muitas e rápidas transformações, como por exemplo, o desenvolvimento do carnaval e seu apelo junto as pessoas, a presença das bandas de música, além do teatro e do cinema, que simbolizavam novas oportunidades de se divertir e adquirindo contornos de espetáculo e entretenimento para multidões.

Alguns aspectos aqui ressaltados em torno dos divertimentos conhecidos e vividos pelos habitantes do sul de Minas necessitam serem mais aprofundados para que se compreenda melhor o impacto e valor de alguns deles na vida das pessoas daquele tempo. Para isso, talvez seja interessante aprofundar mais em outros locais de acessos aos periódicos ou outras fontes como aquelas junto ao clero ou as instituições policiais. Logo, com esse estudo não se pretendia esgotar o assunto, mas rascunhar um recorte

específico tendo os divertimentos como foco principal, uma vez que também se conhece sobre um povo e lugar, ao se aprofundar e compreender como ele se diverte e se relaciona com os demais sujeitos que compartilham experiências diversas num dado tempo/espço.

Os dados obtidos junto a imprensa estavam impregnados de sentidos e significados próprios daqueles que escreviam em suas páginas, onde os divertimentos divulgados também eram estratégias de controle, mas também permeado por contradições onde o antigo e o novo se influenciavam e onde os divertimentos puderam fazer parte desse olhar para o futuro, mas com um foco nas tradições e valores que persistiam em continuar também na vida divertida de quem habitava a região. Assim, acreditamos que os dados encontrados puderam dar um vislumbre de alguns divertimentos que se configuraram num importante aspecto da vida das pessoas que então habitaram o sul de Minas.

Inspirado pelo poema de Guimarães Rosa que abre essa dissertação pude constatar que assim como muitas são as “Minas Gerais” ao olharmos um pedacinho de seu território, muitas e diversas também foram as formas que sua gente se divertia, se encontrava e se alegrava naquele tempo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ADÃO, Kleber do Sacramento. **Devoções e diversões em São João Del-Rei**: um estudo sobre as festas de Bom Jesus de Matosinhos. 2001. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. **À mania intoxicadora**: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no centro-oeste mineiro (1888-1930). 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del-Rei, 2016.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Intervenções urbanas e aspirações de modernização - Campanha/MG (1890-1930). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27-31 jul. Florianópolis-SC. 2015. 13 p.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Vivências urbanas: Festas e vida cotidiana na Vila de Campanha da Princesa – Minas Gerais (Século XIX). **Saeculum – Revista de História**. João Pessoa. n.27, p. 59-76. Jul./dez. 2012.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças Populares**: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX. 2000. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

BORGES, Célia Maia. **A Festa do Rosário**: a alegoria barroca e a reconstrução das diferenças, p.1224-1231. Disponível em: <<http://www.upo.asdepawebdhumaareasarte3cbdocumentos097f.pdf>>. Acesso em 09 out. 2016.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro dos velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.

CASTRO, Pérola Maria Goldfeder. Imprensa Política e Separatismo no Sul de Minas Gerais, Século XIX. **E-Hum**, Belo Horizonte, vol.3, n.1, 17 p. 2010.

CRÔNICA de Amadores. Gazeta de Pouso Alegre, 13 fev. 1927. p.02. CARVALHO, Jailson Dias. Diferentes formas de lazer no espaço público de Montes Claros (MG): os espetáculos mambembes, os divertimentos óticos e sonoros e o cinematógrafo. **Revista Eletrônica Cadernos de História**. s/1, ano 8, n.1. p.165-193, julho de 2013.

CUNHA, Alexandre Mendes. Esses espaços das Minas Gerais: considerações a cerca de um conceito dinâmico de região e seu uso à interpretação dos processos espaciais

incurso entre os séculos XVIII e XIX. SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 11, 2004. p. 1-26. **Anais...** Disponível em: <<http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A063.PDF>>. Acesso em 05 set. 2016.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo.** Disponível em: <[www.ebooksbrasil.com/eLibris/sociedade do espetaculo.html](http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/sociedade_do_espetaculo.html)>. Acesso em 14 ago. 2017.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Circo (2017). Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=circo>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Girandola (2017). Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/girandola>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Tavoagem (2017). Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=yVYPd>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Tombola (2016). Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=tombola>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

DICIONÁRIO ON LINE DE PORTUGUÊS. Meretrício (2017). Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/meretricio/>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Amasiada (2017). Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/amasiada>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Poule (2017). Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/poule>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses:** espetáculo de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. 1993. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Unicamp, Campinas, 1993.

GAMBI, Thiago Fontelas Rosado *et al.* O processo de urbanização do sul de Minas em transição. In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 15. Diamantina: Cedeplar/UFMG, 2012. 20 p.

GAMBI, Thiago Fontelas Rosado; MEGDA, Andreia Vieira. **Créditos e bancos no sul de Minas Gerais (1917-1927):** reconstituição da história econômica em sua transição para o capitalismo. ICSA/UNIFAL-mg, 2012. Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/economia/sites/default/files/economia/3_relatoriosPP/Relat%C3%B3rio%20final_FAPEMIG.pdf>. Acesso em 05 set. 2016.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História:** questões & debates. Editora UFPR, Curitiba, n. 43, p. 73-86. 2005.

MAGALHÃES, Felipe Santos. **Ganhou leva... Do vale o impresso ao vale o escrito:** uma História Social do Jogo do Bicho no Rio de Janeiro. 2005. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MARTINS, William de Souza Nunes. Paschoal Segreto e a criação do mercado de diversão no Rio de Janeiro. In: MARZANO, Andrea. Melo, Victor Andrade de (orgs). **Vida divertida:** história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 240-274.

MARZANO, Andrea. A magia dos palcos: o teatro no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, Andrea. Melo, Victor Andrade de (orgs). **Vida divertida:** história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 97-123.

MARZANO, Andrea. MELO, Victor Andrade de (orgs). **Vida divertida:** história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer:** olhares multidisciplinares. Campinas: Alinea, 2010.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer:** conceitos: uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de. O Lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: YSAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. (orgs). **Estudos do lazer:** um panorama. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 65-80.

MINAS GERAIS. **Anuario Histórico-Chorographico de Minas Gerais.** Belo Horizonte, 1909.

MISKOLCI, Richard. Uma história da República. **Revista Cult. Edição especial.** São Paulo, n.6, p.35-37, jan. 2016.

MONTEIRO, Norma de Goes. **Imigração e colonização em Minas.** Belo Horizonte: UFMG, 1973. 213 p.

NASCIMENTO, Luciana Marinho. **A cidade de papel.** Rio Branco: Edufac, 2011. 178 p.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de, 1832-1893. **Minhas Recordações.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987.

ROSA, João Guimarães. Texto publicado na revista “O Cruzeiro”, em 25 de agosto de 1957. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-declaracao-de-amor-de-guimaraes-rosa-a-mineiridade>. Acesso em: 01 ago. 2016.

RODRIGUES, Marilíta. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade:** uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. Tese

(Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SAES, Alexandre Machionne *et al.* Sul de Minas em transição: ferrovias, bancos e indústrias na constituição do capitalismo na passagem do século XIX para o século XX. In. SEMINÁRIO DE ECONOMIA MINEIRA, 14. História econômica e demografia histórica. 24 p. s/d.

SAES, Alexandre Machionne; FILHO, Antoniel Avelino. Escravidão e trajetórias das elites locais: Campanha e Pouso Alegre no ocaso da escravidão. **Cultura Histórica e Patrimônio**. Unifal-MG (Universidade Federal de Alfenas), v.1, n.1, p. 65-90, 2012.

SAES, Alexandre Machionne; CONSETINO, Daniel do Val; GAMBI, Thiago Fontanelas Rosado. Sul de Minas em transição: opção por uma regionalização como ponto de partida. In: SAES, Alexandre Machionne; MARTINS, Marcos Lobato (orgs.). **Sul de Minas em transição. A formação do capitalismo na passagem para o século 20**. Bauru: Edusc, 2012. p. 13-35.

SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro no século XIX. In. Marzano, Andrea. Melo, Victor Andrade de (orgs). **Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro(1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 125-151.

SILVA, Marina Guedes Costa. **A Moral e os bons costumes: a experiência da cidade nas narrativas policiais (Belo Horizonte, 1897-1926)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

SOUZA JUNIOR, Ronaldo Flaviano de. **Práticas de lazer em festas religiosas: um Estudo da Festa do Divino de Diamantina, Minas Gerais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer)- Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, Vera Lúcia do Lago. **A Athenas do Sul de Minas: entre a Memória e a História da Educação e Práticas: práticas e representações das elites de Campanha-1860/1930**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de História, Filosofia e Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Rev. Bras. Hist.** v.24, n.48. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200014&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 29 out. 2016.

SOUZA, João Valdir Alves de. A Festa e o Calendário Religioso na Demarcação dos Tempos da Vida Social. **Revista Desenvolvimento Social Montes Claros**, n. 4, p. 99-111. Dez., 2009.

SOUZA, Juliana Teixeira. Os jogos proibidos no tempo do Império. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (orgs). **Vida divertida**: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 153-177.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURI, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2007.

VILHENA, Kelen Nogueira. **Entre “Sãos Expansões do Espírito” e “Sarrilhos dos Diabos”**: lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895 – 1922). 2008. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

13 DE MAIO. **A Verdade**, 09 mai. 1896, p.03.

927. **Semana Religiosa** 22 jan. 1927, p. 02.

ABUSO de alcoólicos. **Monitor Sul Mineiro**, 11 set. 1893, p.01.

A CAMPANHA industrial. **Monitor Sul Mineiro**, 22 out. 1893, p.01.

A IMPRENSA em Minas Gerais (1807-1894). **Monitor Sul Mineiro**, 07 fev. 1895, p.03.

A IMPRENSA em Minas Gerais (1807-1894). **Monitor Sul Mineiro**, 07 mar. 1895, p.01.

A VAGABUNDAGEM. **Monitor Sul Mineiro**, 22 dez. 1893, p.01.

AGITAÇÃO Fecunda. **Monitor Sul Mineiro**, 25 dez. 1895, p.01.

ÁGUAS de S. Lourenço. **Monitor Sul Mineiro**, 14 jul. 1894, p.02.

AINDA e sempre... **Tribuna Mineira**, 09 mar. 1924, p.01.

AMOR ao trabalho. **Monitor Sul Mineiro**, 04 jun. 1893, p.01.

AS LOTERIAS. **Monitor Sul Mineiro**, 14 nov. 1895, p.01.

AS LOTERIAS. **Monitor Sul Mineiro**, 22 jul. 1894, p.01-02.

AUTOMÓVEL. **A Verdade**, 08 ago. 1928. p.04.

AVISO. **Semana Religiosa**, 02 abr. 1927, p.03.

BALANCETE da Festa de S. Benedicto, realizado 9 de agosto p. passado. **A Verdade**, 08 ago. 1918, p.04.

BANDA de música feminina. **Monitor Sul Mineiro**, 29 nov. 1893, p.02.

BELLO festival. **Semana Religiosa**, 29 jan. 1927, p.02.

BIJOU-Salão. **O Itajubá**, 31 out. 1920, p.03.

BORDA da Mata. **Semana Religiosa**, 12 mar. 1927, p.03.

CARMO de Rio Claro (Sul de Minas). **Monitor Sul Mineiro**, Campanha, 18 mar. 1894, p.03.

CARNAVAL. **A Verdade**, 22 fev. 1896, p.03.

CARNAVAL. **Gazeta de Pouso Alegre**, 13 fev. 1927, p.01.

CATECISMO. **Semana Religiosa**, 29 jan. 1927, p.02.

CAVALINHOS. **A Verdade**, 17 ago. 1895, p.03.

CAVALINHOS. **A Verdade**, 09 mai. 1896, p.03.

CIRCO. **Monitor Sul Mineiro**, 25 nov. 1895, p. 02.

COLÉGIO Mariano. **Monitor Sul Mineiro**, 03 jun. 1894, p.03.

COMPANHIA Dramática. **A Verdade**, 28 mar.. 1893, p.03.

COMPANHIA Dramática. **A Verdade**, 22 fev.. 1896, p.03.

COMPANHIA Dramática. **A Verdade**, 21 mar. 1896, p.03.

COMPANHIA Dramática. **A Verdade**, 18 abr.. 1896, p.04.

COMPANHIA Dramática. **Livro do Povo**, 12 dez. 1881, p. 02.

COMPANHIA Dramática. **Monitor Sul Mineiro**, 06 set. 1894, p.03.

CONCEIÇÃO de Ouros. **Semana Religiosa**, 29 jan. 1927, p.02.

DANÇAS modernas. **Semana Religiosa**, 12 mar. 1927, p.01-02, p.02.

DELEGACIA de Policia de Itajubá. **Tribuna Mineira**, 09 mar. 1924, p.03-04.

DR. José Vicente Valladão, Cidade de Passos. **Monitor Sul Mineiro**, 20 jan. 1895, P.02.

- ECHOS de um passeio. **O Itajubá**, 31 out. 1920, p.2.
- ÉDEN Bar. **A Notícia**, 27 jun. 1915, p. 03.
- EDITAL. **Minas do Sul**, 27 fev. 1892, p.04.
- EDITORIAL. **A Verdade**, 29 set. 1894, p.01.
- EDITORIAL. **A Verdade**, 18 abr. 1896, p.01-02.
- EDITORIAL. **Monitor Sul Mineiro**, 06 ago. 1893, p.01.
- EDITORIAL. **Monitor Sul Mineiro**, 27 mai. 1894, p.01.
- EDITORIAL. **Semana Religiosa**, 26 mar. 1927, p.01.
- EDITORIAL. **Semana Religiosa**, 02 abr. 1927, p.01.
- EDISON e Bijou. **A Verdade**, 08 set. 1918, p.03.
- EDISON Cinema. **A Notícia**, 27 jun. 1915, p.02.
- EDISON -Cinema. **O Itajubá**, 31 out. 1920, p.03.
- ESPETÁCULO. **Monitor Sul Mineiro**, 04 dez. 1892. p. 03.
- ESPETÁCULO. **Monitor Sul Mineiro**, 21 jun. 1893. p.03.
- ESPETÁCULO. **Monitor Sul Mineiro**, 04 jul. 1893. p. 03.
- ESTAÇÃO da Campanha. **Monitor Sul Mineiro**, 07 mar. 1895, p. 02.
- ESTRADA de Ferro. **Monitor Sul Mineiro**, 14 nov. 1894, p. 02-03.
- ESTRADA de Ferro para a Campanha. **Monitor Sul Mineiro**, 15 jan. 1893, p. 01.
- ESTRADA de Ferro Sapucahy. **Monitor Sul Mineiro**, 06 set. 1894, p.03.
- ESTRADA de ferro de Sapucahy. **Monitor Sul Mineiro**, 03 mai. 1896, p.02.
- FALTAVA esta... **Semana Religiosa**, 12 fev. 1927, p.02.
- FATOS diversos. **Monitor Sul Mineiro**, 06 ago. 1893, p.02.
- FESTA de inauguração. **Monitor Sul Mineiro**, 14 nov. 1894, p.03.
- FESTA do Divino. **A Verdade**, 19 out. 1895. p.04.

- FESTA do Divino. **A Verdade**, 02 nov. 1895. p.04.
- FESTA do Divino E. Santo. **Semana Religiosa**, 02 abr. 1927. p.02.
- FESTA de N. Senhora da Conceição. **Semana Religiosa**, 12 mar. 1927, p.03.
- FESTA de Santa Cruz. **Monitor Sul Mineiro**, 13 abr. 1893, p.03.
- FESTA de Santo Antônio. **Colombo**, 19 jan. 1920, p.01.
- FESTA de Santo Antônio. **Monitor Sul Mineiro**, 21 mai. 1893, p.03.
- FESTA de S. Sebastião. **Semana Religiosa**, 22 jan. 1927, p.02.
- FESTEJOS populares. **Monitor Sul Mineiro**, Campanha, 20 mai. 1894, p.02.
- FESTIVIDADES. **Monitor Sul Mineiro**, 18 jun. 1896, p.02.
- FESTIVIDADES. **Monitor Sul Mineiro**, 30 jan. 1893, p.03.
- FESTIVIDADE em Honra a N. Senhora do Rosário. **Monitor Sul Mineiro**, 08 out. 1893. p.03.
- FESTIVIDADE de S. Sebastião. **Monitor Sul Mineiro**, 20 jan. 1895. p.02.
- FESTIVIDADE de N. Senhora da Boa Morte. **Monitor Sul Mineiro**, 22 jul. 1894. p.03.
- FESTIVIDADE Religiosa. **Monitor Sul Mineiro**, 18 ago. 1894. p.02.
- FESTIVIDADE Religiosa. **Monitor Sul Mineiro**, 22 jul. 1894. p.03.
- FESTIVIDADE Religiosa. **Monitor Sul Mineiro**, 20 jun. 1895. p.02.
- FREGUESIA de Santa Catarina. Sul de Minas. **Monitor Sul Mineiro**, 24 nov. 1901. p.02.
- GRANDE Circo Amazonense. **Monitor Sul Mineiro**, 30 jun. 1896, p.03.
- GRANDE Circo Pierre. **O Itajubá**, 31 dez. 1920, p.03.
- GYMNASIO. **Monitor Sul Mineiro**, 21 mai. 1893, p.02.
- JUIZ DE FORA. **Monitor Sul Mineiro**, 04 jun. 1893, p.03.
- LEITURAS Nocivas. **Monitor Sul Mineiro**, 11 abr. 1894, p.01.
- LOTERIA de Itajubá. **Pátria**, 04 jul.1897, p.01-02.
- LOTERIA de S. Paulo. **Monitor Sul Mineiro**, 31 jul. 1896, p.02.

- MARIA da Fé. *Semana Religiosa*, 19 fev. 1927, p.03.
- MEETING. **Monitor Sul Mineiro**, 24 nov. 1893, p.03.
- MÊS de Maria. **A Verdade**, 18 abr. 1896, p.03.
- MÊS de Maria. **A Verdade**, 02 mai. 1896, p.03.
- MÊS de Maria. **A Verdade**, 29 set. 1894, p.02.
- Mês de Maria. **Monitor Sul Mineiro**, 11 abr. 1894, p. 03.
- MÊS de Maria. **Monitor Sul Mineiro**, 29 mai. 1895, p.01.
- MÊS de Maria. **Monitor Sul Mineiro**, 11 mai. 1894, p.01.
- MÊS de Maria. **Monitor Sul Mineiro**, 11 mai. 1894, p.03.
- MÊS de Maria. **Monitor Sul Mineiro**, 03 jun. 1894, p.03.
- MÊS de Maria. **Monitor Sul Mineiro**, 06 jun. 1895, p.03.
- MÊS de Maria em Águas Virtuosas Agradecimentos. **Monitor Sul Mineiro**, 18 jun. 1896, p.02.
- MULHERES vadias. **Monitor Sul Mineiro**, 27 mai. 1894, p.03.
- MUNICIPAL-Cinema. **Colombo**, 19 jun. 1920, p.02.
- NOTAS sobre cinema. **O Sulmineiro**, 25 abr. 1915, p.03.
- NOTA sobre o jogo de bicho. **Tribuna Mineira**, 09 mar. 1924, p.02.
- NOTA sobre o Carnaval. **Tribuna Mineira**, 09 mar. 1924, p.02.
- O PROGREDIDOR. **O Sulmineiro**, 29 mai. 1915, p.02-03.
- OS CINEMAS. **Colombo**, 19 jun 1920, p.01.
- PARTE Oficial. **Monitor Sul Mineiro**, 18 dez. 1892, p.03.
- PEDRA Branca. **O Sulmineiro**, 12 out. 1914, p.6.
- PESSIMISMOS... **Tribuna Mineira**, 09 mar. 1924, p.02.
- PHONOGRAPHO. **Monitor Sul Mineiro**, 06 nov. 1894, p.03.

PHONOGRAPHO. A grande maravilha do século XIX. **Monitor Sul Mineiro**, 06 nov. 1894, p.03.

PIC-NIC. **Colombo**, 19 jun. 1920, p. 02.

POUSO ALEGRE. **Monitor Sul Mineiro**, Campanha, 15 mar. 1895, p.02.

POUSO ALEGRE. **Monitor Sul Mineiro**, Campanha, 22 abr. 1895, p.02.

PROGRAMAÇÃO da Festa do Divino. **A Verdade**, 19 out. 1895, p.04.

PROVIDÊNCIAS moralizadoras. **Monitor Sul Mineiro**, 17 jun.1894, p.01.

QUESTÕES de ensino. **Semana Religiosa**, 19 fev. 1927, p.02.

RECLAMOS. **A Verdade**, 09 mai. 1896, p.01.

RESOLUÇÃO n. 12, de 28 de setembro de 1894. **Monitor Sul Mineiro**, 14 out. 1894, p.03.

REUNIÕES. **Semana Religiosa**, 26 mar. 1927. p.03.

SANTA Casa de Misericórdia. **Monitor Sul Mineiro**, 20 jun. 1895, p.02.

SANTA Casa de Misericórdia da cidade de Campanha. **Monitor Sul Mineiro**, 31 jul. 1896, p.02.

SANTA Ignêz. **Semana Religiosa**, 05 fev. 1927, p.03.

S. JOSÉ do Alegre. **A Verdade**, 21 mar. 1896, p.03.

SEMANA Santa. **Monitor Sul Mineiro**, 18 mar. 1894, p. 03.

SEMANA Santa. **Monitor Sul Mineiro**, 20 fev. 1896, p.01.

SEMANA Santa. **Monitor Sul Mineiro**, 11 abr. 1896, p.02.

SEMANA Santa em Santa Rita do Sapucahy. **A Verdade**, 21 mar. 1896, p.04.

SEMANA Santa. **Semana Religiosa**, 26 mar. 1927, p.03.

SEMANA Santa. **Colombo**, 22 mar. 1920, p.02.

SERVIÇO policial. **Monitor Sul Mineiro**, 11 mai. 1894, p.01-02.

SESSÃO Noticiários. **Monitor Sul Mineiro**, 16 nov. 1895, p. 03.

SÓ sete! **Monitor Sul Mineiro**, 06 set. 1895, p.02.

- TEATRO. **Monitor Sul Mineiro**, 06 nov. 1894, p.03.
- TEATRO. **Monitor Sul Mineiro**, 18 abr. 1896, p. 01-02.
- TEATRO Municipal. **Semana Religiosa**, 29 jan. 1927, p.03.
- TEATRO S. Cândido. **Monitor Sul Mineiro**, 04 jul. 1893, p.03.
- TEATRO S. Cândido. **Monitor Sul Mineiro**, 30 jul. 1893, p.03.
- TEATRO S. Cândido. **Monitor Sul Mineiro**, 13 ago. 1893, p.03.
- TEATRO S. Cândido. **Monitor Sul Mineiro**, 20 ago. 1893, p.03.
- TEATRO S. Cândido. **Monitor Sul Mineiro**, 23 ago. 1893, p.03.
- TEATRO S. Cândido. **Monitor Sul Mineiro**, 31 dez. 1893, p.02.
- TEATRO S. Cândido. **Monitor Sul Mineiro**, 11 mai. 1894, p.03.
- TEATRO S. Cândido. **Monitor Sul Mineiro**, 22 abr. 1895, p.02.
- THEATRO. **Pouso-Alegrense**, 20 dez. 1906, p. 02.
- THEATRO Municipal. **Pátria**, 04 jul.1897, p.03.
- TRENS de recreio, **Monitor Sul Mineiro**, 22 abr. 1895, p.02.
- TOM-Mix. **Gazeta de Pouso Alegre**, 13 fev. 1927, p.03.
- UMA boa ideia. **Monitor Sul Mineiro**, 14 jul. 1894, p.02.
- VADIAGEM. **Monitor Sul Mineiro**, 10 jun. 1894, p.03.
- VIDA Religiosa. **Semana Religiosa**, 22 jan. 1927, p.03.